O JORNAL DE MÁRIO FILHO
RIO, 6.ª-FEIRA, 12/5/1967 — NCr$ 0,20
ANO XXXVI N.º 11.249

Jornal dos Sports

Peixinho reforça o Bangu

Filgueiras vence atletismo

Paulo Bim volta titular

O tempo vai continuar bom durante todo o dia de hoje e a temperatura entrará em elevação abrindo perspectivas para um ótimo fim de semana na praia.

FCF chama 25 para a seleção

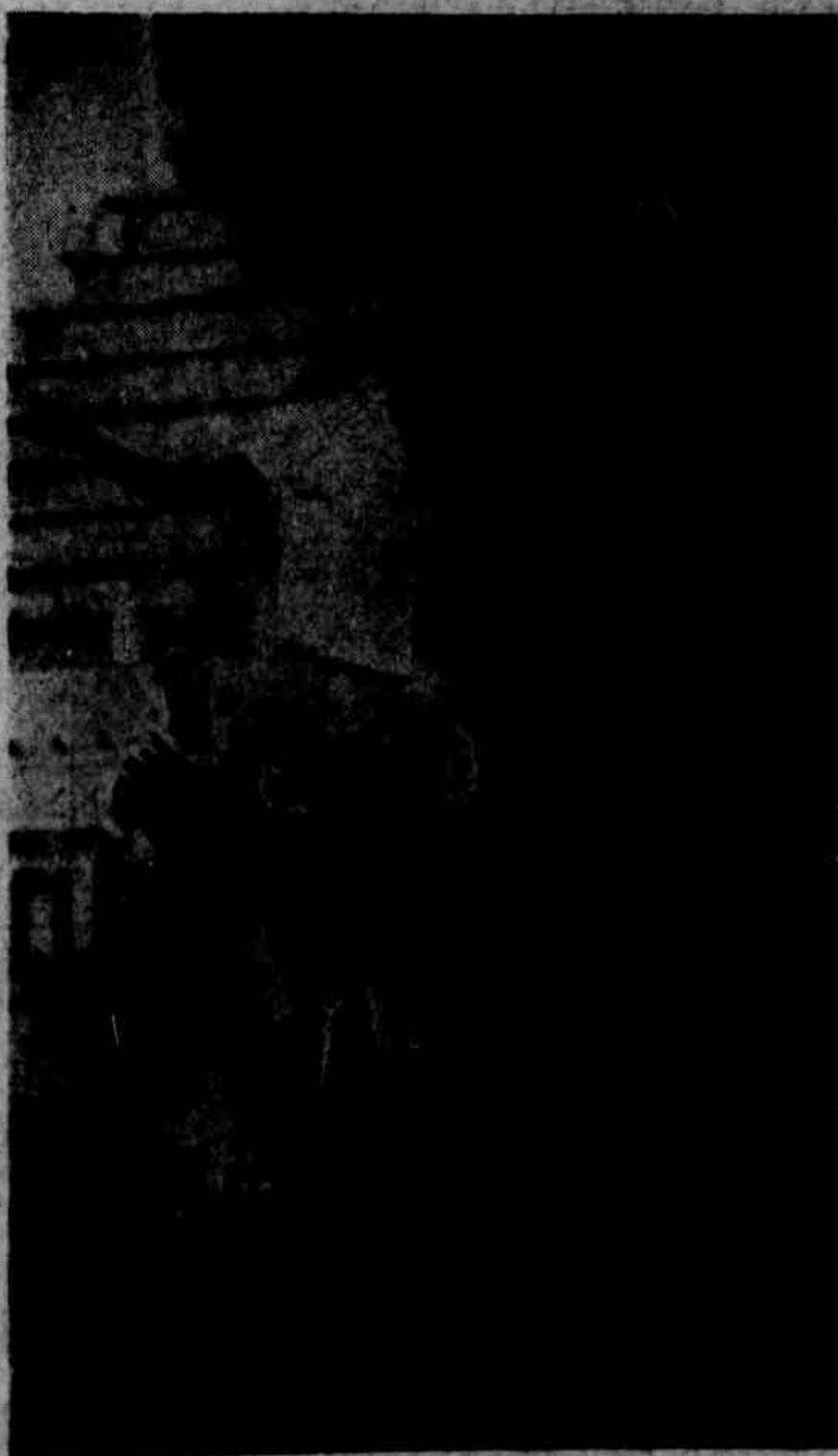
Martim Francisco diz que tem esquema para golear o Palmeiras e classificar-se para as finais do Robertão

— Com cinco jogadores de cada clube que participou do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa, a FCF divulgou, ontem, a lista de 25 jogadores convocados para formar a seleção carioca que participará, em junho, do torneio da CBD.

— Se não assinar a renovação com o Flamengo, Murilo não jogará contra o Fluminense, mas já é quase certa a volta de Carlinhos. Renga definirá o time no treino de hoje, após o exame médico.

— Tim já tem o time para o jôgo de amanhã no Mário Filho, com Mário e Cláudio no meio-campo.

FLA SÓ TERÁ MURILO SE PAGAR

Achando que defesa está boa, Tim volta suas vistas para o ataque

Nadiz Maria Sousa, do Colégio Arte e Instrução, venceu salto em altura

Bangu já tem jeito de golear Palmeiras

VASCO É CARO PARA TORNEIO

Flu certo com Mário e Cláudio no meio

DIÁRIO DO FLAMENGO

ATIVIDADES DO DEP. INFANTO-JUVENIL — A próxima rodada do Campeonato Infanto Juvenil terá lugar domingo, dia 14, às 10h, na Gávea entre Flamengo e Raio do Sol (infantil e infanto). * Pelo Campeonato de Basquetebol Infantil, Flamengo, 30 x Grajaú, 44. * Domingo próximo, êsse certame terá prosseguimento com o jôgo Flamengo x Riachuelo, com início às 9h, na Gávea. * Futebol de campo: o Flamengo colheu dois bonitos triunfos, domingo último, na Gávea, frente aos times infantil e infanto do Alvorada, respectivamente, pelos escores de 5 a 2 e 11 a 0.

ALTERAÇÃO NA DIRETORIA DO CR FLAMENGO — Na última reunião realizada no Parque Desportivo da Gávea, sob a presidência do Dr. Luís Roberto Veiga de Brito, foram resolvidas as seguintes alterações na Diretoria do CR Flamengo: para o lugar do Dr. Adib Antônio Couri, que se demitiu da vice-presidência de comunicações, foi nomeado o Dr. Jaime Quartin Pinto Filho; para a vice-presidência social, foi indicado o Dr. Israel Domingues de Oliveira, enquanto que para seu lugar, na vice-presidência do patrimônio, o escolhido foi o Sr. Ox Drumond.

TAXA DE TRANSFERÊNCIA — De acôrdo com o que ficou deliberado pela Diretoria, tornamos público, para conhecimento dos associados e interessados que a *taxa de transferência para os Títulos-Patrimoniais*, de qualquer série, foi fixada em 20% (vinte por cento) do preço vigente de venda pelo clube. Até reformulação dos valôres, a taxa de transferência será, portanto, de NCr$ 50,00 (cinqüenta cruzeiros novos), que representam 20% do preço atual de venda dos aludidos títulos, NCr$ 250,00 (duzentos e cinqüenta cruzeiros novos).

PLANTÃO NA TESOURARIA — Para recebimento de mensalidades dos sócios contribuintes, adjuntos, afins e aspirantes, a Tesouraria, instalada na sede social da Av. Rui Barbosa, 170, 4.º andar, está mantendo um plantão, no horário das 9 às 12 e das 14 às 17h, no Parque Desportivo da Gávea. Aos sábados e domingos, somente das 9 às 12h.

TAXA DE MANUTENÇÃO — Para o ingresso nas dependências do clube, os sócios-patrimoniais devem estar rigorosamente em dia com o pagamento da taxa de manutenção. Para pagamento da aludida taxa, os associados poderão fazê-lo aos cobradores credenciados pela Diretoria ou diretamente ao Departamento de Títulos, à *Av. Rui Barbosa, 170 — Bloco "C"* — Tel. 25-6000.

VASCO EM REVISTA

Jantar-dançante

Será realizado amanhã jantar-dançante com o conjunto de "Homero e seu Ritmo" e Torneio Relâmpago de Biriba, das 15 às 24h, na Sede Náutica. Traje esporte.

Homenagem ao Dia das Mães

O Departamento Social programou para o próximo dia 14 de maio, às 17h, na Sede Náutica da Lagoa em homenagem ao Dia das Mães, um espetáculo circense, constando êste programa de: Bandinha do Circo, Mágico, Palhaços, Malabaristas, o Homem Borracha, o Rola Cômico (equilibrista cômico), o incrível equilibrista chinês de fama internacional William Wû e os espetaculares musicistas excêntricos Walter e Wilma.

O espetáculo será apresentado pelo extraordinário Almeidinha. Nesta ocasião serão distribuídos balas e brinquedos através de sorteio às crianças presentes. Traje esporte.

O Departamento Social participa que estão abertas na Secretaria do clube, com D. Sueli as inscrições para a Quadrilha de *São João*.

Primeira comunhão

Encontram-se abertas as inscrições, na Secretaria do Departamento Infanto-Juvenil, às têrças, quintas e sábados, a partir das 15h e aos domingos, às 9h, aos jovens de 8 à 11 anos de idade. A primeira comunhão será realizada no próximo mês de agôsto. As aulas de catecismo serão ministradas pela Srta. Ester, às têrças e sextas-feiras.

Comunicação

Tendo em vista o grande número de correspondência devolvida pelo correio mensalmente, por insuficiência de endereço, solicitamos aos nossos distintos associados que compareçam à Tesouraria do Clube, à Av. Rio Branco n.º 181 - 9.º andar a fim de que se normalize àquele serviço.

Sócios patrimoniais

A *Tesouraria avisa que, de acôrdo com o Estatuto*, os cobradores estão apresentando os recibos da taxa de manutenção, na importância de metade da contribuição de sócio Geral, e da mensalidade dos Dependentes dos Srs. sócios Patrimoniais inscritos em agôsto de 1964. Esta cobrança inicia-se no 31.º mês de inscrição do titular, seja qual fôr a forma de liquidação do valor do título.

Aos senhores associados

A Diretoria avisa que a partir do mês de abril os Srs. Sócios Patrimoniais e seus dependentes só terão ingresso nas dependências do clube com a carteira revisada pela Tesouraria. Esta revisão será feita mediante a apresentação das carteiras acompanhadas do carnet do sócio titular na Sede na Av. Rio Branco, 181-9.º andar (Edifício Cineac).

BOTAFOGO DIA A DIA

Botafogo na seleção

Mantendo uma tradição que vem marcando a fôrça que representa o Botafogo dentro do futebol carioca e nacional, cinco jogadores do *nosso equipe de profissionais foram convocados* para servir a seleção da Guanabara no torneio da CBD, com paulistas, gaúchos e mineiros. Manga, Parada, Rogério, Jairzinho e Gérson serão os craques alvinegros que defenderão o prestígio do futebol carioca, representando a colaboração do Botafogo, que se acentua sempre que o Brasil *ou a Guanabara formam seleções.*

Dois jogadores entre os cinco convocados, Jairzinho e Rogério são produtos da política que o clube adota, já há alguns anos, de formar valôres nos juvenis e até mesmo na sua Escolinha de Futebol, de onde saiu o ponteiro direito Rogério.

A convocação de Jairzinho é motivo de regozijo para tôda a torcida alvinegra, pela particularidade de representar ela a recuperação do grande atacante, inativo desde setembro do ano passado, por fôrça de contusão.

Delegação

A delegação de futebol do Botafogo desde ontem se encontra em Belo Horizonte para jogar com o Cruzeiro, domingo, no último compromisso pelo Campeonato Roberto Gomes Pedrosa. A Comitiva alvinegra está hospedada no Hotel Cecília.

Juvenis

A Divisão de Futebol Juvenil está convocando os associados e adeptos do Botafogo para o jôgo de amanhã, com o Flamengo, pelo Campeonato Carioca de Juvenis, a se realizar em General Severiano. A brilhante recuperação do time *juvenil em sua campanha pelo bicampeonato* e a sua posição de co-líder ao lado do Flamengo, estão a merecer da torcida o apoio e o calor imprescindíveis aos jovens jogadores alvinegros.

Esterzinha perto de vencer pela 4ª vez

Roma, Itália (AP-JS) — A tenista Maria Ester Bueno, a primeira pré-selecionada, chegou mais próximo de sua meta, a de ser a primeira jogadora que ganha quatro vêzes o título feminino de simples no Campeonato Internacional de Tênis da Itália, ora em disputa na cidade de Roma.

Esterzinha venceu fàcilmente a húngara Melinda Dudoy por 6 a 1 e 6 a 0, passando às quartas-de-final do torneio jogado em quadras de pó de tijolo do Fôro Itálico de Roma. Os triunfos da brasileira nas simples se estende a quase uma década, tendo vencido em 1958 pela primeira vez, a segunda em 61 e a terceira em 65.

A única tenista que conseguiu o mesmo feito, o de vencer por três vêzes, foi a australiana Margareth Smith — esta por três vêzes consecutivas, nos anos de 62, 63 e 64 —, tendo sido para ela que Maria Ester Bueno perdeu o campeonato de Wimbledon.

As outras tenistas pré-selecionadas passaram às quartas-de-final sem maiores dificuldades. Algumas, entretanto, tiveram que lutar para consegui-lo. Numa das partidas mais demoradas do dia, Jan O'Neill Lehane, da Austrália, venceu a norte-americana Katty Harber de 6 a 4, 4 a 6 e 9 a 7.

Outra pré-selecionada, a tenista australiana Gail Sheriff, derrotou a tchecoslovaca Vlasta Vopkiova, por 6 a 2, e 1 a 6 e 6 a 2, tendo durado três horas a partida, mesmo tempo de duração da que foi jogada por Katty Harter e Jan O'Neill.

Brasileiras enfrentam peruanas

Lima (FP-JS) — A seleção brasileira de volibol feminino derrotou fàcilmente a da Venezuela por 3 a 0, parciais de 15 a 1, 15 a 1 e 15 a 0, anteontem à noite, no ginásio do Coliseo Cerrado, pela penúltima rodada do Torneio Internacional comemorativo do jubileu de prata da Federação Peruana de Volibol.

A última rodada apresentará duas sensacionais partidas: na preliminar, as brasileiras lutarão contra as peruanas, bicampeãs sul-americanas, enquanto no jôgo principal o Japão, bicampeão mundial e olímpico, enfrentará a União Soviética, que se prepararam especialmente, para esta oportunidade.

A vitória das estrêlas brasileiras sôbre as venezuelanas foi facílima, em virtude da grande disparidade de fôrças entre as adversárias. As brasileiras, apesar das derrotas para as japonêsas e soviéticas, têm demonstrado muito espírito de luta, apesar de serem inferiores tècnicamente.

Voltio venceu bem

Voltio, um filho de Denizetti e Heloá levantou o sexto páreo da noturna de ontem, sob a condução de Antônio Ramos, derrotando Massacre.

Os demais resultados:

1.º Páreo — 1.300 Metros
1.º Condessita, R. Carmo
2.º Ridare, C. Morgado
Vencedor (6) NCr$ 0.15. Dupla (44) NCr$ 0.54. Placês: (6) NCr$ 0.13. Tempo: 86 segundos

2.º Páreo — 1.000 Metros
1.º *Vareio, C. R. Carvalho*
2.º Gold Express, A. Ramos
Vencedor (1) NCr$ 0.28. Dupla (12) NCr$ 0.29. Placês: (1) NCr$ 0.15 e (3) — NCr$ 0.13. Tempo: 65"3/5. Não correu: Bacu n.º 4

3.º Páreo — 1.300 Metros
1.º Fass-Bier, S. Silva
2.º Marocas, R. Carmo
Vencedor (1) NCr$ 0.52. Dupla (11) NCr$ 1.42. Placês: (1) NCr$ 0.34 e (2) — 0.37. Tempo: 85"3/5. Não correu: Estape n.º 3

4.º Páreo — 1.200 Metros
1.º Ana Lúcia, F. Pereira Filho
2.º Sans-Mine, J. Pedro F.º
Vencedor (3) NCr$ 0.15. Dupla (12) NCr$ 0.22. Placês: (3) NCr$ 0.11 e (1) NCr$ 0.12. Tempo: 78"1/5. Não correu: Aripuana n.º 5

5.º Páreo — 1.300 Metros
1.º Haval, O. Cardoso
2.º Endeavor, A. Hodecker
Vencedor (1) NCr$ 0.17. Dupla (13) *NCr$ 0.23*. Placês: (1) NCr$ 0.11 e (4) — NCr$ 0.12. Tempo: 86"

6.º Páreo — 1.300 Metros
1.º Voltio, A. Ramos
2.º Massacre, R. Carmo
3.º Hal-Báltico, C. Morgado
Vencedor (4) NCr$ 0.26. Dupla (24) NCr$ 0.66. Placês: (4) NCr$ 0.12 (11) ... NCr$ 0.15 e (1) NCr$ 0.12. Tempo: 84"1/5.

7.º Páreo — 1.600 Metros
1.º Quatrin, J. Pedro F.º
2.º Dingo, M. Silva
3.º Digrafo, F. Pereira F.º
Vencedor (5) NCr$ 1.02. Dupla (23) NCr$ 0.50. Placês: (5) NCr$ 0.36 (3) NCr$ 0.13 e (4) NCr$ 0.51. Tempo: 105". Não correu: Aimberê n.º 8

8.º Páreo — 1.300 Metros
1.º Portofino, J. Pedro F.º
2.º G. de Paris, R. Carmo
3.º Compositor, L. Carvalho
Vencedor (4) NCr$ 0.63. Dupla (23) NCr$ 0.28. Placês: (4) NCr$ 0.44 (7) NCr$ *0.17 e (10) NCr$ 0.25*. Tempo: 85".

O movimento geral de apostas somou: NCr$ .... 309.592.78.

CAVALOS DA GB VÃO HOJE PARA CURITIBA

Os animais "El Corso", "Garôto", "El Negro" e "Dapple Gray", pertencentes aos cavaleiros Gérson Monteiro, Hélio Pessoa, Luís Marcelo Pereira e Hermes Vasconcelos Filho, respectivamente, embarcarão hoje pela manhã com destino à Curitiba, em caminhão da Confederação Brasileira de Hipismo, onde participarão do III Concurso Hípico Nacional, nos dias 19, 20 e 21 próximos.

"Mabrouck" e "Polaris", pertencentes à amazona Lúcia Faria, não mais tomarão parte na competição nacional no Paraná, *em face de sua proprietária ficar impossibilitada* de viajar, devido às provas mensais que está realizando em seu curso universitário. Lúcia Faria causa, assim, embora involuntàriamente, grande desfalque à equipe carioca.

Juntamente com os cavalos dos ginetes da Sociedade Hípica Brasileira, a Confederação Brasileira de Hipismo promoverá, hoje, o embarque das montadas dos cavaleiros da Comissão de Desportos do Exército, um total de oito cavalos. Na próxima têrça-feira seguirão os cavalos da Federação Paulista de Hipismo, também embarcados pela CBH.

Ginetes que vão

Da Sociedade Hípica Brasileira, representando a Federação Hípica Metropolitana, seguirão os cavaleiros Gérson Monteiro, Luís Marcelo Pereira, Hermes Vasconcelos Filho e Hélio Pessoa, além de mais uns dois ou três que registrarão suas inscrições até quarta-feira próxima.

Entre os ginetes que defenderão o prestígio da Comissão de Desportos do Exército, estão certas as presenças do Coronel Jerônimo Fonseca, Coronel Gilberto Romero e do Capitão Oscar Sotero. Também a êsses militares juntar-se-ão outros três ou quatro.

Os nomes que comporão a equipe de salto de São Paulo são os mais conhecidos. Ralph Weller, Raul Lara Campos, Roberto Kalil, Gianni Samaya e Jopperth são os escalados pela entidade paulista, que é a mais forte rival dos cariocas.

Convidados especial

O Secretário Geral do Ministério da Guerra, General Antônio Jorge Correia, que também exerce as funções de Presidente da Comissão de Desportos do Exército, estará presente ao III Concurso Hípico Nacional, em Curitiba, como convidado de honra da Confederação Brasileira de Hipismo.

Os concursos serão realizados na Sociedade Hípica Paranaense e dêles participarão cavaleiros da Guanabara, São Paulo, Comissão de Desportos do Exército — sòmente o I Exército —, Rio Grande do Sul e, o anfitrião, Paraná. É grande a expectativa em tôrno dessa temporada, primeira de grande importância a ser realizada no Paraná.

AZULAY VENCE FÁCIL EM JÔGO ANTECIPADO

O tenista Daniel Azulay, do Rio de Janeiro Country Clube, obteve ontem a tarde nas quadras do clube de Ipanema, expressiva vitória contra Rubens Raimundo, do Tijuca, registrando os parciais de 6 a 3 e 6 a 2, com relativa *facilidade*.

Daniel Azulay e Suzette Rasgado, ambos do Country, jogarão hoje, também às 16 horas e no mesmo local, contra a dupla mista do Flamengo, formada por Paulo Morais e Zuleica Canário, remanescentes da debandada que aconteceu, dias atrás, no Gávea.

Vitória fácil

Em prosseguimento ao Campeonato Aberto Álvaro Osório, disputado, de preferência, nas quadras do Rio de Janeiro Country Clube, Daniel Azulay, jogando fàcil e com bastante técnica, superou Rubens Raimundo, do Tijuca, por 2 a 0.

Os parciais de 6 a 3 e 6 a 2, bem mostram a facilidade do jôgo empregado pelo tenista do Rio de Janeiro Country Clube, sempre superior a seu adversário do Flamengo. O jôgo, que foi antecipado em comum acôrdo pelos dois tenistas, não apresentou grande público, principalmente por causa da mudança de data.

No jôgo seguinte, que seria disputado entre os tenistas Carlos Pinto Guimarães, do Country Clube, e Fred Maranhão, do Fluminense, o jogador do Ipanema venceu por WO. Se houvesse a partida, a opinião de todos era de que Carlos Pinto Guimarães encontraria um adversário difícil, mas não impossível de vencer.

A. SOLAR PREOCUPADO COM DECISÃO DA JDD

Embora já esteja de posse do alvará de funcionamento, de número 226, para apresentar no julgamento, possìvelmente hoje, a Diretoria do Auto Solar está meio preocupada com a decisão da JDD, mesmo sabendo que o Artigo 58 do Código Brasileiro de Futebol, no qual foi denunciado, diz que a pena é uma multa que varia de NCr$ 20 a 100.

Ontem, o Auto Solar comemorou o seu 10.º aniversário, razão por que, amanhã, a Diretoria do clube oferecerá um coquetel à imprensa, autoridades esportivas e clubes do DA. Os festejos serão iniciados às 20h, em sua sede social, à Rua Acre 222.

O time

Duas modificações estão previstas na equipe para o jôgo de domingo próximo, pela segunda rodada do Campeonato do Departamento Autônomo, do qual é o líder da série Jornalista Mário Filho, sem pontos perdidos, pois o técnico fará o retôrno de Arizinho, na ponta direita, e fará estrear Pedrinho, na ponta esquerda.

As duas modificações serão feitas visando exclusivamente melhorar a produção da equipe em campo, pois, segundo os dirigentes do clube, não há qualquer problema médico ou físico com os atletas, o que aumenta as suas esperanças quanto a uma vitória sôbre o Colégio, domingo, no campo do Manufatura.

JOÃO REINALDO LUTA PARA NADAR NOS EUA

O nadador campeão e recordista brasileiro do nado borboleta, o pernambucano João Reinaldo Neto, afirmou em carta a amigo seu, no Rio, que está se empenhando em seu treinamento, pois sua grande ambição é nadar nos Estados Unidos, cursando uma universidade americana.

João Reinaldo, que poderá chegar ao Rio por êstes dias, tendo pedido licença para antecipar sua vinda para a participação nas eliminatórias nacionais que serão realizadas nos dias 20 e 21, na piscina do Fluminense, com vistas aos Jogos Pan-Americanos, no Canadá, frisou que se encontra na melhor forma.

João Reinaldo Neto quer ir estudar nos Estados Unidos e sabe que uma das grandes chances é, também, a parte de natação, onde poderia atuar por uma universidade e ai desenvolver-se ainda mais no esporte, pois sua pretensão é alcançar um recorde mundial.

Há exemplos de outros nadadores sul-americanos que foram cursar universidades nos Estados Unidos, tais como Tetsuo Okamoto, o argentino Luís Nicolao, êste recordista mundial do nado borboleta, recorde aliás, assinalado na piscina olímpica do Guanabara.

F. FUNDIÇÃO ACERTA JÔGO COM MONTEPIO

O Federal Fundição acertou para amanhã um jôgo amistoso com o Montepio, no campo do Pavunense, dando início aos preparativos para o Campeonato Classista dêste ano. Na ocasião, o Federal fará estrear cinco novos jogadores, destacando-se, entre êles, o zagueiro-central Anildo.

Para êste jôgo, o técnico Bené, convocou os seguintes jogadores: Edve, Tião, Garcia, Janir, Anildo Júnior, Machado, Jeviet, Luís Otávio, Joel, Toninho, Jorge, Mineiro e Nilsinho. Os novos jogadores são Nilsinho, ponta-de-lança; Jeviet, volante; Luís Otávio, meia-armador; e Machado, lateral-esquerdo.

Boa iniciativa

A iniciativa do representante do Montepio — inscrever 10 jogadores que não trabalhem na firma, podendo jogar apenas 5 em cada jôgo — aceita por 6 votos a 5, na última reunião dos clubes — auxiliará bastante ao Federal Fundição, segundo seu técnico, pois assim poderá formar um time a seu gôsto.

O Montepio, por sua vez, segundo seu técnico Heitor Monteiro, está com um time muito bom, e tem tudo para destacar-se, principalmente porque, no Campeonato Classista do ano passado, empreendeu uma campanha pouco favorável e já levantou vários títulos nesse certame anteriormente.

"ROTEIRO SINDICAL"

FERNANDO MATTOS

Gráficos

Aguardam, os gráficos, a publicação oficial dos 24% de aumento salarial que lhes foram conferidos.

Tecelagem

O Sindicato de Fiação e Tecelagem estará comemorando o seu 49.º ano de fundação, no próximo dia 18, e "Roteiro Sindical" antecipa-se às congratulações que receberá, por certo, em grande número.

Enfermeiros

Iniciam-se hoje os festejos da XXV Semana de Enfermagem, que têm como ponto alto as programações da Associação Brasileira de Enfermagem e o Hospital dos Servidores.

Calçados

Dentre os 1.500 ex-empregados da "Clark", um existe que tinha 53 anos de serviços. A emprêsa propôs para pagamento das indenizações por acôrdo, 25%, mas o sindicato representativo da categoria rejeitou e está ajuizando as competentes ações. São 500 estáveis, e 30 já com mais de 40 anos na emprêsa. "Jogo duro"!

Publicitários

O Sindicato, na pessoa de seu Presidente, Sr. Francisco de Assis Correia, está chamando com urgência à sua sede, os associados da entidade, para tomarem conhecimento das exigências formuladas nos processos de registro profissional.

Marítimos

Se até hoje não houver um pronunciamento do Conselho de Política Salarial a respeito do recurso contra a decisão dêsse órgão no tocante ao aumento salarial para a classe, os marítimos "navegarão noutras águas", recorrendo à Justiça.

Fragmentos

"Não pode o empregado ser despedido pelo fato de se recusar a receber advertência escrita" (TST — RR 4.900/64).

"Os estivadores trabalhando por designação de seu sindicato não são empregados das firmas a que prestam serviço e muito menos do sindicato que disciplina a prestação de serviço" (TST — RR 2.903/64).

Chanteclair Na Rota Do Esporte

Segundo o Sr. Vitorino Vieira, as delegações do Nacional e do San Lorenzo chegarão ao Rio no próximo dia dezenove para participarem do Torneio Internacional que será promovido pelo América. De acôrdo com os entendimentos, a primeira rodada será realizada em Belo Horizonte com a participação do Atlético que logo depois será substituído pelo Vasco.

—oOo—

O Real Madri pediu a colaboração da Confederação Brasileira de Desportos para em agôsto realizar três partidas no Brasil. Os espanhóis pretendem jogar na Guanabara, em São Paulo e Belo Horizonte e as suas condições não são nada modestas. Pedem vinte e cinco mil dólares por partida além de tôdas as despesas pagas. A CBD vai informar que a época é imprópria devido à realização dos campeonatos regionais.

—oOo—

O Almirante Heleno Nunes, Diretor de Futebol da CBD, elogiou ontem o nível técnico que está predominando no Torneio Pré-Olímpico e garantiu que será possível ao futebol brasileiro constituir uma equipe de amplas possibilidades para os jogos que serão realizados no México. O Almirante Heleno Nunes elogiou particularmente a equipe do Botafogo que derrotou o Selecionado do Departamento Autônomo, afirmando que os seus jogadores lhe haviam impressionado bastante e pareceram-lhe não inferiores aos próprios juvenis daquele clube que estão liderando o campeonato.

—oOo—

Segundo o Vice-Presidente Castor de Andrade, o Botafogo de Ribeirão Prêto ficou de manifestar-se hoje sôbre o empréstimo do atacante Peixinho. Disse o dirigente do Bangu que Peixinho é um excelente jogador e a sua vinda contribuiria para fortalecer o ataque do Bangu que há muito tempo carece de um excelente ponta de lança. Observou que se o Botafogo de Ribeirão Prêto negar o empréstimo de Peixinho o Bangu insistirá junto ao América para que lhe ceda Edu para a excursão aos Estados Unidos.

—oOo—

O Palmeiras substituirá mesmo o Santos na temporada que realizará em junho no Japão. A CBD tomou ontem tôdas as providências e por êstes dias remeterá a relação da comitiva do Palmeiras a fim de que sejam expedidas as passagens. O Palmeiras receberá dez mil dólares livres por jôgo e terá a vantagem de poder utilizar as passagens para estender o seu giro por outros centros do Oriente.

—oOo—

A Comissão de Arbitragens da Confederação Brasileira de Desportos estará reunida esta tarde sob a presidência do Sr. Alfredo Curvelo. Fazem parte da Comissão o árbitro Armando Marques e o jornalista Flávio Iazetti.

—oOo—

Júlio Verne, imaginou, Hollywood filmou, a Chanteclair, concretizou e a Pan-American — num roteiro de sonho e alegrias — o transportará na sua Volta ao Mundo em 80 dias. Itinerário lírico para o Turista: Viaje todo o Japão, Hong-Kong, Paquistão, Tailândia, Irã, Havaí, Beirute, Cairo Madri. Conheça, na Madragoa, o bom vinho de Lisboa, a noite alegre e feliz de Paris. A majestade britânica e a maravilha oceânica de Capri até Saint Tropez.

Em Monte Carlo, você pode ganhar ou perder, mas quem sabe? Verá, próximos, Grace Kelly e Rainier... Faça peregrinações a Roma e Jerusalém: em Agra — Taj Mahal — segrede para o seu bem, que o amor é imortal... E os Deuses dirão: "Amém". No Panteon, em Atenas, viva a Grécia de Heroísmo; estude, na Escandinávia, o equilíbrio e realismo. Compre tulipas na Holanda, dos repuxos e canais de Reembrandt e de Van Gogh, dos girassóis magistrais e veja o enorme progresso de Berlim que sonha a paz. Depois de sobrevoar tôda a brancura polar, vibre, então, em Nova Iorque — cidade monumental — e dê um giro na Feira do Século, em Montreal. China, Índia, o mar azul da bizantina Istambul, numa excursão fascinante, por todos os continentes, revelando o que é marcante nos costumes e nas gentes. Tudo isso, CHANTECLAIR, o galinho genial, programou oferecer, pondo ao alcance de você algo sensacional: encantamento e alegrias na versão nova da outra "Volta ao Mundo em 80 Dias". Informações na Rua México, 119, 8.º andar, ou então, pelos telefones 22-3081 e 42-8688.

Jornal dos Sports S. A.

Redação, Oficinas e Administração
Rua Tenente Possolo, 15/25
Telefone: 22-2111
Publicidade: 52-0924

EDIÇÃO MINEIRA
Diretor Responsável:
JOSÉ DE ARAUJO COTTA
Diretor Superintendente:
EURO LUIS ARANTES
Chefe de Produção:
JOAO DANGELO

Av. da Bahia, 1.146 — Conjunto 905
Tel.: 4-1721

Belo Horizonte

Suc. S. Paulo - Rua Sete de Abril, 128 — 1.º andar
Telefone: 35-3669
Vendas avulsas: GB — Est. do Rio — São Paulo
Dias úteis .... NCr$ 0.20
Domingos .... NCr$ 0.30

Interior — Via Aérea — Distrito Federal

Minas Gerais:
Dias úteis .... NCr$ 0.20
Domingos .... NCr$ 0.30
Amazonas - Pará - Maranhão - Ceará - Mato Grosso - Rio Grande do Norte - Sergipe - Piauí - Pernambuco - Paraíba - Alagoas - Bahia - Goiás - Santa Catarina - Espírito Santo - Paraná - Rio Grande do Sul - Dias úteis e domingos NCr$ 0.30
Interior - Via Rodoviária, Minas Gerais e Bahia
Dias úteis .... NCr$ 0.20
Domingos .... NCr$ 0.30

Assinaturas Postais:
Anual: .... NCr$ 30.00
Semestral: .... NCr$ 20.00

Federação convocou 25 para seleção da GB

Ao anunciar, ontem, a lista de vinte e cinco jogadores convocados para o torneio de seleções que a CBD promoverá em junho, o Presidente da FCF, Sr. Otávio Pinto Guimarães, explicou que foi adotada como critério a escolha, apenas, de jogadores dos cinco clubes participantes do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa, que puderam, assim, ser observados pelo técnico Martim Francisco.

A inexplicável convocação de Jairzinho, do Botafogo, que não participou do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa, pois estava parado há nove meses, por contusão, e a coincidência de terem sido convocados exatamente cinco jogadores dos cinco clubes que participaram do certame, deixaram em dúvida a todos quanto assistiram ao ato oficial de convocação da seleção carioca.

Convocação

Desde cedo o movimento era grande na sede da Federação Carioca de Futebol, com todos os membros da comissão encarregada da seleção a postos. O técnico Martim Francisco estêve presente, mas retirou-se antes de ser lida e lista de convocados.

O ato oficial de convocação começou às 17h25m, com o Presidente Otávio Pinto Guimarães ao centro de uma mesa, onde estiveram também presentes o médico Lídio Toledo, os supervisores Flávio Costa e Castor de Andrade, o tesoureiro José Carlos Vilela e o delegado Agartino Silva Gomes.

O Presidente da FCF falou inicialmente, para ressaltar o fato de a entidade apresentar sua fôrça máxima, o que representava apoio mais que expressivo à CBD, já que o torneio de seleções, que terá a participação da Guanabara, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, figura nos planos da entidade máxima, como o início da preparação para o certame mundial de 1970. E concluiu com a indagação de que se outras entidades darão o mesmo apoio à Confederação.

Novos e antigos

Ainda o Sr. Otávio Pinto Guimarães, já então rodeado de microfones, fêz a leitura dos vinte e cinco nomes, que são os seguintes:

Goleiros — Ubirajara (Bangu), Manga (Botafogo) e Jorge Vitório (Fluminense).

Zagueiros laterais — Fidélis (Bangu), Jorge Luís (Vasco), Paulo Henrique (Flamengo) e Oldair (Vasco).

Zagueiros centrais — Jaime (Flamengo), Mário Tito (Bangu), Brito (Vasco), Altair (Fluminense) e Fontana (Vasco).

Meio-campo — Denílson (Fluminense), Gérson (Botafogo), Jaime (Bangu) e Carlinhos (Flamengo).

Ponteiros — Paulo Borges (Bangu), Rogério (Botafogo), Rodrigues (Flamengo) e Lula (Fluminense).

Pontas-de-lança — Ademar (Flamengo), Nei (Vasco), Mário (Fluminense), Parada (Botafogo) e Jairzinho (Botafogo).

Roteiro

A apresentação dos jogadores convocados foi marcada para o dia 5 de junho, às 9 horas da manhã, no campo do Fluminense. Os atletas serão submetidos, desde a apresentação até o final dos compromissos da seleção, a regime de concentração, em local ainda a ser determinado, e terão as seguintes atividades de treinos e jogos:

Dia 6 — Treino às 9h e às 16h. — Campo do Fluminense F.C.
" 7 — Treino às 9h e às 16h.
" 8 — Treino às 9h . — Tarde com liberdade orientada.
" 9 — Treino às 9h e às 16h.
" 10 — Treino às 9h.
" 11 — Exibição contra adversário e local ainda por serem designados.
" 12 — Duchas, massagens e sauna às 10h.
" 13 — Treino às 9h.
" 14 — Jôgo à noite no Maracanã contra a Seleção Mineira.
" 15 — Dia livre com regresso à concentração à noite.
" 16 — Treino às 9h e às 16h.
" 17 — Viagem pela manhã para Belo Horizonte e treino à tarde no local do jôgo.
" 18 — Segundo jôgo contra a Seleção Mineira — Regresso no dia do jôgo ou segunda-feira pela manhã.

Nos pés de Parada estão as esperanças de Martim para a goleada

Martim tem tática para marcar 6 gols

Depois de se decidir pelo ataque de domingo, formado por Paulo Borges, Parada, Aladim e Zé Carlos, o técnico Martim Francisco mostrou-se bastante otimista quanto ao jôgo contra o Palmeiras, dizendo que o Bangu está preparado para fazer os seis gols necessários à classificação.

— Jogaremos à base de lançamentos para Paulo Borges e Zé Carlos, dois homens de características puramente ofensivas — acentuou Martim — e dessa forma bastará apenas 20 minutos para liquidarmos o Palmeiras, que tem uma defesa muito boa, mas incapaz como qualquer outra, seja até a da seleção, de resistir a êsse tipo de jôgo.

"Ataque-goleada"

Para o treinador do Bangu, "ganhar de 6 a 0 ou 7 a 1 do Palmeiras, equipe campeã paulista que pratica o melhor futebol do País, é realmente difícil, mas não impossível".

— Numa etapa de partida normal — continua — se fizermos 45 lançamentos, o que corresponde a igual número de minutos, pode-se perfeitamente assinalar seis gols, e isso é o que procuraremos pôr em prática. O caso do Bangu é mais animador ainda, pois temos jogadores talhados para êsse papel, como Paulo Borges e Zé Carlos, para a conclusão, e Parada, para os lançamentos, afora a velocidade de Jaime e Aladim. Treinaremos de nôvo o "ataque-goleada" amanhã (hoje) pela manhã e, se tudo sair certo até o domingo, ninguém se iluda, não haverá quem resista ao Bangu.

Zé Carlos é ideal

De há muito o extrema-esquerda Zé Carlos, ex-Portuguêsa e que era efetivo no tempo de Zizinho, vinha merecendo uma oportunidade de se firmar como titular, pois condições não lhe faltam, principalmente a de verdadeiro extrema, o que procura a linha de fundo.

Martim, afinal, lhe dará a verdadeira chance — Zé Carlos sempre se conduziu bem nas vêzes em que era solicitado para substituir Aladim, tal como aconteceu domingo último contra o Fluminense —, que deve ter chegado tardiamente, pois se tal acontecesse antes, os resultados poderiam ter sido outros. Ainda contra o Grêmio, que joga na retranca, nunca Zé Carlos deveria ter ficado de fora, pois é notório que para êste tipo de jôgo tem-se que explorar os extremas que saibam chegar à linha de fundo.

Zé Carlos, que já se sentia desestimulado pela falta de oportunidade, chegou até a pensar em sair do Bangu. Agora, é outro jogador, mais alegre e cheio de esperança, além de estar certo de que não decepcionará o técnico, que apesar de ter-se decidido pelo nôvo ataque, poderá mudar seus planos à última hora. Para o treinador, Paulo Borges e Jaime voltarão em boa hora, e, por isso, mais ainda, acredita piamente na vitória.

Sem três titulares

Sem Fidélis, sentindo uma pancada no tendão de Aquiles, e Ênio, contundido no tornozelo, Martim realizou um individual na manhã de ontem, no Estádio Proletário, com duração de 40 minutos. No final, como já é de praxe, treinou os goleiros com chutes para o gol.

Cabralzinho, em recuperação da musculatura do joelho direito, e Mário Tito, aguardando uma cicatrização completa no dedão do pé esquerdo — ambos estão fora de cogitações, tal como Fidélis —, fizeram treinamento à parte, sob o comando do auxiliar-técnico Moacir Bueno.

Na manhã de hoje, o Bangu fará o seu último coletivo para o jôgo contra o Palmeiras, começando às 9h30m, no Estádio Proletário.

Peixinho chega para Bangu

O ponteiro Peixinho chegará hoje para ficar no Bangu emprestado por 40 dias e já estrear no campeão carioca no jôgo de domingo, contra o Palmeiras, como refôrço para o jôgo em que só uma goleada salvará o Bangu da desclassificação.

Os entendimentos se encerraram ontem à noite, quando o Comercial de Ribeirão Prêto aceitou a proposta do Bangu, de emprestar Peixinho por 40 dias e com indenização de NCr$ 10 mil, além da fixação do preço do seu passe em NCr$ 120 mil.

Fica no clube

O Vice-Presidente Castor de Andrade, após acertar com os dirigentes do Comercial quanto ao empréstimo de Peixinho, falou com o próprio jogador, que se comprometeu apresentar-se hoje à tarde, na Vila Hípica, para ficar concentrado e já amanhã participar do treinamento individual com os seus novos companheiros.

Peixinho irá com o Bangu para a excursão pelos Estados Unidos e, como anunciou o dirigente banguense, será mais uma atração que a sua equipe apresentará para o jôgo com o Palmeiras.

BANGU PODE LANÇAR CRESPO

O zagueiro-central Crespo poderá ser a outra novidade na equipe do Bangu, para o jôgo de domingo, contra o Palmeiras, além da volta de Paulo Borges e Jaime e o lançamento de Aladim na ponta-de-lança, com Zé Carlos em seu lugar, se voltar a agradar o técnico Martim Francisco no coletivo desta manhã, no Estádio Proletário.

Crespo tem 23 anos e veio para o Bangu por período de empréstimo de 20 dias, cedido pelo Pirajuí, equipe do interior paulista, com passe estipulado em NCr$ 20 mil. Depois de atuar pelo Bangu no jôgo contra o Noroeste, valendo como teste, Martim autorizou seu imediato embarque para o Rio, onde se encontra desde sábado.

Crespo vai aos EUA

Com perfeita atuação no coletivo de anteontem, substituindo a Mário na equipe titular, Crespo acabou por convocar ao técnico e dirigentes que é bom mesmo, motivo porque está cotado a jogar domingo. Por sinal, no jôgo contra o Fluminense, o zagueiro estêve na reserva e só não entrou devido a boa atuação de Luís Alberto e Pedrinho.

O Presidente Eusébio de Andrade, que continua aguardando uma resposta do Comercial de Ribeirão Prêto em tôrno da compra de Peixinho, prometeu ao técnico resolver a contratação definitiva de Crespo também irá aos EUA, e segundo opinião dos próprios jogadores, é um excelente zagueiro.

A idéia de Martim lançá-lo no domingo prende-se ao sacrifício que vem tendo Luís Alberto e Pedrinho em atuarem deslocados de suas verdadeiras posições, principalmente o quarto-zagueiro, que não se confesta sem poder render o que sabe, quando joga pela direita. Dessa forma, Crespo seria uma ótima solução, e disso Martim procurará se convencer no coletivo desta manhã.

EDINHO PREOCUPA PORTUGUÊSA

Edinho passou a ser o único problema da Portuguêsa para a excursão aos EUA e Europa — o embarque poderá ser confirmado por êsses dias —, pois está com distensão na virilha direita e, apesar do empenho do Dr. Otávio Martins em colocá-lo o mais depressa possível em boas condições, não se sabe precisamente quando.

A continuar assim, Edinho poderá ser substituído por Léo, filho do saudoso Lourival Lorenzi, pelo menos nos primeiros jogos da excursão, caso a viagem seja realmente confirmada ainda esta semana, como prometera o empresário José da Gama.

Físico ajudou

Além de Edinho, o goleiro Otávio, com torcicolo, seu Beque-Três Roberto, acometido de ciática, e mais Zeca e Osvaldo Silva, contundidos no tornozelo, foram os ausentes do individual de ontem pela manhã, na Ilha do Governador, comandado por Paulo Amaral, que teve o auxílio do Major Murilo de Carvalho.

Ao final de 100 minutos de exercícios, os jogadores se mostravam ainda animados, mesmo o meia Miro, que emagreceu quatro quilos após à chegada de Paulo Amaral, que tem realizado individuais puxados, mas que têm sido benéficos, conforme testemunho dos próprios jogadores, em especial Miro, que se acha em condições de correr muito mais.

Sem qualquer jôgo previsto para o domingo, Paulo Amaral marcou o segundo coletivo da semana, começando às 9h30m, no Estádio Proletário, na Ilha do Governador.

Jornal dos Sports

PRESIDENTE
Célia Rodrigues

DIRETORES
Mário Júlio Rodrigues
Henrique Gigante
J. G. Bastos Padilha

EDITÔRES
Ennio Sérvio
Paulo Ney Doria

Jôgo perigoso

FALCÃO EM PAZ COM OTÁVIO

O Presidente Mendonça Falcão telefonou ontem, para o Presidente Otávio Pinto Guimarães, no momento em que o dirigente carioca dava conhecimento à imprensa dos nomes dos 25 jogadores convocados para a seleção. Após ouvir Falcão através do fio, Otávio comunicou aos jornalistas que o Presidente da Federação Paulista, virá ao Rio, segunda-feira, para uma reunião na CBD, quando terá oportunidade de discutir a formação da tabela para o turno final do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa.

O Sr. Otávio Pinto Guimarães informou ainda à imprensa que acertara com o Sr. Mendonça Falcão, fazer uma declaração conjunta sôbre o projeto de reformulação do calendário nacional, examinados os pontos de vista iguais e divergentes, para ser entregue ao Sr. João Havelange, quando do seu regresso da Europa.

Falcão disse, ainda, não haver feito declarações contra a Federação Carioca e os clubes, acentuando o respeito e a admiração que conserva pelo futebol do Rio.

ZEZÉ MODERADO

Os repórteres que viam Zezé no Vasco, dando duro, no sol ou na chuva, comandando o individual e gritando com os jogadores, nos coletivos, ficaram surpresos ao constatar que o técnico não dirige mais a física, no Corintians, e está muito mais calmo.

— Quando cheguei ao Corintians — explicou Zezé — encontrei um preparador-físico excelente, honesto, competente e muito admirado por todos. O que fiz, então? Procurei me entrosar com êle e tudo está saindo bem.

Zezé faz questão de acentuar que não dirige mais os individuais por se achar velho, apesar, de, há dias, ter procurado um médico conhecido, no Rio, para um rigoroso check-up.

BODAS DE PRATA

Embora quisesse se manter incógnito junto com sua espôsa, retirando-se para São Lourenço, onde foram comemorar as Bodas de Prata, o Sr. João Silva, Presidente do Vasco, foi homenageado naquela cidade pelo Esporte Clube São Lourenço.

A homenagem constou de um coquetel, bastante prestigiado pelas autoridades locais, comparecendo o Prefeito Emílio Póvoa e o Vice-Presidente Abel Goulart Ferreira, que discursaram, agradecendo a presença do presidente vascaíno naquela cidade. O Sr. J. Ferreira, Presidente do Esporte Clube São Lourenço, também disse algumas palavras, enquanto o Departamento Feminino do clube, ofereceu uma lembrança a D. Amélia, espôsa do Sr. João Silva.

A festa teve a iniciativa dos dirigentes do clube local, que aproveitaram o fato de o E. C. São Lourenço comemorar 27 anos de existência, associando a homenagem ao Presidente João Silva.

PARADA TRISTE

Ao saber que seria devolvido ao Botafogo após a partida de domingo, contra o Palmeiras, Parada ficou triste, "pois devo muito ao Bangu, onde pretendia continuar, não só pelas grandes amizades que tenho, mas por gostar do clube".

— Mas não há de ser nada — disse Parada — e o negócio agora é ver se consigo fazer uma ótima exibição, a fim de ajudar o Bangu a se classificar, dando assim uma prova de minha gratidão. Se o Bangu conseguir a classificação, serei o homem mais alegre.

TORCIDA PEDE GÉRSON

Alvaro Nascimento, Benemérito do Vasco, que foi chefiando a delegação para Brasília, voltou bastante contente com o número de torcedores vascaínos presentes no jôgo contra o Flamengo, exibindo duas grandes faixas com os seguintes dizeres: "Sr. Presidente, queremos o Gérson" e "Com o Vasco onde estiver o Vasco".

MURILO DORMIU

Murilo ligou o rádio para acompanhar os lances de Vasco x Flamengo, em Brasília, la, é claro, torcer para os companheiros. Mas o jôgo estava tão chato, com o zero a zero e os torcedores locais gritando "chega" e "pelada", que êle adormeceu no primeiro tempo.

Só foi acordar às 4h da madrugada, por uma casualidade, quando se lembrou que o rádio estava ligado e o desligou, logo.

Ontem, Murilo acordou bem cedo e indagou a um vizinho sôbre o resultado da partida, ficando triste ao saber que o Flamengo fôra derrotado. Em seguida, pegou uma bôlsa bem grande e foi fazer a feira.

Revisão ampla

A compreensão demonstrada pelos Deputados da Guanabara para os problemas que afligem o futebol carioca, acompanhada de manifestações práticas favoráveis ao imediato encaminhamento das soluções indispensáveis à libertação financeira dos clubes, deve ter prioridade absoluta na agenda dos dirigentes esportivos. É a oportunidade há tanto esperada, particularmente pelo futebol, mas globalmente por todo o esporte do Rio, tendente a criar novas condições para os clubes, adaptadas à realidade que vivêmos isentas de quaisquer compromissos passados. Compromissos já inadmissíveis como instrumentos de natureza política, que acabaram se transformando em tenazes contra o desenvolvimento técnico, econômico e financeiro de clubes e federações.

A perspectiva mais animadora do almôço que reuniu o Presidente da Federação Carioca de Futebol com os líderes da Assembléia Legislativa surgiu com o acôrdo inicial para a redução das taxas recolhidas pelo Estado, incidentes nas arrecadações do Estádio Mário Filho. É possível que, a longo prazo, outras matérias venham a se revelar mais importantes do que essa, considerando-se o alcance das providências anunciadas pelos Deputados. Porém, a questão das taxas, no momento, representa o laço simbólico da ligação Govêrno-Assembléia-Federação — c u j a s raízes são realmente mais profundas — visando a beneficiar o futebol. Neste caso, o futebol representa o esporte carioca, que sabe o quanto poderá esperar dos Podêres do Estado. A revisão das taxas que gravam as rendas do Estádio tem a fôrça de outro símbolo: o degêlo das relações entre os clubes e os Deputados, tal como já vinha ocorrendo entre os clubes e o Govêrno.

Agora, é a vez dos dirigentes corresponderem ao interêsse da Assembléia e do Governador, de retirar o futebol das dificuldades em que êle se encontra. A atitude dos Deputados não significa uma simples concessão. É antes o propósito de estabelecer uma corrente prolongada de cooperação mútua, em favor do futebol. Por isso entendemos que, aproveitando o exame da taxação do Estádio Mário Filho, será proveitoso que os dirigentes promovam diretamente, ou pleiteiem junto aos Deputados, o estudo de todos os descontos sofridos pelas arrecadações dos jogos de futebol, no sentido de reduzir ou eliminar os que constituam abuso, desperdício ou favoritismo.

Esta semana, o Presidente da ADEG provou, por meio de dados oficiais, que da percentagem dos descontos — que ascendem a cêrca de 40% — a quota que cabe à Autarquia é de 19,4%. Portanto, há outros encargos muito pesados que talvez possam ser diminuídos. Sòmente a Federação e a Confederação Brasileira arrecadam 10% — metade cada uma.

O capítulo das deduções não abrange exclusivamente o aluguel do campo, embora seja êste o item mais gritante. E se existe uma ocasião propícia à completa revisão dos demais itens, é justamente esta, quando os homens se entendem em tôrno dos mesmos objetivos.

BATE-BOLA

Otelo Sandroni Peixoto

Guanabara

"Venho me solidarizar com os dirigentes dos clubes cariocas, pelo fato dêles haverem reivindicado seus direitos, ante a tutela total da CBD. Aliás, eu fico revoltado com certas coisas que acontecem na CBD, e dou plena razão ao radialista Orlando Batista, quando diz que é um grande negócio ser Presidente da CBD, bem como ser seu Administrador, cargo ocupado pelo galã Mozart Di Giorgio. Que faz o sr. Havelange, no longínquo Irã? Não me venham dizer que essas viagens continuadas dos homens da CBD são para decidir coisas importantes. Acontece que é mais cômodo andar por Tóquio, Moscou e etc., do que ficar a entrar diàriamente naquela sede da Rua da Quitanda. Assim, até eu seria abnegado. Criaturas como Mendonça Falcão, Havelange, Mozart e Volnei Braune não largam tão cedo os respectivos lugares. É bom demais para quem quer servir ao esporte".

Sérgio Melandre de Mouville

Pouso Alegre — Minas Gerais

"Há muita coisa errada neste futebol brasileiro. No Bate-Bola de 6 do corrente, o patrício Antônio Simões de Oliveira cantou, em versos apaixonados, o bom do futebol paulista. Está certo: vamos valorizar o que é nosso; mas falar mal dos outros, por paixão, isso é até falta de personalidade. Admiro Nélson Rodrigues, em suas crônicas, porque êle fala bem do seu clube, sem falar mal dos outros. Meu abraço a êle. Agora, o doente paulista a que me referi, só tem uma razão: quando diz que os cariocas estão fora do páreo. Sou mineiro, admiro os cariocas, que infelizmente atravessam uma fase negativa, mas sei que são bons de bola. Meu protesto à carta do Sr. Simões. E fica aqui um conselho para Atlético e Cruzeiro: acabem com a máscara. E não cometam mais o absurdo de perder para um São Paulinho, dentro de casa. Pensei até em deixar de ser mineiro; perder para paulista é chato, mas de São Paulista é duro..."

Juan Rodriguez Contreras

Belo Horizonte — Minas Gerais

"... para levar aos vascaínos minhas dores, pois como torcedor doente do Vasco, fui domingo ver o jôgo com o Atlético. Chorei, meu caro colunista, chorei de raiva do Zizinho e de tristeza de ver o meu time com um Salomão na condição de reserva do Maranhão; ver Adilson na reserva de um Bianchini; o Vasco com um ataque que parece nunca haver jogado antes, sem qualquer sentido de gol. O Zizinho todo tranqüilo, sentado no túnel, sem esboçar um gesto sequer. Não discuto as qualidades de Ziza, como jogador, mas como treinador... e sòmente os cartolas podem explicar por que além de técnico ainda é êle o supervisor de futebol. Será que êle poderia explicar por que conserva Oldair na lateral esquerda? No meio de campo, com Salomão, prestaria melhores serviços ao Vasco. Faço um apêlo ao bom senso do Presidente João Silva: mande o Zizinho de volta para Niterói, e contrate Gonzalez, pois só assim poderemos pensar em título".

Jair Lima

Guanabara

"Estou cheio de desculpas. Acabei de escutar a irradiação do jôgo do Fla com o Vasco, em Brasília. Dizia um comentador, no intervalo do primeiro para o segundo tempo que o placar mudo era injusto, que faltara sorte ao Flamengo, que etc., etc. Chega! Desculpa não vale. Falta de sorte, ou falta de organização? Sou militar e sei que a tropa tem o moral reflexo do de seu Comando. Essa é que é a verdade: o time do Flamengo reflete a barafunda que vai na cúpula dirigente".

Valor e fama

É quase constrangedor repisar nos fracassos que seriam fàcilmente evitados, se em vez da ambição prevalecesse o sentido prático do esporte, em tôdas as suas nuanças técnicas, financeiras e humanas. Não podemos, todavia, esquecer que o Cruzeiro intencionalmente fechou as portas às inúmeras advertências que lhe foram feitas sôbre o perigo incontornável de disputar ao mesmo tempo o Campeonato Roberto Gomes Pedrosa e a Taça Libertadores da América. E, por teimosia, foi afastado do primeiro, perdendo prestígio interno sem poder ainda assegurar que alcançará o seu objetivo de projetar-se externamente, tá que apenas ultrapassou a fase mais amena da Taça Libertadores.

O JORNAL DOS SPORTS foi o primeiro a prevenir o Cruzeiro contra a aventura de disputar as duas competições simultâneamente. Foram, todavia, inúteis as invocações de exemplos semelhantes, em que os aventureiros, na ambição de várias conquistas, acabaram não obtendo nenhuma.

Fazemos votos, em côro com o Brasil inteiro, de que o brilhante campeão da Taça Brasil prossiga com a sua campanha vitoriosa na Taça, garantindo o direito de lutar pelo título mundial com o campeão europeu. Entretanto, não deve passar sem reparo, notadamente com vistas aos seus torcedores, o preço muito caro que o clube pagou em sua dupla atividade, culminando com a divisão do time em duas partes no momento mais agudo do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa, com Tostão escalado para um amistoso em campo norte-americano, no mesmo dia em que as esperanças de classificação eram decididas em Pôrto Alegre. O Cruzeiro perdeu dois dos lados — a última chance aqui e o jôgo contra o Eintracht lá nos Estados Unidos.

Ninguém tem dúvida de que o Cruzeiro dificilmente deixaria de se classificar, caso houvesse concentrado tôda a sua atenção e o seu esfôrço no Campeonato Roberto Gomes Pedrosa. É uma situação que guarda semelhança com a do Bangu, que teria grandes possibilidades de já ser um dos finalistas, se não sofresse tantos desfalques em tantos jogos — provocados pela excursão impiedosa que antecedeu o Campeonato. Ambos servem de exemplo a si mesmos e esperamos que sirvam também para todos os que participarem do futuro Roberto Gomes Pedrosa.

Nessa competição, insistimos, está a redenção do futebol brasileiro. E nela, repisamos, sòmente poderão ter sucesso aquêles que a interpretarem com seriedade, conscientes da dureza das partidas sem adversários fracos, convictos de que ao longo de qualquer Campeonato prevalecem as condições reais para disputá-lo, não a pretensão de vencê-lo à custa da fama.

NÉLSON RODRIGUES

O doce Braga

1 — Amigos, um idiota não deve ser presidente de clube e, muito menos, de um grande clube. Pode parecer que eu esteja afirmando o óbvio e realmente estou afirmando o óbvio. Mas as verdades evidentes precisam ser ditos, repetidas, e cada vez com mais ênfase, e cada vez com mais trombetas. Ensina a experiência humana que ninguém enxerga o óbvio.

2 — Quando um clube escolhe o seu presidente, exige uma série de virtudes do candidato, inclusive as supérfluas. E ninguém cuida de uma virtude decisiva como a inteligência. Se o sujeito não é inteligente, não importam os seus outros méritos. Sabemos que não há nada a esperar de, por exemplo, uma honestidade cretina. Deus nos livre do dirigente honrado e burro.

3 — Por isso, andou bem o Tricolor quando pôs, na sua presidência, um homem como Luís Murgel. E' inteligente e aí está dito tudo. As suas demais virtudes são apenas subsidiárias da inteligência. E porque é um lúcido, o nosso Murgel enxerga muito bem. Começa por ver o óbvio nos grandes problemas do futebol.

4 — Agora estamos ameaçados de uma guerra de secessão entre Rio e São Paulo, com a CBD no meio. Ainda não sei se é a CBD que manipula os paulistas ou se são os paulistas que manipulam a CBD. Trata-se do "Campeonato Nacional" e do "Roberto Gomes Pedrosa". Este último pode ser, e deve ser, cada vez mais seletivo. Precisamos apresentar um espetáculo de altíssimo futebol, sem nenhuma concessão. E há, vejam vocês, há quem queira um "Campeonato Nacional" com times do Pará, do Espírito Santo, Acre, Amapá, etc., etc.

5 — Porque é inteligente, o Murgel está com a causa certa, ou seja, a causa do futebol brasileiro. Nada de admitir equipes incapazes. O "Torneio Roberto Gomes Pedrosa" foi uma experiência admirável. Precisa apenas, para o seu máximo rendimento, de uns poucos retoques. O "Campeonato Nacional", que se trama, seria um retrocesso brutal.

6 — Mas me perdi no meu devaneio e saí do meu assunto, que é o Fluminense. Eis o que eu queria dizer: — o meu clube precisa de presidentes como o Murgel, que saibam usar a cabeça. Quem irá sucedê-lo? Pode parecer que se esteja, aqui, antecipando um problema. Nem tanto, nem tanto. Um candidato à presidência Tricolor não se improvisa. Há todo um processo seletivo que custa tempo.

7 — Outro dia, o Marcelo Soares de Moura me soprou um nome que considero, desde já, ideal: — Antônio Carlos de Almeida Braga, o doce Braga. Eis aí uma extraordinária figura de Tricolor e desportista. O doce Braga é um grande homem do esporte e que, além do mais, gosta e entende de futebol. A tôda hora e em tôda a parte, falamos do "espírito esportivo". Mas quem o tem? eis a pergunta, quem o tem? Resposta: — o Braga. Ama tanto o futebol que é capaz de atravessar um oceano, de atravessar um continente, para ver um grande jôgo. Quando vai aos Estados Unidos, tranca-se no quarto como num claustro, para olhar, na televisão, tôdas as modalidades de esporte. E é de uma inteligência agudíssima.

8 — Homens como o Braga, o doce Braga, são os que podem salvar o futebol brasileiro da ronda dos abutres, e, pior do que os abutres, da ronda dos imbecis.

Murilo só joga contra Flu se Fla renovar

Murilo participou do bitoque alegre do Fla, mesmo sem ter situação definida

O zagueiro Murilo aguardou o Vice-Presidente interino Flávio Soares de Moura na Gávea, ontem, até às 19h, mas como o dirigente estava cuidando da Seleção Carioca e não pôde comparecer para resolver o seu problema, adiou os entendimentos para hoje e acentuou ainda que não sabe se vai disputar o Fla x Flu sem contrato. Se o fizer, como acrescentou, será em consideração ao técnico Renganeschi.

Ao esclarecer os motivos pelos quais se recusou a viajar a Brasília e enfrentar o Vasco, anteontem, Murilo contou que o Flamengo não cumpriu o prometido de lhe pagar NCr$ 15 mil no ato da assinatura do contrato, e, desta forma, negou-se a receber o cheque de NCr$ 5 mil que o funcionário lhe apresentou junto com o documento e aguarda a conclusão dos entendimentos.

Questão

O nôvo litígio entre Murilo e o clube ocorreu há dias, mas já antes da partida Flamengo x Corintians o zagueiro procurou Renganeschi para explicar que não poderia atuar por estar sem contrato, apesar do combinado verbalmente. O técnico fêz-lhe um apêlo e êle acabou atendendo.

— Em consideração a "seu" Renga — fêz questão de acentuar. Murilo chegou à conclusão de que não poderia continuar atuando sem contrato e avisou ao técnico que aquela seria a última partida em que jogaria nas circunstâncias atuais. Na véspera da viagem a Brasília, então, voltou a conversar com o técnico e fêz ver a êle a impossibilidade de atuar, pois estaria se expondo a um risco perigoso, pois, sem assinar o contrato, caso quebrasse a perna, não haveria chance de provar que seu compromisso estava renovado.

Razões do Fla

Murilo ficou sem contrato cêrca de um mês e 20 dias, por falta de acôrdo sôbre as bases financeiras, mas, durante reunião com os Srs. Gunnar Goranson e Flávio Soares de Moura, concordou em reduzir suas pretensões iniciais, que eram de NCr$ 25 mil de luvas e salários de NCr$ 1.200,00, para NCr$ 20 mil de luvas, desde que o clube lhe pagasse NCr$ 15 mil no ato da assinatura. O tempo passou e o funcionário Aristóbulo lhe apresentou um cheque de NCr$ 5 mil e o contrato datilografado, que o jogador se recusou a assinar, sob a alegação de que não fôra aquêle o combinado.

Ontem, Murilo foi receber o salário de abril e tinha, apenas, NCr$ 500,00. O jogador ponderou que deveria ser acrescido ao salário uma das 24 parcelas do saldo de NCr$ 10 mil das luvas. Chegou a sair da sala, resmungando, dizendo que não era palhaço e nem moleque. Ao mesmo tempo, o clube alegou que não podia pagar ao jogador, simplesmente, porque êle ainda não assinou o contrato. E mais: existe um convênio entre os clubes de só pagar luvas parceladas, junto com os salários, o qual pode ser denunciado. O máximo que o clube pode fazer, com boa vontade, é dar um adiantamento ao jogador.

Renga poderá ter Carlinhos para o Fla-Flu

O técnico Renganeschi declarou que a escalação do Flamengo com vistas ao Fla-Flu de sábado à tarde só poderá ser definida hoje, por ocasião do individual com que aprontará o time pois, Carlinhos, já recuperado da intoxicação e gripe, tem o seu retôrno quase assegurado.

A volta de Almir também está em cogitações, mas ontem o jogador contou que ainda não tem firmeza no joelho e se sente sem ritmo, por não vir treinando futebol, manifestando opinião de que talvez fôsse preferível recuperar sua melhor forma antes de ser escalado.

Marco Aurélio

Valdomiro foi o único jogador que voltou contundido do amistoso em Brasília. Torceu os dedos mínimo e anular da mão direita e contou que só ficou até o fim do encontro, porque atuava de luvas, e, mesmo assim, têve o local bastante enfaixado. Ontem, após ser examinado, imobilizou os dois dedos.

O Dr. Pinkwas Fiszman esclareceu que Valdomiro será submetido a nôvo exame, hoje, quando decidirá se êle pode, ou não, figurar nos planos de Renganeschi. De qualquer maneira, já está decidido que Marco Aurélio será o escalado no Fla-Flu. Renganeschi esclareceu que utilizou Valdomiro porque há muito tempo não atuava e seria melhor, mesmo, movimentá-lo, partindo da idéia de revezar os goleiros, em rodízio, em partidas amistosas.

O ponta-esquerda Rodrigues não chegou a ir a Brasília, em vista de uma contusão na coxa, mas, já recuperado, deverá retornar ao time amanhã. Ademar não sente mais as dores lombares e, quanto a Murilo, Renganeschi esclareceu que aguarda apenas a conclusão dos entendimentos que o jogador está mantendo com a diretoria.

Bitoque

O preparador-físico Eitel Seixas dirigiu um individual para os jogadores que não atuaram em Brasília. Depois, foram divididas duas equipes em um bitoque de meia hora, utilizando-se apenas metade do campo, na chamada "pelada racial". Os prêtos, que não usavam camisa, derrotaram os brancos, de camisa, por 1 a 0, gol assinalado por Jarbas. A "pelada" foi das mais recreativas, com muitas brincadeiras.

O único jogador que atuou contra o Vasco e participou do bitoque foi Jarbas, por sinal o autor do gol. Rodrigues e Paulo Henrique fizeram tratamento de radar-térmico e depois o auxiliar-técnico Nilton Canegal dirigiu um treino especial para os goleiros Ivã, Renato, e Marco Aurélio. A concentração começará após o individual de hoje, às 15h, no casarão de São Conrado.

Pagamento

A delegação do Flamengo voltou de Brasília às 24h45m da madrugada de ontem, sendo os jogadores liberados até hoje. O Presidente Veiga Brito, que chefiava a delegação, ficou na Capital da República, porque tinha uma reunião importante de uma Comissão, e, ainda como deputado, iria conferenciar com um Ministro.

O pagamento da fôlha de salários de abril foi efetuado ontem, na sala do Departamento Autônomo de Futebol. Todos os profissionais pegaram seus cheques.

Fla quer trazer Benfica e sortear carros no MF

O Flamengo reservou a data de 29 de julho, na FCF, para uma grande promoção, no Rio, qual seja a de enfrentar o Benfica em uma partida internacional com sorteio de carros. Agora, o Instituto Nacional do Mate ficará de fora do patrocínio do espetáculo.

O clube rubro-negro já se dirigiu à FCF para pedir a reserva da data e também vai oficiar à ADEG, no sentido de conseguir o Estádio Mário Filho para o amistoso.

O Diretor de Futebol Juvenil, Sr. José Maria Khair, informou, ontem, que o misto do Flamengo jogará domingo, em Cordeiro. Ao mesmo tempo, Paulo Alves responde hoje se aceita a proposta que lhe fêz o Califórnia Clipperes, para atuar no futebol dos EUA.

Sem melindrar

O atacante Almir conversou ontem com o Dr. José Marcozzi, esclarecendo que não lhe movera nenhum propósito de desmerecer o médico do Vasco, quando anunciou que ia levar o seu irmão Adilson ao Dr. José Ribamar Dias Carneiro, que serve no Flamengo.

A prova é que acabou lhe dando um voto de confiança: Almir faz todos os exames no Departamento Médico do Vasco, com o Dr. Marcozzi, e só depois dos resultados é que vai conversar com o Dr. Ribamar, pois, dependendo do check-up, talvez nem seja preciso consultar outro médico.

Zèzinho

O atacante Zèzinho não viajará com a delegação do Flamengo à Europa. Foi riscado da comitiva porque a formação do calo ósseo não está consolidada, totalmente, e não há tempo, mesmo, de uma recuperação física. Está com 5 quilos de excesso e não haveria tempo de uma recuperação, em face, também, da dureza do futebol europeu. Ontem, ao mesmo tempo, Válter Miráglia pediu o empréstimo de Altair para o Fluminense, de Feira de Santana.

Servílio e Ferrari acertam com Palmeiras

São Paulo (Sucursal) — Enquanto Djalma Dias e Tupãzinho continuam sem dar qualquer resposta, o atacante Servílio e o zagueiro Ferrari acertaram, pràticamente, a reforma de seus contratos com o Palmeiras, mediante luvas de NCr$ 18.000,00 e salários mensais de NCr$ 500,00 por um período de dezoito meses.

O técnico Aimoré Moreira continua às voltas com relação ao seu ataque, onde poderá lançar Zico na ponta-direita, deslocando Gallardo para a ponta-de-lança ao lado de Servílio, na partida decisiva para a classificação — apesar de líder do grupo "B" — no Campeonato Roberto Gomes Pedrosa, domingo, contra o Bangu.

Treino variado

O Palmeiras realizou diversos tipos de treinamento, ontem, no campo do Nacional, durante duas horam consecutivas. Após o puxado individual, os jogadores de defesa foram jogar futebol de salão, enquanto outro grupo — atacantes — foi exigido em treino tático com bola, que constou de chutes de qualquer posição e de surprêsa para os goleiros.

A preesnça de Ademir da Guia frente o Bangu, domingo, na Guanabara, continua problemática para o técnico Aimoré Moreira, tendo os jogadores treinado a parte, havendo, entretanto, grandes perspectivas para sua volta ao time. O Palmeiras fará coletivo, esta tarde, no campo do Nacional, e se concentra até sábado, dia do embarque para a Guanabara, no Hotel Normandie.

Mesmo sem ter assinado seu nôvo contrato com o Palmeiras, o atacante Servílio prometeu permanecer no clube, mediante luvas de NCr$ 18.000,00 e NCr$ 500,00 mensais e também, ofereceu-se para jogar contra o Bangu, entrando nas cogitações de Aimoré Moreira. O novato Zico poderá estrear na ponta-direita, indo Galhardo para a ponta-de-lança ao lado de Servílio. Rinaldo, na ponta-esquerda é o único certo para o jôgo de domingo.

Câmera

LUIZ BAYER

Embora as suas declarações tivessem sido publicadas pelos mais conceituados órgãos da imprensa brasileira, o Sr. Mendonça Falcão, com grande surprêsa, negou que tivesse feito ataques ao futebol carioca por causa da rejeição do seu plano sôbre o Campeonato Nacional. O Presidente da Federação Paulista de Futebol falou pelo telefone com o Presidente da Federação Carioca de Futebol e com êle manteve cêrca de dez minutos de diálogo que se caracterizou de muita cordialidade.

O Sr. Mendonça Falcão depois de negar as diferentes entrevistas, pediu para que o Sr. Otavio Pinto Guimarães não acreditasse sempre que surgissem declarações suas contendo ataques aos cariocas. Disse, ainda, o Sr. Mendonça Falcão que virá ao Rio na próxima segunda-feira a fim de modificar a tabela dos jogos finais do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa. Pretende organizar uma tabela sem os chamados jogos simultâneos, pois êstes, logo se vê, apenas prejudicam as arrecadações, devido ao alheiamento dos torcedores dos clubes que estão jogando fora dos seus Estados.

Manifestando-se sôbre a posição dos cariocas face ao plano por êle apresentado, ficou de conversar pessoalmente com o Sr. Otávio Pinto Guimarães numa reunião que talvez seja realizada em São Paulo. Será feito um estudo sôbre as sugestões dos cariocas para depois então verificar o que será possível fazer com o plano do Campeonato Nacional. Os dois presidentes deverão reunir-se antes do retôrno do Sr. João Havelange pois, pretendem entregar ao Presidente um nôvo projeto que possa satisfazer a todos sem ferir o prestígio da entidade nacional.

Pouco antes, o Sr. Mendonça Falcão falara pelo telefone com o Superintendente Mozar di Giorgio a quem deu ciência de que estaria no Rio na próxima segunda-feira. Pediu, inclusive, que fôssem convocados os presidentes das Federações do Rio Grande do Sul, Minas e da Guanabara, porque considera a reunião da mais alta importância.

Enquanto isso, saiu ontem a relação dos jogadores cariocas para o selecionado que disputará o Torneio de Seleções promovido pela CBD. A grande surprêsa foi a convocação de Jairzinho, do Botafogo que há quase dois anos se encontra inativo, cuidando de uma fratura que até hoje não conseguiu ser recuperada. O Presidente da Federação Carioca de Futebol explicou que a convocação de Jairzinho se baseou na exposição do Dr. Lídio Toledo que assegurou que êle estaria perfeitamente bem até a estréia.

De qualquer maneira, o nome de Jairzinho não encontra explicação porque ninguém poderá assegurar as suas condições técnicas a ponto de justificar a sua inclusão na seleção que está sendo preparada com tanto carinho. Da mesma maneira, o nome de Brito também não deixou de ser um ato político, para quem se encontra contundido já há mais de dois meses. A impressão que se teve é de que o propósito foi o de equilibrar o número de convocações e cada clube fornecerá cinco jogadores.

Todos esperavam que Edu, do América fôsse chamado pelo menos para os treinamentos. De fato, Martim Francisco pensou no nome do atacante rubro, mas foi informado de que o presidente daquele clube havia se manifestado contrário. O Sr. Vôlnei Braune está muito preocupado com o interêsse do Bangu pelo referido jogador e ficou desconfiado que o escrete fôsse a oportunidade para que o Sr. Castor de Andrade conversasse o jogador e criasse, em conseqüência, sérios problemas para o futebol do América.

Ressalvados os nomes de Jairzinho e de Brito, o restante da relação satisfaz perfeitamente. Os jogadores convocados são, realmente, os que de melhor existem entre nós, podendo-se formar uma equipe de grande possibilidade técnica. Soubemos ainda que as temporadas do Flamengo e do Bangu no exterior não prejudicarão de maneira alguma a presença dos seus jogadores. A Federação Carioca de Futebol tomou a si o encargo de custear as passagens para aqueles que estarão no estrangeiro. Vai haver um gasto muito elevado, sem dúvida.

O Sr. Castor de Andrade que será o Supervisor da Seleção Carioca lançou, ontem, um repto ao Sr. Mendonça Falcão. Disse o Sr. Castor de Andrade em tom de apêlo, que os paulistas não podem ficar de fora do Torneio de Seleções porque isto significaria uma fuga vergonhosa que apenas visaria encobrir uma superioridade que estabeleceram no Campeonato Roberto Gomes Pedrosa, mas que não condiz com a realidade dos fatos.

"O Sr. Mendonça Falcão — continuou o Sr. Castor de Andrade — sabe perfeitamente que o Campeonato Roberto Gomes Pedrosa ofereceu um quadro irreal das verdadeiras possibilidades dos cariocas. O acaso colocou paulistas e gaúchos em aparente posição de superioridade, que o escrete se encarregaria de demonstrar ter sido falso. A ausência dos paulistas seria um fato simplesmente lamentável. Eu pediria assim, ao Sr. Mendonça Falcão que mantivesse a sua seleção com o que de melhor possui para que tivesse a certeza de que o Campeonato Roberto Gomes Pedrosa havia sido uma triste ilusão".

O presidente do América estranhou ontem, o interêsse do Bangu pelo atacante Edu, quando já em diferentes pronunciamentos deixou claro de que se tratava de um jogador imprescindível e conseqüentemente inegociável. — "Não consigo compreender a teimosia do Castor e isto já está me causando aborrecimentos" — concluiu o Sr. Volnei Braune.

Individual de Fernando Grosso mostrou bola de mão em mão

ATLÉTICO JOGA COMPLETO

O Atlético faz seu apronto hoje cedo, no campo do Sete, com vistas ao jôgo de domingo, em Curitiba, contra o Ferroviário, na despedida do clube do campeonato Roberto Gomes Pedrosa, não existindo mais qualquer dúvida sôbre a formação do time, que mostrará a volta de Varlei à lateral direita e a manutenção de Roberto Mauro no ataque.

O Vila Nova não pôde ceder o goleiro Adão por empréstimo ao Atlético, porque êle está sem contrato e, por causa disto, o time de Nova Lima mandou Mussula, que participou do individual de ontem e entra no coletivo de hoje, devendo seguir amanhã para Curitiba, já que ficará na regra três de Luisinho, no jôgo contra o Ferroviário.

Time pronto

O Atlético já está pronto para seu jôgo de domingo e o coletivo de hoje sòmente servirá para dar mais conjunto ao time, já que Gérson dos Santos não tem mais qualquer dúvida para a formação do time, que vai mostrar como novidade, a volta de Varlei à lateral direita e a manutenção de Roberto Mauro no ataque.

O coletivo de hoje cedo será contra o juvenil e depois todos os jogadores serão dispensados até amanhã cedo, quando se apresentarão na sede do clube e de lá irão para o aeroporto, para a viagem à capital paranaense. Em Curitiba, não haverá qualquer atividade, devendo os jogadores ficar em regime de concentração.

A delegação foi formada ontem de manhã e é composta de 24 pessoas, sendo 17 o número de jogadores. O chefe é o Presidente Fábio Fonseca, indo ainda as seguintes pessoas: técnico, Gérson dos Santos; médico, dr. Carlos Grossi; preparador físico, Fernando Grosso; massagista, Gregório; roupeiro, Válter; um cronista e os seguintes jogadores: Luizinho, Mussula, Varlei, Grapete, Dilsinho, Décio, Vanderlei, Amauri, Buião, Lacir, Roberto Mauro, Ronaldo, Edmar, Expedito, Nei, Santana e Dade.

A viagem será feita em avião da VASP, que deixará Belo Horizonte às 9h15m, com escala em São Paulo. A delegação ficará hospedada no Hotel Lord e o regresso está previsto para domingo mesmo, logo depois da partida, com chegada prevista para 22h30m, em Belo Horizonte. O juiz Sílvio Davi foi escolhido pelo Atlético para o jôgo em Curitiba e seguirá amanhã com a delegação.

O individual

Ontem de manhã, Fernando Grosso deu mais um individual para os jogadores do Atlético, na caixa de areia. Os jogadores chegaram bem cedo e tiveram que ficar esperando o preparador-físico e o técnico Gerson dos Santos. Todos foram pesados e, em seguida, foram para a quadra de areia, iniciando o individual.

Depois do individual, Gérson dos Santos armou dois times e promoveu uma movimentada pelada, que foi motivo de muitas gozações. O time de camisas, com Vanderlei, Robertinho, Expedito, Santana, Buião, Hélio Prêto, Gérson e Edgar Maia, venceu por 3 a 2 ao time sem camisa, formado por Danilo, Grapete, Varlei, Nino, Dade, Mussula, Luisinho e Fernando Grosso.

As presenças de Gérson dos Santos e Fernando Grosso, cada um num time, foi a atração da pelada de ontem e os jogadores riram bastante das jogadas dos dois. De certa feita, Buião deu dois dribles em Gérson, que caiu sentado, quando Fernando Grosso chegou perto dêle e disse: "E Gérson; se fôsse no seu tempo você podia pendurar as chuteiras".

Antes de começar a pelada, Buião, que estava perto de Santana e numa referência ao individualismo do jogador, disse: "Não ponham o Santana na pelada, porque só valem dois toques". Ao que Santana respondeu: "não quero entrar mesmo. Eu vou é tomar banho.

Gérson dos Santos, então, falou para o atacante: "É bom você entrar na pelada Santana, porque você treinou pouco ontem e isto vai ajudar no preparo físico". E o técnico continuou: "E é bom você providenciar o corte do cabelo, que está muito grande".

Santana, calmamente, disse ao treinador: "Já cortei "seu" Gérson, foi no sábado passado", tendo o técnico afirmado que era mentira, por causa do tamanho do cabelo. Buião entrou outra vez na conversa para dizer: "deixa "seu" Gérson. O Santana me falou que quer ficar igual ao Ronnie Von". Então, um jogador que estava mais distante, gritou: "então é bom êle ir para o Cruzeiro".

DÚVIDA DO CRUZEIRO É ZAGA

O beque Cláudio foi a principal baixa no Cruzeiro durante a partida contra o Sport Boys, quando foi atingido na região lombar, sentindo novamente uma contusão sofrida durante um coletivo no campo do Barro Prêto, e é problema para a escalação do time que deverá jogar domingo, no Estádio Magalhães Pinto, contra o Botafogo, pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa.

Natal e Dalmar também deixaram o campo, depois do jôgo com o Sport Boys, com contusões: o primeiro com o tornozelo esquerdo machucado, e o reserva de Hilton Oliveira com uma distensão na virilha. O caso de Dalmar é o mais sério, pois dificilmente estará recuperado até domingo, e o ponta-esquerda Ari, recentemente contratado pelo Cruzeiro, deverá entrar em seu lugar.

Tratamento médico

Cláudio foi examinado ontem, pela manhã, pelo médico Joaquim Daniel, que lhe recomendou repouso absoluto, além de um treinamento com toalhas aquecidas, que deverá ser feito seguidamente, mesmo em sua casa, e mandou que o beque comprasse, em uma farmácia, Novalgina (gôtos), para tomar conforme manda a bula, sempre que começasse a sentir dores na região atingida.

O ponta-direita Natal está andando de chinelas, porque seu tornozelo esquerdo, bastante inchado, não cabe no sapato, e foi ontem pela manhã ao Departamento Médico para fazer um curativo com o massagista Andorinha. Dalmar foi também examinado pelo médico Joaquim Daniel, tomou uma injeção de Cortisona e fêz aplicação de fôrno durante 20 minutos na virilha, estando contrariado porque o médico lhe disse que "pode tirar o cavalinho da chuva, que, domingo, não vai poder jogar contra o Botafogo..."

Zezé acha jôgo com Santos como normal

São Paulo (Sucursal) — Como a partida contra o Santos tornou-se assunto predileto dos torcedores paulistas, devido ao tabu de que o Corintians não consegue vencer seu adversário de amanhã à noite, há mais de dez anos, o técnico Zezé Moreira tem conversado constantemente com os jogadores, alertando-os sôbre o estado de sensacionalismo e frisando que será um jôgo normal.

A equipe corintiana será pràticamente, a mesma que derrotou o Flamengo, sábado último, à exceção de Tales, que continua sentindo o tornozelo e ainda, não está recuperado, podendo ficar de fora contra o Santos e entrar em seu lugar, o gaúcho Flávio, apesar de existir grandes possibilidades para o aproveitamento do novato Benê.

O técnico Zezé Moreira tem preparado o espírito dos jogadores do Corintians, contra o estado de exitação, que domina os torcedores paulistas, tendo em vista, o tabu de que a equipe líder do grupo "A" do campeonato Roberto Gomes Pedrosa, não obtém uma vitória sôbre o Santos, há dez anos, isto é, desde o aparecimento de Pelé e Coutinho, com suas famosas tabelinhas.

Para o veterano técnico, tudo consiste em "um jôgo normal como outro qualquer do campeonato. Isto não quer dizer que vamos perder e acredito que êles também querem uma vitória. Vamos para campo a fim de obter um resultado positivo" e para isso contamos com uma equipe bem entrosada e também, com a tarimba de Dino Sani, que não acredita em tabu e sim na coincidência de azares por todos êstes anos".

Tales é dúvida

O Corintians está concentrado desde ontem, no Hotel São Paulo e além dos jogadores que atuaram contra o Flamengo, estão mais o goleiro Alexandre e Gallardo, Eduardo, Jorge Correia, Nair, Lima, Flávio e Benê. Tales, — a única dúvida — e que continua sentindo o tornozelo, foi o único ausente da prática de ontem, que constou de individual, bate-bola e treino especial para os goleiros. Hoje, haverá nôvo individual.

Coutinho tem chance contra o Coríntians

São Paulo (Sucursal) — Com muitas dúvidas para formação de sua ofensiva e disposto a lançar Coutinho, que depende da aprovação do Dr. Ítalo Consentino, contra o Corintians, amanhã à noite, no Pacaembu, no adeus ao campeonato Roberto Gomes Pedrosa, o técnico Antoninho, do Santos, retornou ontem de Recife.

A volta de Zito ao meio de campo é certa, porém, em lugar de Buglê, pois Clodoaldo jogou satisfatòriamente, nos jogos disputados em Ilhéus e Recife, recuperando a co[illegible] técnico santista, que também está propenso a manter o novato Wilson — ponta-de-lança — deslocado na ponta-direita.

Os jogadores do Santos foram liberados ontem, no aeroporto de Congonhas e se apresentarão em Vila Belmiro, onde realizarão treino individual e ligeiro bate-bola e a seguir iniciar a concentração para o jôgo contra o Corintians, amanhã à noite, no Pacaembu, quando tentará manter o tabu, de estar invicto contra seu adversário há mais de dez anos.

JANELA ABERTA

GERALDO ROMUALDO DA SILVA

Por que São Paulo cresceu e o Rio encolheu

A nova divisa do futebol carioca é cada um por si, mas ninguém pela causa comum. Aqui não existe a menor visão do conjunto. Em tese, isto explica tudo. Inclusive, e principalmente, porque baixamos tanto no consenso das disputas interestaduais, a ponto de chegarmos, combalidos, a êsse penoso estado de deflação de idéias e inflação de derrotas. Se o público ainda é ótimo, no Rio, o fato é devido, exclusivamente, à generosidade da Imprensa, que promove os espetáculos a trôco de nada.

Não possuímos lideranças marcantes, a organização profissional é caricata, os calendários convencionais, a instabilidade inquietante, os técnicos, escassos e desconsiderados, e a matéria prima, difícil.

Pergunta-se por que estamos assim tão ruins de vida, ao passo que São Paulo nada em prestígio, dinheiro, tem fartura de sobra, vitórias de sobra, e projetos melhores. Em boa parte, forçoso é reconhecer, porque os gerentes do futebol de São Paulo são mais realistas.

Os gerentes do futebol de São Paulo poderão ser menos arrumados, menos abotoados, mas sempre sabem melhor o que querem. Enquanto os gerentes do Rio se mostram perfeitos em vestir roupas adequadas, são bem-falantes no cultivo das pessoas e dos pensamentos adequados, no momento de agir perdem-se na sedução do supérfluo.

Embora complexo nas suas aparências, o processo de esvaziamento do futebol carioca está virtualmente ligado ao gênio de despreparo de uma revolução de gerentes elegantes que tomou conta das entidades. De tôdas as maneiras, para eqüacionar, sem paixão, os fatôres negativos que engordam a soma de tantas decepções, ter-se-á de mostrar ao público que o êrro começa na cúpula. Eis o panorama aflitivo do futebol carioca, tomando-se como ponto de referência o paulista, mais que os outros:

1. São Paulo faz um Campeonato de país, com jogos fora e jogos na capital;

2. O Rio, em contraposição, insiste na velha fórmula do Campeonato doméstico, mais de dois têrços dos quais disputado no Estádio Mário Filho;

3. Enquanto o Campeonato de São Paulo é jogado em todos os campos oficiais, indivisìvelmente, com mais de uma Divisão, no Rio só existe uma;

4. Em São Paulo há três "grandes" na capital, um em Santos, além da Portuguêsa que sempre depende de elenco para entrar no rol, e mais de uma dezena de outros espalhados pelo interior, dando lucro;

5. No Rio, a rigor, quatro são virtualmente grandes, puxando uma carroça com nove toneladas de deficit; poderiam ser alguma coisa, em casa e noutra Divisão, mas preferem a pobreza olímpica de freqüentar o Estádio Mário Filho, na cola dos ricos;

6. Não parece nada, mas time que se acostuma a jogar em casa e fora de casa, sempre avalia melhor o preço dos pontos que disputa;

7. Reparem que, no cômputo geral do vaivém do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa, os times que melhor souberam defender seus pontos em casa, são os que se acostumaram, em fase de campeonato internos, a jogar em casa e na casa dos adversários;

8. Sob êsse aspecto, também, é fácil compreender por que o Grêmio e o Internacional, de Pôrto Alegre, foram mais felizes jogando no Rio e em Belo Horizonte; é simples, senão lógico: o Campeonato Gaúcho desenvolve-se na mesma proporção territorial do paulista.

Passemos, agora, às deficiências, digamos, técnicas:

1. Os plantéis dos principais clubes de São Paulo são melhor dotados de jogadores, quantitativa e qualitativamente;

2. Entre o banco de reservas do Palmeiras por exemplo, e o banco de reservas do Fluminense, a diferença é que os suplentes do Palmeiras chamam-se Tupãzinho, Dario, Gallardo, Zèquinha, às vêzes, Servílio, Geraldo Scotto, e os daqui, bem, deixa pra lá.

3. Também os clubes paulistas devotam mais aprêço e confiança aos técnicos; dão-lhes mais autoridade, mais liberdade de ação, enfim, acreditam mais nêles, embora os derrotem com a mesma impiedade que os do Rio;

4. São Paulo tem Zezé Moreira, Aimoré Moreira, Pirilo (por coincidência, renegados no Rio) e Lula, bom antes e depois de Pelé; o Rio ficou reduzido a Tim, Martim Francisco, Zizinho e, mais recentemente, Zagalo;

5. Tim tem seu nome feito. Martim, a despeito de seu temperamento inconstante, é um rapaz de talento. Zizinho continua percorrendo a dura escalada da afirmação. E o probo Zagalo, apenas começa a pôr sua cabeça à prêmio, no Botafogo.

Pode não ser tudo. Pode não ser, rigorosamente, a pedra de toque dos nossos fracassos atuais. Mas, que faz parte do caldeirão de inconveniências e despreparos que nos levaram ao vexame dos dias presentes, aqui fica o desafio.

Pelas esquinas do mundo

Com sua vitória de anteontem, contra o Botafogo, a Portuguêsa continua firme no Campeonato Roberto Gomes Pedrosa. Agora o problema é tirar do varal dos Pampas, as calças do Grêmio. * Vitória do Grêmio sôbre o Ferroviário, colocou o campeão gaúcho junto com o Palmeiras na liderança da série. Perdeu muito, com isso o Santos, colocado bàsicamente fora do páreo final. * No exterior, a notícia importante foi a vitória da União Soviética, em Glasgow, contra a seleção da Escócia. O escore foi de 2 a 0, e no time russo figuraram nove dos onze efetivos que disputaram a última Copa do Mundo. * Em São Paulo só para agitar o Santos, os titulares do Corintians deram de 8 a 0 nos reservas. * E o Cruzeiro, voltando a si derrotou o Sport Boys, vice-campeão peruano, em Belo Horizonte, por 3 a 1, dando o handicap de não usar Tostão.

Paulo Bim agrada e vai ficar como titular

América completa o programa do torneio

Está decidido que a rodada de abertura do torneio internacional sob o patrocínio do América será mesmo dodmingo, dia 21, em Belo Horizonte, no Estádio Magalhães Pinto e terá a participação do América mineiro e do Atlético, o primeiro fazendo a partida preliminar contra o San Lorenzo e o segundo o jôgo de fundo contra o Nacional.

A participação do Vasco se iniciará no dia 24, quarta-feira, no Estádio Mário Filho, quando fará a partida principal contra o Nacional, jogando o América contra o San Lorenzo, no primeiro jôgo da noitada dupla, ambos os jogos já em disputa da Taça Governador Negrão de Lima, que se encerrará domingo, dia 28, com perdedores na primeira partida e vencedores na segunda.

Em Belo Horizonte

A participação do América mineiro está pràticamente assegurada. Fará a partida preliminar contra o San Lorenzo, recebendo como o Atlético uma cota fixa a ser estipulada.

O Sr. Hildo Nejar se encontra em Belo Horizonte, tratando dos detalhes finais e para lá seguirão breve o Presidente Braune e o Vice-Presidente Gérson Coutinho, que desejam supervisionar os preparativos ao mesmo tempo em que trabalharão pela promoção do espetáculo.

A receptividade por parte da torcida mineira foi a melhor possível, acreditando os dirigentes americanos e do Atlético que a arrecadação venha ultrapassar a casa dos NCr$ 100 mil.

Brasília quer

Brasília, na pessoa do presidente de sua Federação, Sr. Hugo Mosca, telefonou, ontem, pedindo que fôsse conseguida uma rodada, também em Brasília. Queriam Nacional e San Lorenzo, mas o clube argentino não poderá ir, pois tem compromissos já assumidos.

A proposta de Brasília é a de fazer, também, uma rodada dupla, jogando Nacional e seleção de Goiás, na partida principal, e América x Defelê, no jôgo preliminar. O Presidente Braune vai estudar o assunto e consultar os dirigentes uruguaios sôbre a possibilidade de uma quarta exibição.

Chegada a 19

A chegada das delegações do Nacional e do San Lorenço está confirmada para o dia 19, sexta-feira. Um avião da Pluna, fretado pelo América, trará as duas delegações e as transportará diretamente para Belo Horizonte. Como convidado de honra do San Lorenzo, virá ao Brasil o interventor da Associação Argentina de Futebol, o Sr. Valentim Suarez. As passagens já estão em Montevidéu e Buenos Aires, respectivamente, à disposição do Nacional e do San Lorenzo.

Os preços dos ingressos para os jogos no Estádio Mário Filho, apesar de se tratar de jogos internacionais, não serão majorados. É uma homenagem que o América deseja prestar ao torcedor carioca, segundo declarou ontem o Sr. Gérson Coutinho.

Promessa

A propósito, o Vice-Presidente americano afirmou que a promoção de seu clube significa um esfôrço muito grande e vai valer como teste para futuros empreendimentos do gênero.

Segundo afirmou o dirigente do América, dependendo do apoio que a torcida carioca der ao torneio, êle se compromete a tentar novas e melhores atrações. O Atlético de Madri e o Benfica, dependendo do sucesso da temporada atual, poderão também vir para uma segunda promoção.

De volta

O treinador Evaristo regressou ao Rio, deixando o comando da equipe entregue ao médico Ica.

Veio ver sua situação na Escola de Educação Física, mas retorna hoje, viajando para Ibibira, onde o América enfrentará domingo o Valério Doce.

Fla juvenil decide a ponta com o Botafogo

Botafogo x Flamengo será o principal jôgo da última rodada do turno do Campeonato Carioca de Juvenis, amanhã à tarde, já que tudo farão para manter a posição previlegiada que ocupam, como líderes.

A rodada se completará com os jogos Bangu x América, em Môça Bonita; Olaria x Vasco, na Rua Bariri; Fluminense x Campo Grande, na preliminar do Fla-Flu de profissionais, no Estádio Mário Filho; Portuguêsa x Madureira, na Ilha; e Bonsucesso x São Cristovão, em Teixeira de Castro.

Jôgo importante

Em General Severiano será jogada a mais importante partida da última rodada do Turno pelo Campeonato Carioca de Juvenis, que terá como adversários os times do Botafogo e do Flamengo, já que ambos ocupam a ponta da tabela e são os principais candidatos ao título deste ano. O Botafogo, que iniciou dando a falsa impressão de que seria um mero concorrente ao título, reagiu bem e já agora figura ao lado do Flamengo, como ponteiro.

O trabalho em General Severiano não foi pouco, uma vez que sòmente após as primeiras rodadas é que o time pôde ser acertado, pois seus principais valôres estavam com as seleções carioca e brasileira, e até pegarem conjunto novamente não foi tarefa fácil para o técnico Zagalo, mas aos poucos foi subindo de produção e hoje marcha firme para conquistar o bicampeonato.

O Flamengo, que marchava firme na liderança, com um bom início de apresentações, com sua artilharia arrasadora e sua defesa pouco vazada, agora tem o Botafogo ao seu lado e não parece tão firme em sua vontade de vencer, pois perdeu para o Vasco em jôgo fácil para o adversário. Terá que lutar muito, se quiser continuar candidato.

O América terá que ir a Bangu saldar um compromisso bem difícil, pois o Bangu costuma atuar com muita garra quando enfrenta adversário difícil, principalmente depois de um empate contra o Bonsucesso.

O Olaria, que está se constituindo na grande surprêsa do Campeonato, estando ao lado do Vasco em quarto lugar, receberá a visita do seu companheiro de colocação, o Vasco, que vem de uma bonita vitória sôbre o Flamengo, na Gávea e que ensejou mais chance aos demais candidatos.

Já o Fluminense, que começou o Campeonato dando a nítida impressão de que seria um dos mais sérios candidatos ao título, caiu de produção assustadoramente, a ponto de não inspirar mais confiança à sua torcida, fará a preliminar com o Campo Grande no Fla-Flu de profissionais.

A Portuguêsa, que foi a autora da grande surprêsa da rodada, ao vencer no Fluminense, em Alvaro Chaves, jogará contra o Madureira, na Ilha, e, finalmente, como o jôgo mais fraco da rodada, o Bonsucesso jogará contra o São Cristóvão, que está em busca da sua primeira vitória no Campeonato.

Todos os jogos têm início previsto para as 15h30m.

Madureira vê time para ir a M. Gerais

O Madureira estará se movimentando na manhã de hoje, num treino coletivo, sob as ordens do técnico Célio de Sousa, com vistas ao compromisso de domingo, na cidade mineira de São Lourenço, contra o time do mesmo nome, oportunidade que terá o técnico de observar alguns jogadores que estão em experiência no clube.

Está em estudos, também, uma excursão pelo norte e nordeste do país, num total de dez a quinze jogos, dependendo da parte financeira, uma vez que o empresário ainda está aguardando a resposta dos clubes a quem êle consultou sôbre êsses jogos. No caso de não se realizar a excursão, o time continuará em franco treinamento, até que outros compromissos sejam acertados.

Eusébio disse, de passagem para Lima, que não há jogador como Pelé

Eusébio acha que em 70 Copa é mais dura

Eusébio, que transitou, ontem de manhã, pelo Galeão, como integrante da delegação do Benfica, campeão português desta temporada, a caminho de Lima, Peru, antes de seguir para Los Angeles, nos Estados Unidos, onde enfrentará dia 17, o campeão inglês, o Manchester United, declarou que "quem quiser ganhar a Copa do Mundo de 1970, no México, precisa preparar-se muito bem, pois ela vai ser muito pior do que a de 1966, já que o futebol se torna cada dia mais difícil de ser praticado, com as defesas jogando cerrado e duro para impedir a feitura de gols".

Italianos virão fortes

E acrescentou Eusébio, que se sagrou também goleador do Campeonato Português de Futebol, por antecipação, que "se os brasileiros têm suas pretensões de reconquistar a Jules Rimet, os italianos virão mais decididos, o mesmo acontecendo com outros países".

O treinador chileno Fernando Riera, após afirmar que "nunca mais" voltará a treinar seleções, "pois se os encargos são muitos, as responsabilidades são enormes, sem armas para a gente se defender". Esclareceu ainda Riera que os programas nunca são cumpridos e, depois, a culpa sempre recai sôbre os ombros do técnico.

Futebol-fôrça é violência

No entender do técnico do Benfica, o futebol moderno "está entregue à violência, ante a complacência dos juízes. Baixa-se o sarrafo, impunemente, com os árbitros advertindo seguidas vêzes o mesmo jogador, quando a advertência deveria ser feita uma única vez, servindo para tôda a equipe, que, na próxima falta, ficaria com um jogador a menos, mesmo não fôsse êle o responsável pela falta anterior. Como está, não sei o que acontecerá com o futebol, que sofre êsse problema em todo o mundo, por falta de orientação da FIFA no critério geral das arbitragens".

— O futebol-fôrça nada mais é que o futebol-violência, pôsto em prática para barrar grandes jogadores, tipo Pelé, que não podem mais jogar pela violência como são marcados e a complacência dos juízes, disse Fernando Riera. E completou afirmando que "sem poder parar o futebol mágico de Pelé, inventou-se o futebol-fôrça para deter os grandes atacantes. Pergunto: há necessidade de fôrça para dominar a bola e realizar uma grande jogada? No meu entender, não. A fôrça aí usada mais como meio para substituir a arte, para quem dela nada tem. Se não se fizer alguma coisa para deter a violência no futebol, não sei aonde iremos parar".

A delegação

Manifestando-se desejosos de atuar no Brasil, no próximo mês de agôsto, de preferência em Belo Horizonte, contra Atlético ou Cruzeiro, os dirigentes do Benfica esclareceram que isto se deve ao fato de, em Minas, no momento, pagarem melhores quotas. O Benfica pede de 15 a 20 mil dólares por exibição e, no momento, está sem datas para exibir-se no Brasil.

A delegação é chefiada pelo Sr. Rui Jorge de Sousa Guedes e pelo Coronel José Catela Teixeira Stocker de Albuquerque, Diretor do Departamento de Futebol e integrada por José Alberto da Silva Faria, médico; Hamilton Marques da Pena, massagista; Joaquim Calado Ricardo, roupeiro e pelos jogadores Costa Pereira, Henriques, Cavém, Jacinto, Raul, Cruz, Jaime Graça, José Augusto, Simões, Eusébio, Silva, Calado, Nélson Fernandes, Antônio Fernandes, Guimarães, José Carlos, Calisto e Carmo.

O Benfica vai realizar duas partidas na capital peruana, enfrentando na estréia o Universitário.

JUVENIL TEM DOIS LÍDERES

O Campeonato Carioca de Juvenis de 1967, após a realização de sua penúltima rodada do turno, passou a apresentar dois líderes, que são Flamengo e Botafogo. Os rubro-negros, depois de perderem a invencibilidade contra o América, na rodada anterior, voltaram a fracassar, perdendo, desta feita, em seu próprio campo para o Vasco da Gama, por 2 a 1. O América, por seu turno, que era o vice-líder, também foi derrotado pelo Botafogo, por 2 a 0, passando a ocupar a segunda colocação.

Com êsse resultado, o Botafogo igualou-se ao Flamengo, na liderança, voltando a ser candidato ao bicampeonato. Sábado próximo, botafoguenses e rubro-negros decidirão a liderança, no encerramento do primeiro turno. Resultado que representou surprêsa na rodada que passou, foi a derrota do Fluminense, para a Portuguêsa, por 3 a 1, em seu próprio campo. Eis como se apresentam os números do Campeonato Carioca de Juvenis de 1967:

Colocação dos clubes

	J	V	E	D	PG	PP	GP	GC	S	D
1.º) — Flamengo	10	8	—	2	16	4	27	4	23	—
Botafogo	10	8	—	2	16	4	21	6	14	—
2.º) — América	10	7	1	2	15	5	18	4	14	—
3.º) — Vasco	10	7	—	3	14	6	14	8	6	—
Olaria	10	6	2	2	14	6	14	6	8	—
4.º) — Flu	10	5	2	3	12	8	16	12	4	—
5.º) — Port.	10	4	1	5	9	11	8	13	—	5
6.º) — Bangu	10	3	2	5	8	12	14	16	—	2
7.º) — Bonsuc.	10	3	1	6	7	13	9	19	—	10
8.º) — Madureira	10	2	1	7	5	15	7	24	—	17
9.º) — C. Grande	10	1	1	8	3	17	1	19	—	18
10.º) — S. Crist.	10	—	1	9	1	19	1	13	—	12

Artilheiros

O rubronegro Dionísio continua absoluto na artilharia, agora com 14 gols. São êstes os artilheiros de cada clube:

Flamengo — Dionísio — 14 gols.
Botafogo — Mimi — 10 gols.
Vasco — Okada — 5 gols.
Olaria — Dé — 5 gols.
Fluminense — Dida 4 gols.
América — Antônio Carlos e Renato — 4 gols.
Bangu — Paulinho e Luisinho — 3 gols.
Bonsucesso — Dutra — 3 gols.
Portuguêsa — Abílio — 3 gols.
Madureira — Hélinho — 3 gols.
Campo Grande — José — 1 gol.
São Cristóvão — Fernando — 1 gol.

Arrecadações

A penúltima rodada do turno, arrecadou NCr$ 1 464,00, que somado ao total anterior, que era de NCr$ 7.786,00, totaliza, agora, NCr$ 9 250,00.

Taça Eficiência

O Botafogo manteve a liderança, agora distanciado três pontos do vice-líder, o Flamengo. Eis a classificação:

	pontos
1.º) — Botafogo	40
2.º) — Flamengo	37
3.º) — América	30
4.º) — Vasco e Olaria	28
5.º) — Fluminense	24
6.º) — Portuguêsa	16
7.º) — Bangu	15
8.º) — Bonsucesso	13
9.º) — Madureira	8
10.º) — Campo Grande	6
11.º) — São Cristóvão	2

Próxima rodada

A última rodada do turno apresentará como grande atração, o clássico entre Botafogo e Flamengo, a ser disputado sábado em General Severiano. Ainda no sábado, completando a rodada, jogarão Fluminense x Campo Grande, no Estádio Mário Filho, na preliminar do Fla-Flu, pelo Campeonato Roberto Gomes Pedrosa; Bangu x América em Môça Bonita, Olaria x Vasco da Gama, na Rua Bariri; Bonsucesso x São Cristóvão, em Teixeira de Castro e Portuguêsa x Madureira, na Ilha do Governador.

Com a sua estréia contra o Flamengo, no jôgo de quarta-feira passada em Brasília, quando fêz o primeiro gol do Vasco e deu o passe para o segundo, Paulo Bim, ganhou a posição de titular da equipe e será incluído no time para a partida de domingo de manhã contra o São Paulo.

Embora tivesse jogado um tempo, substituindo Bianchini na etapa final, Paulo Bim movimentou o ataque do Vasco e mostrou qualidades de bom jogador, agradando ao técnico e aos dirigentes que acompanharam a delegação. Por êste motivo poderá ser lançado na última partida do Vasco no Campeonato Roberto Gomes Pedrosa.

Estréia feliz

A exemplo de Nei, Paulo Bim estreou muito bem na equipe do Vasco, tendo papel destacado na vitória conseguida sôbre o Flamengo, em Brasília. O gol marcado logo no início do segundo tempo, quando pegou na bola pela primeira vez, mostrou realmente que possui as características de goleador.

A sua atuação agradou a Zizinho, que o incluirá no ataque para o jôgo contra o São Paulo. Hoje haverá a apresentação dos jogadores para o treino individual e a seguir sairá a relação dos que participarão da delegação que embarcará amanhã, às 10h30m, para S. Paulo.

Alterações

Franz, que se contundiu no Rio Grande do Sul, no jôgo contra o Grêmio, poderá reaparecer domingo, pois está em franca recuperação. Valdir ainda continua questionando com o clube, sem renovar contrato, pois insiste em ganhar NCr$ 15 mil de luvas e ... NCr$ 800,00 por um ano, enquanto o Vasco só concorda se o goleiro assinar por dois anos.

Além da inclusão de Paulo Bim no ataque, poderá também ocorrer a volta de Nado à ponta-direita, já que será testado amanhã para saber das suas condições, pois, deixou de atuar contra o Flamengo por causa de uma contusão na perna esquerda, conseqüência de um choque na partida de domingo passado contra o Atlético Mineiro em Belo Horizonte.

A equipe provável para o jôgo de domingo, dependendo da recuperação de Franz e Nado, poderá ser esta: Franz (Pedro Paulo); Jorge Luís, Ananias, Fontana e Oldair; Maranhão e Danilo Meneses; Nado (Luisinho ou Zèzinho), Nei, Paulo Bim (Bianchini) e Morais. O "bicho" pela vitória sôbre o Flamengo foi fixado em NCr$ 100,00 e deverá ser pago hoje.

Vasco mantém cota pedida ao América

O Vasco ameaçou abandonar o Torneio promovido pelo América, se êste continuar a insistir em pagar menos de NCr$ 10 mil, cota pedida pelo Sr. Armando Marcial, Vice-Presidente de Futebol, por partida que fôr disputada contra o San Lorenzo e o Nacional, clubes da Argentina e Uruguai, respectivamente.

Devido a êste impasse, o Vice-vascaíno abriu mão da data do dia 21 de maio, porque acertou um amistoso em Uberlândia, contra o clube do mesmo nome, ganhando uma cota de NCr$ 10 mil, e com possibilidades de disputar mais uma partida ainda nesta cidade, reservando os dias 24 e 28 para jogar no Torneio.

Presidente pode mudar

Os entendimentos foram mantidos com o Sr. Armando Marcial, pois o Presidente João Silva encontra-se ausente do Rio. Segundo o dirigente vascaíno, o América achou a quantia pedida além das suas possibilidades, mas como a cota fixada é esta, não cederá, e se não aceitarem, há outros jogos programados para as datas estabelecidas.

O América, representado pelo Sr. Gérson Coutinho, Vice-Presidente de Futebol, disse que seu clube poderá pagar ao Vasco, de NCr$ 6.000,00 a NCr$ 7.000,00, e como não encontrou uma boa acolhida do vice-vascaíno, pretende se definir quando o Presidente João Silva regressar.

— Quanto ao assunto, não me interesso quanto o América vai ganhar, mas quero NCr$ 10 mil, e se não pagarem esta quantia o Vasco não joga — disse o Sr. Armando Marcial — e se o Presidente aceitar jogar por menos, a responsabilidade será dêle, mas creio que ficará cota estabelecida anteriormente.

Representação

Ontem na sede do Cinese foi discutida a proposta dos dirigentes vascaínos sôbre o protesto onde o Vasco deveria pedir a exclusão do juiz José Mário Vinhas do Departamento de Árbitros da Federação Carioca, motivada pela sua atuação na partida entre Vasco e Grêmio no Rio Grande do Sul.

Depois dos debates, ficou resolvido que o Vasco só fará uma representação, vetando o juiz dos seus jogos, embora a primeira hipótese fôsse muito pedida pelos dirigentes.

Salão colegial tem semifinais no América

Melhores da cidade nadam no colegial

A competição de natação colegial dos XVII JOGOS INFANTIS será disputada amanhã, a partir das 14 horas, em local ainda a ser designado, reunindo os melhores nadadores infantis e infanto-juvenis cariocas alguns dêles até campeões brasileiros e sul-americanos.

O Bennet, campeão feminino do ano passado, estará presente para tentar o bicampeonato. Por sua vez o Santo Inácio, na classe masculina, tentará o tri. Oito colégios competirão na classe masculina e cinco na classe feminina. Seus atletas, na maioria dos casos, pertencem também a clubes.

Competidores

Para disputar a classe masculina confirmaram inscrição os seguintes colégios:

1 — Santo Inácio
2 — Santo Agostinho
3 — ASCB
4 — Instituto Abel
5 — Alfredo Filgueiras
6 — Hebreu Brasileiro
7 — FUNABEM
8 — Pio Americano.

Na classe feminina estão inscritos:

1 — Bennet
2 — ASCB
3 — Alfredo Filgueiras
4 — Pio Americano
5 — FUNABEM

As semifinais do Torneio de Futebol de Salão, série colegial, categoria 11 a 13 anos, serão jogadas esta tarde, no ginásio do América — Rua Campos Sales, 118 —, reunindo quatro times que, efetivamente, sem a ajuda da sorte, mas pelo que demonstraram, foram os que melhor se apresentaram.

Na série de clubes, o torneio prosseguirá, à noite, no ginásio do Sírio e Libanês — Rua Marquês de Olinda, 38 —, com mais três jogos. A estréia dos times do Gragoatá e Sírio e Libanês, categoria 13 a 15 anos, é a grande atração da noite. Amanhã, não haverá jogos pelo torneio.

Colegial

A rodada colegial apresenta os seguintes jogos:

14h30m — Abel x Lemos de Castro (11 a 13); 15h10m — Pio-Americano x Arte e Instrução (11 a 13); e 15h50m — Arte e Instrução x Bennett (13 a 15).

Qualquer antecipação sôbre os resultados dos dois primeiros jogos é perigosa. Isto porque os quatro times que se apresentarão demonstraram grandes qualidades, chegando à atual posição pelos seus próprios méritos. No primeiro jôgo, a maior capacidade física dos meninos do Abel deverá ser anulada pela alta qualidade do jôgo tático do Lemos de Castro, dirigido pelo professor Virgílio, que, em seis Jogos Infantis, levou seu time cinco vêzes à final.

No segundo jôgo o equilíbrio é total no que tange à complexão física dos dois times. Também na parte técnica os dois se equivalem. Entretanto, se levarmos em consideração apenas os últimos jogos do Pio-Americano e Arte e Instrução, a balança pende um pouco para êste. Na rodada de quarta-feira, o Pio encontrou muitas dificuldades para vencer seu adversário, inclusive jogando mau. Já o Arte e Instrução ganhou com firmeza o Alfredo Filgueiras, inclusive com uma goleada.

Clubes

À noite, no Sírio, a rodada apresenta os seguintes jogos:

19h30m — AA Méier x Gragoatá (13 a 15); 20h15m — AA Jacaré x Sírio e Libanês (13 a 15); 21h — Ginásio Portuário x AA Souza Cruz (13 a 15).

Domingo

O Torneio prosseguirá domingo, séria de clubes, com a realização de seis jogos no ginásio do Sírio e Libanês, na Rua Marquês de Olinda, 38:

14h — SE Caiçaras x Falcão (11 a 13); 14h45m — AA Jacaré x Ginásio Portuário (11 a 13); 15h30m — Maria da Graça x Grêmio D. Bosco (11 a 13); 16h15m — Mackenzie x AA Méier (11 a 13); 17h — Magnatas x Brotinhos (11 a 13); e 17h45m — Sírio e Libanês x Flamengo (11 a 13).

Autoridades

Para funcionar como oficiais de mesa e juízes estão escalados os Srs. Italo Palmeiro, Wilson Amaral, Jair Cabral, José Carlos Sampaio, Arpad Mestre, Ericson Kummer, Abílio Martins Neto, Carlos Roberto de Souza, Lúcio Gonzalez, José de Carvalho, Felipe Alexandre Rau e Geraldo dos Santos.

FILGUEIRAS DIVIDE COM ASCB O XADREZ

Os colégios Professor Alfredo Filgueiras (feminino), e ASCB (masculino) sagraram-se campeões do Torneio Colegial de Xadrez dos XVII JOGOS INFANTIS, realizado na sede velha do Flamengo, presente numerosa torcida.

Os colégios Pio-Americano e Arte e Instrução foram os vice-campeões, enquanto o Alfredo Filgueiras obtinha ainda a terceira colocação na classe masculina, somando pontos preciosos para a colocação geral dos Jogos.

Feminino

Com apenas três colégios inscritos, o torneio feminino se resumiu a um jôgo, já que a equipe do Arte e Instrução não compareceu. Por sua vez, a equipe do Pio-Americano se fêz representar apenas por uma jogadora — Dircéia Luís da Silva — derrotada no primeiro jôgo, por Marli Pilar. A equipe do Filgueiras contou ainda com Jane de Negri e Alderi Sousa.

Masculino

Cinco colégios participaram da classe masculina, cuja colocação final foi a seguinte:

Campeão — ASCB; vice — Arte e Instrução; 3.º — Alfredo Filgueiras; 4.º — Instituto Abel; 5.º — Pio-Americano.

A equipe campeã era formada por Eduardo Simão, Antônio Pádua e Jorge Amor. O Arte e Instrução tinha a defendê-lo Hélder Câmara e Cléber Ribeiro. O Alfredo Filgueiras foi representado por Luís Tadeu Sousa, Alderi Sousa Matos e Cláudio Gelabert.

No confronto decisivo, os resultados foram os seguintes:

Bernardino Alves (ASCB) perdeu para Hélder Câmara (AI); Jorge Amor (ASCB) venceu Cléber Ribeiro (AI); Eduardo Simão (ASCB) venceu por WO, já que a equipe do Arte e Instrução era formada apenas por dois jogadores.

Geral

A competição apresentou o seguinte panorama:

1.º jôgo — vitória da ASCB sôbre o Pio-Americano, por 2 a 1; 2.º jôgo — vitória do Arte e Instrução sôbre o Abel, por 2 a 0; 3.º jôgo — vitória da ASCB sôbre o Alfredo Filgueiras, por 3 a 0; 4.º jôgo — vitória da ASCB sôbre o Arte e Instrução, por 2 a 1.

Menina do Filgueiras corre e salta mais

O Alfredo Filgueiras conquistou o título de campeão colegial — feminino — de atletismo, competição realizada ontem à tarde, no Estádio Atlético Célio de Barros, somando 66 pontos contra 49 da ASCB, que tentava o tricampeonato. O Arte e Instrução, que surgiu como um dos favoritos, ficou em terceiro, com 47.

Nas demais colocações classificaram-se FUNABEM, 45, Escola Americana, 30 e Pio-Americano, que não marcou pontos. A competição foi coordenada pelos Srs. Hélio Babo, Osvaldo Gonçalves e Aluísio Caminha, e contou com a eficiente ajuda das alunas da Escola de Educação Física.

Campeão

O Alfredo Filgueiras, que vem cumprindo destacada atuação na olimpíada — é o líder da série colegial — obteve mais um título vencendo o atletismo (feminino), com uma diferença de 17 pontos sôbre a ASCB, que tentava o tri.

O índice técnico foi regular, destacando-se a fibra das atletas da FUNABEM, que obteve o maior número de vitórias na classe de 13 a 15 anos, enquanto que o Alfredo Filgueiras brilhava na categoria de 11 a 13 anos.

As provas

Oito provas foram disputadas, oferecendo os seguintes detalhes técnicos:

11 a 13 anos

50 metros rasos — Campeã — Angela Cardoso (ASCB) — 7s91d; vice — Lúcia Helena Correia Sousa (A. Filgueiras) — 8s; 3.º — Marilsa Rodrigues Silveira (A. Filgueiras) — 8s.

Salto e distância — Campeã — Angela Cardoso (ASCB) — 3.71m; vice — Marilsa Silveira (Filgueiras) — 3.33m; 3.º — Kátia Alevatto (Filgueiras) — 3.27m.

Revesamento 4x50m — Campeã — Equipe do Alfredo Filgueiras (Marilsa, Lúcia Helena, Rosângela e Nazaré) — 32s6d; 2.º — Equipe da Escola Americana (Karen, Peggy, Leslie e Gay) — 33s5d; 3.º — Equipe da ASCB (Angela, Laura, Fernanda e Maria Angélica) — 33s6d.

Salto em altura — Campeã — Nadine Wade (Americana) — 1.15m; 2.º — Kátia Alevatto (Filgueiras) — 1.10m; 3.º — Laura Maria Garcia (ASCB) — 1.10m.

Colocação parcial

1.º — Alfredo Filgueiras — 44 pontos; 2.º — Escola Americana e ASCB — 30; 4.º — Arte e Instrução — 15.

13 a 15 anos

75 metros rasos — Campeã — Rosemary Raimundo (FUNABEM) — 10s9d; 2.º — Nádia Maria de Sousa (Arte e Instrução) — 11s; 3.º — Elisete dos Santos (FUNABEM) — 11s1d.

Salto e distância — Campeã — Rosemary Raimundo (FUNABEM) — 4.16m; 2.º — Solange Silva (Filgueiras) — 3.97m; 3.º — Elenir de Oliveira (FUNABEM) —

Salto em altura — Campeã — Nádia Maria Sousa (FUNABEM) — 1.25m; 2.º — Elisabete Pereira (ASCB) — 1.20m; 3.º — Tânia Mara Mócho (ASCB) — 1,15m.

Revesamento 4x75 metros — Campeã — Equipe da FUNABEM (Rosemary, Elisete, Neusa e Iéda) — 44s; 2.º — Equipe do Arte e Instrução (Nádia, Elisabete, Eliana e Sônia) — 46s9d; 3.º — Equipe do Alfredo Filgueiras (Midiah, Solange, Marli e Lúcia) — 47s.

Contagem parcial

Campeã — FUNABEM — 45 pontos; vice — Arte e Instrução — 42; 3.º — Alfredo Filgueiras — 22; 4.º — ASCB — 19.

Autoridades

Estiveram em ação as seguintes autoridades:

Osvaldo Gonçalves e Hélio Babo (diretores de setor), Alfredo Colombo e Alice de Jesus (juízes de altura), Durval Tavares Alves e Dilma Cairo de Carvalho (juízes de distância), Aníbal Alves Calvão (diretor de cronometrista), Marlene Flores Simões, Eliana de Castro Nogueira, Heloísa Helena C. Silva, Vera Lúcia Ribeiro, Gelsa A. Bernardes, Inês Profeta, Natércia dos Santos, Gelsomina Malvezzi, Doroty Milianskas, e Paulo César Colombo (juízes de chegada). O Sr. Aluísio Caminha, Presidente da FARJ, prestigiou a competição, e atuou como locutor.

Passagem certa de bastão garantiu primeiro lugar à equipe da FUNABEM

Flamengo perdeu e já fêz recurso

O Flamengo deu entrada em recurso pedindo a vitória no jôgo que perdeu para o GE São Sebastião, categoria 13 a 15 anos, acusando o clube adversário de ter incluído no time um seu ex-atleta, sob o nome de Carlos Renato de Sousa.

Nos outros dois jogos da rodada de salão, série de clubes, realizado no Sírio e Libanês, a AA Jacaré venceu ao Caiçaras de Madureira, por 3 a 2, e o Sírio e Libanês venceu por não comparecimento de seu adversário, o Ateneu D. Bosco, também na categoria 13 a 15 anos.

Recurso

Na tarde de ontem, o Vice-Presidente Francisco Figueiredo, deu entrada no nosso Departamento de Certames e Promoções, de um recurso informando que o atleta Carlos Renato de Sousa, do GE São Sebastião, é seu ex-jogador de futebol de salão. Felipe Sette, cuja idade está acima do limite fixado para competir nos JOGOS INFANTIS. Neste jôgo a vitória pertenceu ao GE São Sebastião, por 5 a 4, obtida na prorrogação.

Flamengo — Marco Aurélio; Luís Cláudio, Wilson, Sérgio e Humberto; jogaram ainda Romam e Willian.

GE São Sebastião — Gerner; Ivã, João, Carlos Renato e Luís Carlos, jogando ainda Júlio e Átila.

1.º tempo — Flamengo 2 a 1 (Wilson e Humberto, e João, para o GESS).

2.º tempo — GE São Sebastião 3 a 2 (Carlos Renato, Luís Carlos e Júlio, e Sérgio e Humberto, para o Fla).

Final — GE São Sebastião 5 a 4 (Júlio).

AA Jacaré

AA Jacaré — Válter; Luís Sérgio, Celso, Sidnei e Nilo, jogando ainda Pedro Roberto.

Caiçaras de Madureira — Iraldevar; Carlos Alberto, Carlos Alberto II, Jorge Luís e Edson.

1.º tempo — AA Jacaré 2 a 0 (Luís Sérgio e Nilo).

Final — AA Jacaré 3 a 2 (Luís Sérgio e Carlos Alberto e Carlos Alberto II.

Sírio e Libanês

Também na categoria 13 a 15 anos, o Sírio foi proclamado vencedor, já que seu adversário, o Ateneu Dom Bosco, não se apresentou para jogar.

Felipe Alexandre Rau e Ciório Ramos, o "Teié", foram os juízes.

Torcedor, evite correrias na saída do estádio. Alguém pode ferir-se, inclusive seu filho.

CIRANDINHA

Chico Figueiredo reclamando com Marco Aurélio a ausência de fotografias do Flamengo na página dos Jogos e, exagerado como êle só, afirmando que "você não publica nada do Flamengo". Ora, Chico, deixa de chôro. Os fotógrafos só ficam nas chegadas e, atualmente, o Flamengo está chegando sempre com atraso. Daí...

Só para tirar uma dúvida. João gostaria de receber a visita de Rogê que, ano passado, foi jogador do infanto de salão do Vasco. Alguém fêz uma aposta com João e, sòmente a presença de Rogê, pode definir o ganhador. Mas, não acreditamos que Rogê apareça...

— Pobre vive de teimoso. Se eu fizer alguma coisa, você pode dizer que eu fiz mais que os outros — diz o Jeferson sôbre sua participação nos PEQUENOS JOGOS. O homem forte do Natação Penha, entretanto, frisa que "tivesse os aparelhos do Flamengo ia para a cabeça".

João Teimoso, "papa-goiaba" de quatro costados, a partir da tarde de ontem, começou a ficar encabulado. Acontece que um clube de Niterói, para ganhar no futebol de salão, parece que usou uma tática altamente anti-esportiva. Estamos apurando.

Depois de um longo inverno, Chico Figueiredo reapareceu com a corda tôda. Reclamou a cobertura que o Flamengo está tendo (— tem gente que, por ser Flamengo, acaba prejudicando o clube) e não fêz por menos: — agora chegou a minha vez. Vou ganhar os PEQUENOS JOGOS e partir para a conquista do título geral. Chico, ao mesmo tempo em que se lamenta, dá urros de valentia.

O Professor Alfredo Filgueiras conquistou o título de campeão de atletismo colegial (feminino) contrariando os prognósticos que apontaram ASCB — competia para o tri — Arte e Instrução e FUNABEM. As atletas da Ilha do Governador tiveram destacada atuação, surpreendendo, e fazendo jus ao título que deixa o colégio em primeiro lugar com larga margem de pontos sôbre o Pio, segundo colocado.

Mário decididamente está com o firme propósito de conquistar o Troféu Garganta. Inconformado com a perda do tricampeonato, Mário lamentava a falta de sorte da turma do Botafogo, que se viu prejudicada no revesamento 4x75m — prova que decidiu a competição — por erro de quem armou a sua equipe.

O caso foi que, além de uma menina faltar, outra foi "barrada" por já ter disputado três provas — máximo que o Regulamento Geral permitia ficando a equipe reduzida a três. Até aquela hora ASCB e Filgueiras estavam igualadas. Quando o Stone anunciou o primeiro lugar para o Professor Alfredo Filgueiras, Mário abaixou a cabeça e deixou o [illegible] "não é possível".

A FUNABEM compareceu com numerosa torcida, e isso em muito auxiliou as atletas que tiveram destacada atuação e fizeram por merecer maior sorte numa competição que foi presenciada por um grande público, na maioria composta de pais, professôres e parentes das atletas.

Esquerdinha estava conformado com a colocação da FUNABEM, lembrando que para o ano, ou até mesmo nos JOGOS DA PRIMAVERA, uma melhor colocação poderá ser obtida. Esquerdinha ressaltou que as suas atletas ultrapassaram a expectativa "o que já é uma vitória".

Lobo Mau tem observado que durante as competições femininas as atletas têm se preocupado com o detalhe fisionômico, fato que lhe despertou uma grande curiosidade e que logo foi satisfeita.

O caso é que a Atlântida Filmes está colaborando para a grandiosidade dos JOGOS INFANTIS, filmando os principais lances do arco e flecha, tiro ao alvo, atletismo, etc. A partir de segunda-feira, dia 15, já estará nas telas do circuito Metro a competição de arqueiros, em que Fluminense e Professor Alfredo Filgueiras fizeram uma "lisa". Luís Diniz Oliveira e Egas Silvestre, são os dois responsáveis por mais uma atração da olimpíada infantil.

Beju e Mosquito são dois garotos que Chico Figueiredo vem preparando para vencer nos Pequenos Jogos, e isso poderá acontecer domingo. Chico, que hoje estréia na casa dos 46, crê numa vitória por larga margem de pontos sôbre o Vasco, seu mais perigoso adversário.

Sôbre a questão dos professores Virgílio e Pacheco, do Lemos de Castro e Arte e Instrução, o João apurou que a mesma começou fora dos Jogos Infantis, envolvendo um pára-quedista. Na história tôda, como diz o povo, há gato na tuba...

Quem é bom já nasce feito. A Elisa Cristina, arqueira do Vasco, não era considerada como trunfo do clube para a competição, que tinha em Silina Braga suas grandes esperanças. A menina, inclusive, treinou intensamente para a competição. Mas, na hora H, foi mesmo a Elisa Cristina quem garantiu maior número de pontos para o Almirante.

Voltamos a um assunto que considerávamos encerrado: jôgo Mackenzie e Grajaú. Em nota aqui publicada, estranhamos o procedimento do técnico Hélio. Houve quem, partindo de nossas palavras, passasse a ilações sôbre o caráter do responsável pelo futebol de salão do Grajaú. João não conhece, nem remota, nem pròximamente, o Hélio. Por conseguinte não poderia fazer apreciações depreciativas sôbre seu caráter. Aqui estranhamos apenas o seu destrambelhamento — talvez momentâneo — no jôgo vencido pelo Mackenzie. João foi mal interpretado.

Falta de goleiro é "quebra-cabeça"

O goleiro continua sendo o grande problema do Professor Virgílio, técnico da equipe de 11 a 13 de futebol de salão do Lemos de Castro, que no ano passado enfrentou o mesmo drama, acabando em oitavo lugar, interrompendo uma tradição que vinha sendo mantida há seis anos, isto é, da escola chegar à final para decisão do título.

Esta tarde, o Lemos de Castro enfrenta o Abel, valendo pela semifinal, com Virgílio indeciso para escalar quem guarnecerá o gol do colégio de Madureira, estando entre César e Ronaldo, sendo que o primeiro, embora titular, não teve boa atuação contra o Pequeno Jornaleiro, cedendo o lugar a Ronaldo, que "fechou".

— Já preparei um esquema de jôgo em que a fragilidade do goleiro estará neutralizada pela defesa, mas, como se trata de uma manobra tática, não vou explicá-la porque estaria dando os elementos necessários para os meus inimigos do Abel prepararem a contra-tática — afirmou o professor.

Em seis anos de JOGOS INFANTIS — vai para o sétimo — o Lemos de Castro já venceu três vêzes: 1961, quando estreou, 1963 e 1965, ficando em segundo em 1962 e 1964, com um modesto oitavo lugar ano passado. Este ano, Virgílio lembra a tradição da camisa, afirmando que "poderá dar zebra".

— Há seis anos que usamos o uniforme de listras horizontais da côr verde e branca, e não será mistério algum se a garotada chegar à final e conquistar o título. É apenas uma questão de aguardar — concluiu.

Gangorra

Computadas as competições de arco e flecha (duas classes), judô (11 a 13 e 13 a 15), tiro ao alvo (duas classes) e desfile a classificação geral dos clubes é a seguinte:

Lugar	pontos
1.º — Fluminense	43
2.º — Vasco	37
3.º — Flamengo	26
4.º — Magnatas	24
5.º — Petroquímicos	16

No setor de colégios, computadas as competições de arco e flecha (duas classes), tiro ao alvo (duas classes), xadrez (duas classes), atletismo (feminino) e desfile, a classificação é a seguinte:

Lugar	pontos
1.º — Alfredo Filgueiras	61
2.º — Pio Americano	42
3.º — Colégio da ASCB	33
4.º — Hebreu Brasileiro	21
5.º — Instituto Abel	20

II Torneio de Pelada JORNAL DOS SPORTS-ESSO

Prazo para confirmação termina às 18 horas

O prazo de entrega dos formulários para confirmar a participação no I Torneio de Pelada, promovido pelo JORNAL DOS SPORTS com o patrocínio da ESSO BRASILEIRA DE PETRÓLEO, será encerrado hoje, às 18 horas, em nosso Departamento de Promoções, na Rua Tenente Possolo, 15 a 25, e os clubes que não fizerem suas confirmações perderão o direito de participar do torneio.

Já é grande o número de clubes inscritos que fizeram sua confirmação no torneio, entregando os formulários de inscrição devidamente preenchidos, isto é, com a assinatura de cada um dos atletas e de dois retratos, ultrapassando o total do I Torneio e garantindo o sucesso absoluto do segundo certame.

Encerra hoje

Os clubes que fizeram sua inscrição no II Torneio de Pelada JORNAL DOS SPORTS-ESSO BRASILEIRA DE PETRÓLEO, mas que não entregaram as papeletas confirmando sua participação, deverão fazê-lo até às 18 horas de hoje em nosso Departamento de Promoções, para poderem participar dos jogos, que deverão ser iniciados por êsses dias, logo assim que as obras nos campos sejam concluídas.

O prazo de entrega será encerrado hoje, impreterivelmente, às 18 horas, tendo sido prorrogado devido aos inúmeros pedidos, pois muitos dos responsáveis pelos times inscritos não haviam conseguido preencher os requisitos exigidos pelo regulamento da Direção do II Torneio de Pelada.

Convocações

A fim de ajudar os clubes inscritos no II Torneio de Pelada e que já fizeram a entrega dos formulários confirmando sua participação, a Direção do torneio vem publicando as convocações dos clubes e propostas de jogos nos oito campos do Parque do Flamengo.

O quadro do Real, para a partida contra o time do Plaza, convoca seus jogadores Feijão, Zezinho, Mário, Jorge, Arlindo, Lisboa, Maranhão, Válter, Júlio, Zé Carlos, Arlindo, Vovô, Abel e Elias para comparecerem ao campo número 2, às 8 horas do domingo. A partida será arbitrada por Osvaldo Paiva, do DA.

O quadro dos Milicos Esporte Clube aceita qualquer dos oito campos do Parque do Flamengo, devendo as equipes interessadas enviarem ofício ao QG do I Exército, no Ministério da Guerra, marcando o dia e a hora para o jôgo.

A Direção do II Torneio de Pelada comunica que os times que quiserem treinar nos campos da Fundação do Parque do Flamengo, deverão enviar ofício a D. Maria Carlota, no barracão armado no Parque, em frente ao Hotel Glória, solicitando um campo, pois os mesmos têm tido grande procura.

FS aumenta prazo das inscrições

Tendo em vista o escasso número de alunos inscritos, a direção do Colégio de Árbitros da Federação Carioca de Futebol de Salão resolveu prorrogar, até o dia 30 do corrente, as inscrições para o Curso de Árbitros e anotadores. Os interessados poderão procurar o diretor do curso, diariamente, das 14 às 15h, na sede da entidade. A aula inaugural já está marcada por Abílio Martins Neto para o dia 3 de junho, na sede da entidade.

SC tira o Paranhos da ponta

O São Cristóvão realizou a grande surprêsa da quinta rodada do campeonato carioca de futebol de salão de aspirantes, ao derrotar o Paranhos por 5 a 2, anteontem, à noite, em Figueira de Melo, resultado que tirou seu adversário da liderança, sem ponto perdido, posição ocupada, agora, exclusivamente, pelo Vasco, que folgou na rodada.

Surpreendente a goleada imposta pelo São Cristóvão ao Paranhos, por 5 a 2, depois de um primeiro tempo bastante equilibrado, e que terminou com a vitória parcial do São Cristóvão por 1 a 0. Franklin (3), Alfredo e Luís Antônio (contra) marcaram para o São Cristóvão e Nílson e Paulo Roberto para o Paranhos.

Paulo Roberto Dias foi o árbitro, Eduardo Fernandes o anotador e Cornélio Andrade e Josias Videres os fiscais de linha. As duas equipes jogaram assim constituídas: São Cristóvão — Milton, Iruci, Alfredo, Paulo César (Franklin) e Edmar. Paranhos — José Ricardo, Luís Antônio, Nílson, Mário (Paulo Roberto) e Otávio.

Vice vence na Vila

O Vila Isabel não teve problemas para derrotar o Fluminense por 5 a 1, depois de marcar 2 a 0, ao término do primeiro tempo. Os gols da vitória foram de autoria de Luís Paulo (3), José Luís e Edmundo, marcando Luís Paulo (contra para o Fluminense.

As equipes formaram assim: Vila — Almiro, Carlos Rubens, Edmundo (Paulo), José Luís e Luís Paulo. Fluminense — Orlando (Roberto), Wilson, Antônio, Álvaro (Roberto e depois Edson) e Paulo César. O juiz foi José Carlos Sampaio, auxiliado por Lúcio Gonzales, Nílson Cruz e Wilson Armarolli.

Grajaú fácil

O Grajaú TC, jogando em seus domínios, venceu facilmente o Magnatas por 3 a 0, com o primeiro tempo favorável à sua equipe por 2 a 0. Os gols do Grajaú TC foram marcados por Paulo Roberto, Nossi e Luís Augusto.

O Grajaú formou com Heraldo, Flávio, Luís Augusto, Paulo Roberto (Saraiva) e Carlos (Nossi), enquanto o Magnatas perdeu com Paulo Roberto, Hilário, Paulo Sérgio (Getúlio), Aramburu (Jorge) e Aloísio (Antônio). O árbitro foi Abílio Martins Neto, auxiliado por Jaime Gonçalves, Geraldo Santos e Narciso Almeida.

Complemento

No outro jôgo da rodada, o América venceu, em Campos Sales, o Carioca por 4 a 0, sem nenhum problema. Os gols americanos foram de autoria de Hamilton (2) e Luís (2). O juiz foi José de Carvalho, auxiliado por João Cabral, João Gonçalves e Américo Costa.

Milicos tenta levar o título para o QG

Ainda sem treinar num dos oito campos do Parque do Flamengo, o time do Milicos Esporte Clube, do QG do I Exército, vem se preparando para conseguir boa colocação no II Torneio de Pelada, no qual está inscrito sob o número 663, realizando seus treinos em quadras de futebol de salão do Exército.

— Não fomos treinar no Parque ainda porque, no ano passado, fomos lá ver se conseguíamos um campo e ficamos um dia inteiro sem jogar, pois era grande o número de times querendo campo para se preparar para o torneio, por isso desistimos — declarou o jogador Bosco.

Com esperança

Sendo esta a segunda vez que participa do Torneio de Pelada promovido pelo JORNAL DO SPORTS, com o patrocínio da ESSO BRASILEIRA DE PETRÓLEO, o time dos Milicos Esporte Clube, que no ano passado perdeu no terceiro jôgo do campo número seis, volta êste ano para tentar levar o título para o Ministério da Guerra.

— A turma vê com esperanças o II Torneio de Pelada, o qual consideramos de grande valor e, principalmente, por incentivar os novos jogadores que poderão surgir — prosseguiu Bosco —, mas sabemos que teremos que lutar com tôdas as fôrças, pois muitos são os times bons que disputarão conosco.

Campos lotados

Indagando sôbre se o seu time já havia realizado algum treino nos campos do Parque do Flamengo, Bosco respondeu que não havia nem tentado.

— Sei que precisamos treinar naqueles campos para nos acostumar e enfrentar outros times que jogarão no II Torneio de Pelada — aduziu Bosco —, mas para não acontecer como no ano passado, treinamos mesmo nas quadras do quartel. Porém agora soube que podemos conseguir autorização, aceitamos qualquer proposta de outros times.

— Já treinamos várias vêzes entre nós mesmos — prosseguiu —, sempre em quadras de futebol de salão, as quais conseguimos com mais facilidade e já jogamos contra os times da Divisão Blindada e um time da Rua da Abolição, numa quadra ao lado do Hospital Central do Exército. Se algum time quiser jogar conosco, no Parque, gostaria que enviassem uma carta ao QG do I Exército, no Ministério da Guerra.

Time e reservas

O time do Ministério da Guerra volta aos campos do Parque do Flamengo para disputar o II Torneio de Pelada com o goleiro Hênio, os beques Aluísio, Bosco e Avancini, os médios Falcão e Milton e ataque com Bernardo e Armando.

Além dêsses, com os quais pretende iniciar a partida, o Milicos FC conta com os reservas Almir, de beque-direito; Longo, de beque-central e Garcia de beque-esquerdo, tendo César e Adelmir para o ataque.

Maxwell enfrentará o Paranhos em casa

Maxwel e Paranhos jogarão hoje, a partir das 21h30m, no ginásio da Rua Maxwell, em mais uma partida da quarta rodada do Campeonato Carioca de futebol de salão dos primeiros quadros. Ainda hoje à noite teremos Guadalupe e Magnatas, na Avenida Brasil; e Jacarepaguá e Vasco, na Rua Mário Pereira.

Pelo campeonato carioca de juvenis, também em continuação à quarta rodada do turno de classificação, jogarão, a partir das 20h45m, Guadalupe e Magnatas, na Avenida Brasil; Raio de Sol e Flamengo, na Rua Gonzaga Bastos; Jacarepaguá e Vasco, na Rua Mário Pereira; e Maxwell e Paranhos, na Rua Maxwell.

Autoridades

Guadalupe e Magnatas terão na direção de sua partida dos primeiros quadros, Nivaldo dos Santos, enquanto Carlos Roberto de Sousa dirigirá os juvenis. Jaime Gonçalves será o anotador e Cornélio Andrade e Cléber Silva os fiscais de linha.

Os juvenis de Raio de Sol e Flamengo terão na direção de sua partida o árbitro Djalma Adelino. As anotações serão de Alcindo Inácio Sila, enquanto a dupla de fiscais de linha estará formada por Geraldo Ferreira dos Santos e Narciso de Almeida.

Aron Glasberg apitará o jôgo de juvenis entre Jacarepaguá e Vasco, enquanto Manoel Coelho dirigirá a partida de fundo. As anotações serão feitas por Eduardo Fernandes, sendo Américo Benedito Costa e Wilson Armarolli os fiscais de linha.

Maxwell e Paranhos terão a direção do árbitro José Mário Vinhas, na partida de fundo, e de José Carlos Sampaio, no jôgo de juvenis. O anotador escalado foi Lúcio Gonzáles e os fiscais de linha Josias Videres e Válter Geraldo Roberto.

Clubes & Fatos

WALTER RIZZO

Mauri comanda a recuperação da AA Tijuca

● A paz voltou a reinar para que a Associação Atlética Tijuca possa retornar ao lugar de prestígio que sempre ocupou no cenário clubístico da Guanabara. Mauri Lemos Gama o homem dinâmico dos meios sociais, grande atleta do passado no esporte amador e agora figura de proa do nosso turfe é quem comanda a Comissão Diretora do clube. A programação do corrente mês foi iniciada com sucesso no último domingo.

● Para o próximo domingo está programada uma noite de convívio social animada pelo conjunto de Everardo Seu Trio Bossa e Balanço. A grande atração é a cantora Dina Gonçalves, ex-integrante da orquestra de Valdir Calmon. As famílias do bairro voltaram a frequentar o clube e os cabeludos agora estão comportados. Mauri Gama é um rapaz evoluído, com grande espírito de liderança, tendo conseguido o que a diretoria anterior não obteve: o apoio do quadro social.

● A última administração da AA Tijuca foi um desastre. Desmoralizou completamente a agremiação, liquidou com as finanças, parou as obras, deixou dívidas e afastou as figuras de prestígio do dia a dia da agremiação. A tarefa é árdua o grupo formado por Mauri Lemos Gama, Michael Dib, Coronel Astórico Bandeira de Queiroz e Aramis Martins iniciou a recuperação. O resto será mais fácil e os associados confiam na ação da Comissão que recebeu plenos podêres.

● O Grupo Pantera Côr de de Rosa constituído por um grupo de jovens idealistas e cheios de entusiasmo vai realizar hoje mais a partir das 22 horas no GREIP uma festa com a boa música do conjunto de Jani Mais. Gratos pelo convite.

● O Chez Toi abriu, têrça-feira última em caráter excepcional, para almôço. É que os gerentes dos bancos da Guanabara ofereceram um banquete de 50 talheres ao Sr. Jaime Gonçalves Custódio Filho, Gerente do Banco Comercial de Minas Gerais S.A.

● Em cerimônia realizada no Ministério da Educação e Cultura, com a presença de Meira Guimarães, chefes e funcionários do Serviço Nacional de Teatro, foi empossada nas funções de Coordenadora do Conservatório Nacional de Teatro, a professôra Maria Clara Machado.

● O Teatro Experimental do Cego, formado por alunos do Instituto Benjamim Constant e sob a direção da professôra Taís Bianchi, voltará a apresentar-se no Teatro Nacional de Comédia na noite de 11 de maio.

● Da ordem do dia da reunião do Conselho Deliberativo do Clube Municipal constou uma homenagem póstuma à sócia fundadora e benemérita Lucinda dos Santos Woof Teixeira.

● O Esporte Clube Anchieta vai realizar amanhã a partir das 23 horas Uma Noite no Havaí. O conjunto Devaneio fornecerá a música para as danças.

● Na última quarta-feira foi inaugurada na Av. N. Senhora de Copacabana a Galeria Toca de Arte em homenagem a Heitor dos Prazeres. Maricha que é uma das expositoras foi quem nos convidou.

● Inaugurado no último dia 7, o Parque Aquático do Clube Canaveral. Gratos pelo convite que chegou atrasado.

● Uma boa pedida é não ouvir o desconhecidíssimo conjunto Barroso. Somente quem não entende nada do assunto poderá contratá-lo. Vai daí... fracasso à vista.

● Despertando invulgar interêsse no quadro social do Mello Tênis Clube a festa anunciada para amanhã a partir das 23 horas. O conjunto Os Populares é a grande atração. O baile que será iniciado às 23 horas promete ser dos mais movimentados e a mocidade meloense vai deixar cair. Pela grande procura de mesas acreditamos mesmo que estejam esgotadas. Antes de começar a farra a nova Diretoria que tem na presidência Antônio do Passo, está vibrando com o sucesso das festividades e pelo apoio irrestrito dispensado pelos associados ao Departamento Social. Sabemos que no Mello Tênis Clube o lema é — cada vez mais e melhor.

● O que seria dos espertos se não houvesse os bobos. Existe um clube que sem dúvida merece um prêmio como o descobridor de raridades. Primeiro foi o conjunto "Jóia" e agora é o conjunto "Barroso". Nunca ouvimos falar em nenhum dos dois. Somente o "expert" empresário é que poderia indicar os ilustres desconhecidos.

● Feliz foi a iniciativa dos jovens das Faculdades Nacional de Direito, Filosofia, Engenharia, Arquitetura, Odontologia, Farmácia, Economia que resolveram fazer uma festa de confraternização e que servirá de pretexto para eleger a Rainha dos Calouros Universitários. O grande acontecimento terá lugar amanhã a partir das 23 horas nos salões do Clube Monte Líbano e dois conjuntos tocarão para as danças. Steve Bernard e João Roberto Kelly. Quem estêve na redação foi o môço Carlos Bordman que veio nos convidar. Gratos.

O brotinho Angela Maria completou no último sábado 15 anos, cercada do carinho dos seus (foto) o casal Sr. e Sra. Alvaro Nascimento.

Convocação da seleção pode sair logo mais

Como a Diretoria da Confederação Brasileira de Basquetebol estará reunida na tarde de hoje, é possível que saia a convocação oficial dos jogadores que disputarão o Torneio dos Baixinhos, em junho próximo, na Espanha, bem como poderá ser confirmado o nome de José Carlos para a direção técnica da equipe.

Sete jogadores cariocas foram, extraoficialmente, convocados, estando, inclusive, a CBB tratando do problema das licenças para alguns dêles, como Ilha, Carneirinho, Gogó e Montenegro, tanto em suas repartições como em universidades. Os treinos da equipe deverão ser iniciados por volta do dia 28 do corrente.

Possibilidades

Embora nada tenha sido declarado oficialmente, é bem provável que o Departamento Técnico da CBB divulgue hoje a lista oficial dos convocados para a seleção brasileira de ...... 1m80cm. Isto porque a Diretoria da confederação estará reunida à tarde, além do que os 12 jogadores que serão convocados já são pràticamente conhecidos.

Da Guanabara já foram chamados Barone, Carneirinho, Gogó, Agenor, Ilha, Montenegro e Paulista. De São Paulo, os nomes mais prováveis são os de Pedro Ives, Franzérgio, Totó e Renzo. De Minas Gerais, poderá vir Ranieri, dependendo de ter ou não menos de 1m80cm. O consagrado Mosquito poderá fazer parte do elenco, apesar de não treinar nesta seleção, pois o está fazendo na equipe que irá ao Mundial.

XVII JOGOS INFANTIS

Clubes disputarão xadrez no Flamengo

A Direção Geral dos XVII JOGOS INFANTIS procedeu, ontem à noite, ao sorteio das tabelas de xadrez — série de clubes — masculina e feminina, cuja competição será realizada têrça-feira, a partir das 19h30m, com chamada geral às 19h, na sede velha do Flamengo — Praia do Flamengo, 66/68.

Estarão em ação enxadristas do Vasco, Satélite, Fluminense, ASA, Estrêla Vesper, Portuário, Grajaú, Petroquímicos e Carioca. Antônio Guimarães, Peri Fonseca e A. Trindade, diretores de setor, dirigirão a competição.

As tabelas

Os jogos estão assim distribuídos:

Feminino

Vasco x Satélite
Fluminense x ASA
Flamengo x vencedor de Vasco x Satélite

Masculino

Estrêla Vesper x Portuário
Grajaú x Flamengo
ASA x Satélite
Petroquímicos x Carioca
Fluminense x vencedor de Vasco x vencedor de Grajaú x Flamengo.
Estrêla Vesper x Portuário

Fla entrega faixas aos campeões de 66

O Departamento de Basquete do Flamengo aproveitará a partida de amanhã, contra o Mackenzie, que será disputada na quadra da Gávea, para entregar as faixas e medalhas aos campeões cariocas juvenis de 1966, e que estão, êste ano invictos e na liderança do campeonato.

A sétima rodada do campeonato carioca de basquete juvenil apresentará como principal partida a que disputarão América e Vasco, em Campos Sales, quando a equipe da casa tentará manter-se na segunda posição e o Vasco, por sua vez, reabilitar-se da derrota para o Flamengo.

Reabilitação

Não será fácil a tarefa do Vasco em tentar reabilitar-se da derrota sofrida para o Flamengo, justamente contra o América e em Campos Sales. No entanto, o ambiente em São Januário é de confiança, acreditando todos que a má fase da equipe passou, tratando, agora, de recuperar o terreno perdido, pois a equipe já está com três derrotas.

O América, por sua vez, é a grande surprêsa do campeonato, com atuações convincentes, destacando-se a vitória sôbre o Fluminense, no ginásio de Campos Sales, quando a equipe empreendeu sensacional reação. Portanto, desenha-se das mais emocionantes a partida de amanhã entre América e Vasco, pela sétima rodada do campeonato de juvenis.

Entrega faixas

O Flamengo, que recebeu as medalhas de seus campeões juvenis de 67 na festa realizada anteontem na sede da FMB, irá entregá-las a seus atletas antes da partida contra o Mackenzie. Na atual equipe da Gávea, apenas Pedrinho, Gabriel, César e Zé Carlos estiveram integrando o quadro campeão do ano passado.

O companheiro do Flamengo na liderança, o Botafogo, estará tranqüilo na rodada de amanhã, pois enfrentará o Vila Isabel, no ginásio do Mourisco, como franco favorito. O Fluminense, vice-líder, juntamente com o América, enfrentará o Grajaú nas Laranjeiras, também, como favorito.

COB chama cariocas para eliminatórias

Dez atletas da Guanabara disputarão nos dias 27 e 28, na pista e campo do Estádio Atlético do Esporte Clube Pinheiros, na cidade de São Paulo, as eliminatórias finais promovidas pelo Comitê Olímpico Brasileiro para a formação da equipe que representará o Brasil nos V Jogos Panamericanos de Winnipeg, no Canadá.

A lista, que já foi remetida pelo COB para a Federação de Atletismo do Rio de Janeiro, foi organizada após as duas eliminatórias estaduais realizadas no Estádio Atlético Célio de Barros, com a presença de atletas do Botafogo, Flamengo, Fluminense e Universitário.

Os dez

A lista divulgada pelo COB contém os seguintes nomes:

Flamengo — Afonso Coelho, Ernâdi Esele, Juarez de Oliveira, Maria da Conceição Cipriano, Adília do Rosário e Léda Teixeira.

Botafogo — Ubirajara da Silva Ramos e Aída dos Santos.

Fluminense — Irenice Rodrigues e José Luís de Sousa, atletas que ainda cumprem estágio, sendo que Irenice estabeleceu a nova marca para os 800m — recorde brasileiro — com 1m19s8d, durante as eliminatórias, num dia de chuva em que a pista do Estádio Célio de Barros estava cheia de poças.

Jaiminho (com a bola) começará os treinos sábado para o Classista

EPSOM REFORÇA TIME COM NOVOS JOGADORES

Cutelo, Pedrão, Jair e Wilde são as mais recentes aquisições do Epsom, visando reforçar o time para a disputa do Campeonato Classista dêste ano. Sábado, o Epsom fará um amistoso com o Cisper, no campo do Cocotá, quando, no decorrer da partida, lançará os novos jogadores.

Jaiminho, que formava o meio-campo do time de Manuel Maia, com Edvaldo — estava afastado da equipe por problemas pessoais —, reiniciará os treinos no sábado, visando a readquirir a forma para o certame classista. O goleiro Beto, por sua vez, vem agradando plenamente ao técnico, depois da contusão, e revezará com Wilde durante o campeonato.

Contra o Cisper

O jôgo-treino contra o Cisper, segundo Manuel Maia, será o início dos preparativos para o Campeonato Classista, quando tentará melhor campanha, lutando pela reabilitação, já que no Torneio de Verão começou muito bem, mas, logo depois da quarta rodada começou a cair espetacularmente de produção.

Para o jôgo contra o Cisper, o técnico convocou os seguintes jogadores: Beto, Wilde, Valdir, Isaías, Claudeci, Roberto, Jair, Deco, Edvaldo, Jaiminho, Gecé, Paulo César, Cutelo, Bira, Zèzinho, Pedrão, Ademor. O time que iniciará o treino formará assim: Beto (Wilde); Valdir, Isaías, Claudeci e Roberto; Deco e Edvaldo; Paulo César, Bira, Zèzinho e Cutelo.

Mesmo com possibilidades de conseguir jogadores que não trabalhem na firma, pois os representantes aprovaram a proposta do Sr. Heitor Monteiro, o técnico do Epsom ainda não pensou nas aquisições que fará, porque acha "que ainda é muito cedo, e se êste time acertar não trarei ninguém de fora, pois, não adianta um quadro com vários jogadores "cobras' sem conjunto", disse o técnico.

Mônaco leva difamadores à Justiça

Mônaco (FP-AP-JS) — Em conseqüência do acidente automobilístico que custou a vida do volante Bandini, o Govêrno do Principado de Mônaco decidiu processar judicialmente tôdas as pessoas que fizeram declarações difamatórias contra os bombeiros, bem como levará a juízo todos quantos difundiram informações difamatórias contra os serviços de segurança do Grande Prêmio de Mônaco, disputado domingo último, na cidade de Monte Carlo.

Pugilista roubado em Gales

Merthyr-Tydfil (Gales) (FP-JS) — Howard Windstone, próximo adversário do mexicano Vicente Saldivar, pelo título mundial dos penas, foi roubado em 200 libras, guardadas por êle para veranear em Mallorca. O pugilista britânico declarou que não sabe se o pior é ter que enfrentar Saldivar ou o fato de ter sido roubado.

Lá Vai Bola decide ponta contra Liège

Lá Vai Bola e Liège decidirão, amanhã, no campo do primeiro, no Pôsto Seis, em partida válida pela quarta rodada do returno, a liderança do certame da Divisão de Acesso do futebol de praia, quando a vitória será grande passo para a promoção à Divisão Principal, pois o mais sério perseguidor, o Maravilha, está com quatro pontos de atraso em relação aos líderes.

Mais quatro jogos, entre os quais desponta Maravilha x Paulistano, no Pôsto Quatro, serão disputados dentro do horário de 14h30m para aspirantes e 15h45m para amadores, os quais são os seguintes: Pracinha x Olímpico, no Pôsto Seis, Nacional x Racing, no Leblon, e Atlanta x Torino, no Canal do Leblon.

Poderá decidir

Lá Vai Bola e Liège, que vêm liderando o certame do Acesso desde seu início, e que agora estão empatados com 26 pontos ganhos e quatro perdidos, poderão decidir o título na partida de depois de amanhã à tarde, no campo do Lá Vai Bola, pois ambos possuem quatro pontos de frente sôbre o Maravilha, que é o mais perigoso candidato às duas vagas para a Divisão Principal, além dos líderes.

Tanto Lá Vai Bola como Liège não apresentam problemas para a escalação de suas equipes, devendo o quadro do Pôsto Seis, sob a direção do veterano Marechal, alinhar o seguinte time: Toninho; Ademar, Tonico, Rubinho e Renatinho; Getúlio, Arnaldo e Luís Dário; Marquinhos, Nelsinho (Baiano) e Babi. O Liège, sob o comando de Adeli Magalhães, jogará com Messias; Zezinho, Pires, Barros e Marcos; Quarenta e Roberto; Marquinhos, Luís Jorge, Luís Carlos e Lorico.

Outros jogos

O Maravilha, que ainda tem esperanças de classificar-se, apesar de ter perdido seu artilheiro Pernambuco e Pepe, que foram para o Defelê, de Brasília, terá compromisso difícil em seu campo, contra o Paulistano, que está com 21 pontos, um atrás de seu adversário, e que, também, alimenta esperanças de ascender à Divisão Principal, no final do certame.

Pracinha (16 pontos) x Olímpico (10), no campo do Alvorada, Nacional (21 pontos) x Racing (7 pontos), no campo do primeiro, no Leblon e Atlanta (20 pontos) x Torino (12 pontos), no canal do Leblon, são os jogos que completam a rodada do Acesso.

Lôbo apitará jôgo principal na praia

Orlando Lôbo, foi o juiz escalado para apitar a principal partida da quarta rodada do returno do campeonato carioca de futebol de praia, que será disputada amanhã, no Lido, entre Radar, vice-líder, e Copaleme, líder do certame. Carlos Alberto Siggia (Vasquinho) dirigirá o jôgo Guaíba x Botafogo, fazendo seu reaparecimento.

A partida entre os líderes da Divisão de Acesso, Lá Vai Bola e Liège, será apitado por Aloísio Bastos, cabendo a direção de Maravilha x Paulistano a Osmar Monteiro. Os jogos serão disputados dentro do nôvo horário de 14h15m para aspirantes e 15h43m para os times principais.

Orlando Lôbo, por sua segura atuação no jôgo Colúmbia x Botafogo, foi designado pelo Diretor de Árbitros Wilson Lopes de Sousa, da FCEP, para apitar a principal partida da rodada, entre o Radar e o Copaleme, que será disputada amanhã, à tarde, no campo do primeiro, no Lido. O juiz de aspirantes será Válter Nicola.

Para o jôgo Guaíba x Botafogo, também de importância para a tábua de colocações, foi escalado Carlos Alberto Siggia, que assim reaparecerá. Nos aspirantes, o árbitro será Paulo César Siggia, irmão e excompanheiro de Vasquinho, nos times do Pracinha na década passada.

Os outros árbitros escalados são: Dínamo x Areia, no Pôsto Quatro — Mário Leite (amadores) e Lídio Araújo (aspirantes); Colúmbia x Lagoa, no final do Leblon, Jorge Cabral (amadores) e Antônio Silva (aspirantes); Leblon x Real, no Leblon — Antônio Gomes Moreira e Nilton Alves; Porangaba x PUC, no campo do Lagoa, em Ipanema — Carlos Osvaldo Santos e Rubem Galo; e Praiano x Juventus, em Ipanema — Rubem Galo e Antônio Moreira.

Bastos no acesso

Aloísio Bastos será o juiz de Lá Vai Bola x Liège, que decidirá a liderança no Acesso, na partida que disputarão no campo do Lá Vai Bola, no Pôsto Seis, os líderes do certame. Nos aspirantes, Jamir Soeiro será o árbitro.

Radar deve dar súmula em 15 dias

O Presidente Tôrres Homem, da FCEP, em sua nota oficial desta semana, pediu ao Radar que apure o paradeiro da súmula da partida do turno entre aquela agremiação e o Tatuís, no campo dêste, da qual faltam 10 minutos, com o marcador de 1 a 0 para o Tatuís, pois o juiz Osmar Monteiro afirma que o documento ficou em poder do Diretor Vitale, do Radar, que até o momento não o entregou ao Departamento Técnico da entidade.

A FCEP deu o prazo de 15 dias para que a súmula seja entregue, pois findo êste prazo o tempo restante do jôgo será cancelado. A partida em questão foi suspensa por falta de garantias, depois de agressão do jogador Baiano, do Tatuís, ao atleta Fernando, do Radar, originando grande confusão, que motivou a suspensão por parte do juiz.

Juarez viaja para tirar a desforra

Santiago do Chile — (FP-JS) — A fim de disputar um combate-desforra contra o pugilista Domingo Rúbio, atual campeão sul-americano dos meio-médios, o brasileiro Juarez de Lima é aguardado hoje na capital do Chile, onde começará os preparativos para a luta, que será realizada no dia 19 próximo, no Estádio Caupolican.

Juarez de Lima viaja com seu treinador Aristides Jofre e seu manager Alberto Katznelson, para esta luta, na qual não estará em jôgo a coroa da categoria, que depois de uma decisão considerada regionalista, o chileno Rúbio arrebatou do brasileiro. Esta luta servirá como teste das condições do campeão que deverá defender o título contra o campeão argentino Ramon La Cruz, em julho, dia 14.

Roteiro Escolar

Luta de excedentes

Enquanto a Diretoria do Ensino Superior se vê incapacitada, pelo processo burocrático que envolve o MEC, de liberar, a curto prazo, as verbas exigidas para a solução do problema dos excedentes, o caso vem se complicando, em vários Estados, entre os quais se destacam o Paraná e São Paulo, onde a crise parece mais aguda.

Na Guanabara, os 576 excedentes de medicina que obtiveram média entre 4 e 5, continuam acampados no pátio do MEC, à espera de uma resposta de Brasília, para onde viajou uma comissão, e em Minas Gerais os estudantes já ameaçam denunciar a publicidade que se fêz em tôrno das matrículas dos excedentes como "uma demagogia do MEC".

A questão se complica ainda mais, quando outras escolas ameaçam movimentos de protesto, reivindicando auxílio para melhorar seus níveis de ensino, a exemplo da Escola de Medicina e Cirurgia, do Rio, e da Faculdade de Medicina de Botucatu, sem fazer referências a dezenas de outras unidades, no Ceará, em Minas, no Estado do Rio, na Bahia, etc.

Sob êsse clima de constante pressão, a Diretoria do Ensino Superior vem sendo um dos setores mais movimentados do MEC, nos últimos dias, e não tem conseguido vencer os entraves burocráticos que envolvem aquêle Ministério, para liberar essas verbas indispensáveis ao cumprimento do convênio que o Govêrno firmou com as universidades.

Calabouço aberto

Em virtude do movimento de protesto, deflagrado pelos estudantes que se servem do restaurante do Calabouço, face às notícias de alguns setores do Ministério de Educação e Cultura, sôbre seu fechamento, foi distribuída a seguinte nota oficial:

"Não procedem os rumôres de que o restaurante estudantil do Calabouço seria, em breve, fechado devido à precariedade de suas instalações. Está assentado pelas autoridades do MEC que o mesmo continuará funcionando regularmente, até que se consiga um local, no centro da cidade, para a construção definitiva do nôvo restaurante. Essa decisão das autoridades do MEC já foi comunicada aos estudantes que fazem, normalmente, suas refeições no Calabouço".

Como está o MEC-USAID

O nôvo convênio MEC-USAID é um dos problemas que vem capitalizando a atenção dos universitários, nos últimos dias, e em algumas escolas já se mobilizam assembléias gerais, cujo objetivo é fazer uma análise nos têrmos do documento, e tomar uma posição definitiva em face da questão.

A primeira escola a anunciar-se contrária ao nôvo convênio, foi a Faculdade Nacional de Filosofia, enquanto na Faculdade Nacional de Medicina, após o término da I Semana de Debates Científicos, o assunto entrará na pauta das discussões.

O prof. Del Castilho foi acusado de ter traído sua promessa, formulada aos estudantes, no sentido de que êles seriam ouvidos, antes de qualquer assinatura de um nôvo acôrdo. De seu lado, êle declarou que "não houve traição, pois devido à premência de tempo, o ministro não fêz convites pessoais para presenciar a assinatura do convênio".

No meio universitário, entretanto, a idéia geral é de que poderá surgir uma crise paralela ao problema dos excedentes, pois existe uma parcela grande na liderança universitária "de esquerda" descontente com o nôvo documento.

Acôrdo com a Alemanha

Este acôrdo foi firmado com representantes das universidades alemães, durante sua visita ao Brasil:

Por ocasião do 1.º Encontro de Reitores Alemães e Brasileiros, na Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, entre 19 e 22 de abril de 1967, os respectivos Presidentes e demais representantes das Conferências de Reitores, trocaram valiosas idéias sôbre a estruturação da Universidade Moderna, e reconheceram a extensão da coincidência que rege para ambas as partes na formulação tanto da problemática quanto das possíveis soluções que se apresentam como inadiáveis.

Em conseqüência, os Reitores reunidos, acordaram estabelecer uma colaboração mais estreita e contínua entre si, em nome da Conferência de Reitores das Universidades Brasileiras, formular as seguintes bases de uma futura colaboração entre as duas instituições:

1. As Universidades de ambos os países, através de seus respectivos Conselhos, informar-se-ão mùtuamente sôbre os planejamentos estruturais apreendidos;
2. Cada Conselho, para a solução de problemas vinculados à reestruturação, buscará inspiração nas soluções porventura já encontradas pelo outro;
3. Os conselhos comprometem-se de encontrar-se, na medida do possível, em intervalos regulares, para deliberações conjuntas, a fim de continuar reforçando os contatos pessoais dos Reitores de ambos os países.

Para sua ratificação, o presente instrumento será submetido à devida apreciação das reuniões plenárias dos respectivos Conselhos.

Uma vez aprovado, será implementado pelas Secretarias de ambas as organizações.

Prof. Rudolf Sieverts e Prof. Miguel Calmon

AGENDA

Educação — Sôbre o tema "O fim ou o princípio", o prof. Jairo Morais profere uma conferência na Associação Brasileira de Educação, no próximo dia 15, às 17h. Local: Av. Rio Branco, 91, 10.º. • Filosofia — Um grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia da UEG está organizando um show para o próximo dia 20, com temário de música popular. A apresentação será feita no auditório do Instituto de Educação na Rua Mariz e Barros, às 19h. • Debates — Como promoção do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo e do Diretório Central dos Estudantes da PUC, vem sendo debatido o convênio firmado entre o MEC e a USAID. • Japão — O Departamento Cultural do Instituto Cultural Brasil—Japão está aceitando inscrições para o curso de língua japonêsa. Informações na Av. Franklin Roosevelt, 39. Tel. 22-5590. • IBEU — Está sendo organizada uma excursão de caráter cultural aos Estados Unidos, inclusive com a programação de um curso de inglês de férias. Informações na Av. Copacabana, 690, 5.º. • Teatro — "Juventude e Sexo" é o tema da palestra do prof. Clement Fajardo, a ser proferida no próximo dia 19, às 18h, na sede do Teatro Azul, à Rua Mariz e Barros, 612. • Karatê — Como plano de expansão de relações sociais, o Ginásio Estadual Mário da Veiga Cabral receberá a visita dos alunos do Ginásio Brasileiro de Cultura Física, que farão uma demonstração de karatê, no próximo dia 20, às 16h. • Concurso — Um aviso da ESPEG, divulgado ontem, fixa as datas para as provas do concurso de corista para o Teatro Municipal, que serão realizadas naquele teatro: canto — dias 15, 16 e 17; leitura e memória auditiva — dia 19; contraltos — dia 20. • Portuguêsa — A Associação Cristã de Moços promoverá, no próximo dia 20, às 20h30m, uma Noite Portuguêsa, mostrando o folclore português com tôdas suas características. • Psicologia — Está programado para os dias 21 e 22 de julho, o primeiro simpósio de psicologia parassimbologia. Informações na Av. Copacabana, 613, ap. 507. • Dicção — O Diretório Acadêmico Everardo Backheuser, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Úrsula, realizará, a partir de hoje, um curso de elocução. Informações na Rua Paraní, 75. • Instituto — Já se encontram abertas as inscrições para o Curso de Integração dos Métodos e Recursos Audiovisuais no Currículo da Escola Primária, promovido pelo Instituto de Educação. Informações e inscrições diàriamente, das 13 às 16 horas, na Rua Mariz e Barros. • Convocação — Os alunos matriculados na 1.ª série do Colégio Antônio Prado Jr. — oriundos do Colégio Pedro II — deverão comparecer, segunda-feira, às 8h, àquele estabelecimento, para início do ano letivo.

Gente e coisas de turfe

OSCAR PEREIRA

O treinador Osmar Figueiredo Reis, justificou plenamente as duas inscrições de Aripuana, esta semana, em distâncias de velocidade e de meio fundo. Disse que a égua está no final de campanha, tendo sòmente o mês de junho para correr; como os páreos de 2.000 metros costumam não ser programados pela Comissão de Corridas, inscreveu a sua pensionista nos 1.200 metros no quarto páreo da noturna de ontem, a fim de garantir mais uma apresentação da égua. Como o páreo dos 2.000 metros saiu, achou mais prudente fazer o "forfait" de Aripuana na carreira de ontem, porque a égua vinha de correr 1.600 metros e estaria melhor nos dois quilômetros e, também, porque o prêmio da prova de domingo é superior ao de ontem e a chance de Aripuana nas duas carreiras é a mesma.

Estrangeiros chegam

Cidade Jardim continua sendo o centro das atenções dos turfistas nesta semana. Agora, com a chegada dos animais estrangeiros e a aproximação da realização do Grande Prêmio "São Paulo", aumenta a movimentação, sendo hoje um dia todo especial por causa dos exercícios finais dos concorrentes à milha e meia de domingo.

Não agradou

Embora tenha trabalhado satisfatòriamente, na distância, sob a condução de Manuel Silva, não agradou muito no apronto a francesinha Princesse D'Azur, na opinião do freio J. Bafica, que será o seu pilôto. O tempo assinalado foi de 53" para os 800 metros, mas o freio baiano achou que a égua francesa não trazia reservas; todavia, como irá levar 15 quilos de Helena Vampa poderá aparecer.

Deve voltar

Quilmen poderá retornar ao Chile no mesmo avião que levará de volta àquele país os animais que vieram para os festejos do Grande Prêmio "São Paulo". Por motivo de doença, Quilmen deixou de correr o "Brasil" do ano passado, ficando aos cuidados do Hospital Veterinário do Jóquei Clube Brasileiro, atendido pelo dr. Otávio Dupont. Depois de restabelecido, Quilmen foi entregue ao treinador Ricardo Sepúlveda, que pretendia prepará-lo para correr ainda na Gávea.

Charolais mancou

Tendo permanecido em Buenos Aires para correr o Grande Prêmio "25 de Mayo", o craque argentino Chalorais não atuará naquela prova por ter mancado, quando em exercício. O filho de Basajaum ficará inativo cêrca de quinze dias; vale lembrar que Chalorais já estêve afastado das pistas, um ano, por causa da inflamação de um dianteiro, tendo êste mal se agravado novamente.

Bebel na grama pode agora deixar a turma

A potranca Bebel mostrou nas duas apresentações anteriores que está em condições agora de deixar a turma de perdedoras. Na pista de grama, acredita o seu treinador que ela tenha o seu rendimento aumentado, esperando, assim, o triunfo da filha de Lord Chanel.

1.º Páreo — às 13h30m — 1.300 metros — NCr$ 1.300,00

1—1 Amelina, A. Ricardo * 57
2 Aita, F. Maia .... * 57
2—3 Arablue, O. F. Silva 1 27
4 Samotrácia, M. C. . 2 57
3—5 Estoniana, M. Silva . * 57
6 F. Storm, C. Morgado * 57
4—7 Monteó, D. P. Silva * 57
8 Jandinha, A. Ramos . * 57

2.º Páreo — às 14h — 2.200 metros — NCr$ 960,00

1—1 Cantilever, M. Henr. * 54
" Fiel, A. Ramos .... * 58
2—2 Oregrande, R. Penido * 59
3 Qualapa, N. Corre . * 52
3—4 Descanso, L. Santos . * 52
5 El Emir, M. Alves . * 57
4—6 Aventureiro, J. Diniz * 51
7 Hand, O. F. Silva . * 49

3.º Páreo — às 14h30m — 1.600 metros — NCr$ 1.100,00

1—1 Miss Morumbi, R. C. * 58
2 Zoila, J. Queirós ... * 58
2—3 Aravá, J. Reis ..... * 58
4 Trempe, L. Correia . 1 56
3—5 Majó, S. Silva ..... * 58
6 M. Camb. O. F. S. 3 56
4—7 Fala, A. Ricardo .. 2 58
8 Jazida, A. Ramos .. * 56
9 Jninha, N. correrá . * 54

4.º Páreo — às 15h — 1.000 metros — NCr$ 2.000,00 — Pista de Grama

1—1 Bedel, D. Moreira . 10 55
2 Urajana, C. Morg. 6 55
3 Pique, I. Sousa .. 2 55
2—4 Fairvá, F. Estêves . 4 55
5 Thelena, J. Santana 7 55
6 Rema, A. M. C. .. 3 55
3—7 Exclusiva, D. P. Sil. 11 55
" Urrucha, J. Borja . 9 55
8 Faraina, J. Tinoco . 8 55
4—9 Uvacha, A. Ricardo * 55
10 Marilu, J. Portilho . 1 55
" Mrs. Crazy, J. Paul 5 55

5.º Páreo — às 15h35m — 1.600 metros — NCr$ 1.600,00 — Pista de Grama

1—1 H. Vampa, M. Silva * 62
2 Gava, O. F. Silva .. 5 48
2—3 Camina, J. Reis ... 2 53
4 N. Vague, L. Santos 1 48
3—5 C. de Lune, J. Sant. 3 55
6 T. Guarda, F. P. F.. * 48
4—7 Freeness, J. Borja .. 4 53
" Fontanella, F. Estêv. 7 56
8 P. D'Azur, J. Baf. . 6 47

6.º Páreo — às 16h10m — 1.400 metros — NCr$ 1.600,00

1—1 Q.-Cabeça, F. P. F.º 4 56
2 Alânia, S. Silva .... * 56
2—3 Souvenir, O. Cardoso * 56
4 La Sonata, F. Maia . 3 56
3—5 Alstonia, L. Acuña .. 5 56
6 Claudia, L. Santos .. * 56
4—7 Guirlândia, M. Carv. 2 56
8 Sylvain, M. Silva .. 1 56
9 F. Clélio * M. Henr. 6 56
* ex-Ilopa

7.º Páreo — às 16h45m — 1.400 — NCr$ 1.600,00 — Betting

1—1 Allegretto, A. Ramos 4 56
2 Batovi, R. Penido .. * 56
2—3 Dunhil, F. Per. F.º . * 56
4 Hanover, J. Santos . * 58
3—5 Amilcar, L. Santos . * 58
6 Quersonese, P. Lima . 2 56
7 Eneremita, M. Sil. . * 56
4—8 Taarup, J. Borja ... 1 56
9 Boucheron, A. Reis . 3 56
10 Blue Jet, R. A. Pinto * 56

8.º Páreo — às 17h20m — 1.600 metros — NCr$ ..... 1.100,00 — Betting

1—1 Estuário, J. Ramos . * 56
2 Labéu, H. Vascons. . * 56
2—3 Elogio, O. Cardoso * 56
4 Boran, J. Pinto ... * 56
3—5 Estádio, S. Silva ... * 56
6 Bahramdiso, N. Corre 2 58
7 Saturday, F. Estêves * 56
4—8 Uncle, P. Alves .... * 54
9 Biscainho, C. Morg. . 1 56
10 Enoch, N. Correrá . * 54

9.º Páreo — às 17h55m — 1.200 metros — NCr$ 1.300,00 — Betting

1—1 Velocity, A. Ramos . * 57
2 Jareta, C. Morgado . 5 57
2—3 Dote, J. Pinto ..... * 57
4 Quarda, E. Marinho . 4 57
3—5 Pralinete, P. Alves . * 57
6 Quefelia, S. M. Cruz 2 57
4—7 Faliase, H. Vasc. . 3 57
8 Vivandière, F. P. F.º 1 57

Delegado continua em forma e pode vencer

Delegado manteve a boa forma das últimas corridas quando perdeu no "photochart" para Dr. Osmane e, posteriormente, a segunda colocação, também no ôlho mecânico para Hal-Líbio. Pode agora vencer, sem surprêsa e seus responsáveis contam com a vitória.

1.º Páreo — às 13h30m — 1.300 metros — NCr$ 2.000,00

1—1 G. Linda, J. Baffica 1 55
2—2 Aunceira, J. Reis . 5 55
3—3 Heia, L. Correira .. 4 55
" Heráldica, J. Silva . 3 55
4—4 Randana, M. Silva . 6 55
5 Igaruama, N. Corre . 2 55

2.º Páreo — às 14h — 2.000 metros — NCr$ 960,00

1—1 Nagib, R. Penido .. * 58
2—2 Coccinelle, J. Pinto . 4 54
3 Aripuana, L. Correira 3 56
3—4 Platter, N. Lima .. 1 58
5 Ekandir, J. Veiga . * 52
4—6 Crispin, J. Silva 2 58
7 Lenção, C. A. Sousa * 54

3.º Páreo — às 14h30m — 1.400 metros — NCr$ 1.300,00

1—1 Magnasco, M. Silva . * 57
2—2 Pouquet, F. Estêves . * 57
3 Jalisco, A. Marçal . 1 57
3—4 Mongo, R. Carmo .. * 57
5 W. Kargo * F. P. F.º 2 57
4—6 Mangaro, A. Ramos . * 57
7 Guignerd, A. Ricardo * 57
* ex-Figo

4.º Páreo — às 15h — 1.000 metros — NCr$ 2.000,00

1—1 Aurora, F. Per. F.º . 8 55
2 Mi'elah, L. Santos . 6 55
3 Lola, L. Correia 1 55
2—4 Sahtoras, M. Silva .. 7 55
5 Iracê, P. Alves 5 55
6 Afoita, J. Santana . * 55
3—7 Principado, O. Car. . * 55
" Urigão, A. Dornelas * 55
8 Xántico, A. Reis ... 2 55
4—9 Camary, C. Morgado 4 55
10 Iscard, D. Moreira . 9 55
10 Uganah, A. Ramos .. 3 55

5.º Páreo — às 15h35m — 2.400 metros — NCr$ 5.000,00 — (Clássico) — Grande Prêmio "Mariano Procópio"

1—1 Ambição, M. Silva . * 57
2 Groa, H. Vasconc. . 5 57
3 Funão, C. A. Sousa . * 60
2—4 Granfina, J. Machado 6 57
5 Simpática, J. Reis .. 8 60
6 Adatis, F. Pereira F.º 9 57
3—7 Tabarana, P. Lima . 4 57
" Glosa, A. Ricardo .. 7 57
8 Fidos, C. Morgado . 3 60
4—9 L. Godiva, J. Portilho 1 57
10 Onira, M. Henrique * 60
11 O. Flame, J. P. F.º * 60
12 Guacimba, S. Silva .. 2 57

6.º Páreo — às 16h10m — 1.400 metros — NCr$ 1.300,00

1—1 Estilheira, J. Portilho * 56
2 Estária, J. Brizola . 2 56
2—3 Boldeza, J. Pinto ... 4 54
4 C.Leufre, R. Carmo . 5 52
3—5 Unidade, M. Silva . 1 52
6 Ortiga, J. Queirós .. 1 52
7 Sheet, A. Ramos ... * 52
4—8 Halcyeta, J. Borja . 3 56
9 Rundadora, S. M. C. * 52
" Aurora, J. Baffica .. * 52

7.º Páreo — às 16h45m — 1.600 metros — NCr$ 1.600,00 — (Betting)

1—1 Guropá, H. Vascons. * 56
" Malaparte, A. Ramos 1 56
" Gulnên, O. Cardoso . 3 56
2—2 Falgamar, L. Acuña . 6 56
3 W. Hunter, S. Silva * 55
4 Zé Bonaco, R. A. P. * 56
3—5 London, J. Reis ... * 56
6 Timeu, M. Silva ... * 56
7 Cavão, M. Alves ... 5 56
4—8 D. Rebimba, J. Borja 4 56
9 Tigrez, J. Portilho . 2 56
10 Zonmo, M. Henrique * 56
11 F. de Oração * A. R. 7 56
* ex-Angico

8.º Páreo — às 17h20m — 1.300 metros — NCr$ 1.300,00 — Betting — Areia

1—1 Delegado, J. Paul. . * 57
2 Engano, P. Alves . 3 57
2—3 Carinho, J. Portilho . * 57
4 H. Sun, L. Santos . * 57
3—5 L. Byron, S. M. Cruz 4 57
6 Beaurevers, M. Silva 1 57
4—7 Chanceler, A. Ramos * 57
8 Hal-Líbio, M. Carv. . 2 57
9 Molecho, J. Pinto .. * 57

9.º Páreo — às 17h55m — 1.200 metros — NCr$ 1.200,00 — Betting — Areia

1—1 Faulkner, J. Port. .. 1 57
2 Printer, L. Santos .. * 57
2—3 Rapido, J. Borja ... * 57
" Sommerville, R. A. P. 3 57
4 Hippo, J. Santana .. 4 57
3—5 Empresário, J. Reis . * 57
6 Empolan, E. Marinho 6 57
7 Paganini, P. Alves . * 57
4—8 Hal'So, F. Per. F.º . * 57
9 El Mancini, L. Cor. 5 57
10 Flan, M. Silva 2 57

Helena Vampa vai no bridão de M. Silva, que ganhou na corrida da montaria

H. Vampa montaria disputada é a fôrça

Com 62 quilos, Helena Vampa teve sua montaria muito procurada, porque o aprendiz José Brizola abriu mão da condução da filha de Luigi Vampa, que é a fôrça da Prova Especial, carreira principal da reunião de amanhã, será mesmo dirigida pelo bridão Manuel Silva.

Reaparecendo de uma ausência de nove meses, aqui na Gávea, já que atuara pela última vez em julho do ano passado, Helena Vampa produziu destacada atuação na milha do G. P. Carlos Teles da Rocha Faria, quando foi terceira colocada para Olalá e Edição. Trabalhou suave e aprontou bem.

No bridão

José Brizola, pesando pouco, abriu mão da montaria de Helena Vampa, a fim de que a filha de Luigi Vampa não atuasse com muito pêso morto de chumbo. O treinato assediado por vários jóqueis, solicitando a montaria da égua, resolveu entregar, a direção da defensora da jaqueta do Sr. Alberto Schons ao bridão Manuel Silva, fugindo do mesmo do regime que normalmente vinha correndo Helena Vampa.

Sôbre o assunto disse Tripodi que a questão da montaria fôra resolvido pelo proprietário, com a sua concordância que desejava ver a égua correr no regime de bridão, pois acredita que ela deva produzir muito mais, embora até então não tenha decepcionado quando atuando no freio.

É a fôrça

Apesar da alta carga que terá que deslocar (62 quilos), concedendo mesmo pêso a tôdas as rivais na escala de seis quilos (Fontanela) a quinze quilos (Princesse D'Azur), Helena Vampa é a fôrça aparente da Prova Especial, na milha, no quinto páreo de amanhã, com a dotação de .. NCr$ 1.600,00.

A filha de Luigi Vampa estêve ausente da Gávea cêrca de nove meses, atuando algumas vêzes em Cidade Jardim; trazida de volta à Guanabara, Helena Vampa apresentou-se com pêso muito acima do que normalmente vinha correndo, obrigando ao treinador Luís Tripodi a intensificar o seu preparo para que a pudesse reaparecer no "C. T. da Rocha Faria". Atuou destacadamente naquela prova, obtendo a terceira colocação para Olalá e Edição, mostrando que com o aguerrimento conseguido, seria fôrça na nova apresentação, que se dará amanhã.

Agradou

Em seus preparativos para o compromisso de amanhã, Helena Vampa trabalhou a milha, suavemente, sob a condução de J. Brizola, assinalando 108" e derrotando o potro Timeu com certa autoridade. No apronto, o treinador resolveu apertar um pouco a filha de Luigi Vampa que trouxe para os cronômetros, 50"3/5 para uma partida de 800 metros.

Estas passadas de Helena Vampa agradaram bastante ao treinador, que está assim confiante em destacada atuação de sua pensionista, achando mesmo que a vitória não lhe fugirá, apesar da vantagem de pêso que dará às rivais.

Na linguagem dos cronômetros

Freeness aprontou firme

Freeness aprontou na manhã de ontem, a reta em 38", na direção de J. Borja, enquanto a companheira Fontanella, com F. Estêves, também agradava pela disposição do arremate, na mesma marca. As duas correrão na Prova Especial de amanhã, na milha, em raia de grama.

Helena Vampa cobriu os 800 metros em 50"2/5, com Manuel Silva no seu dorso, demonstrando mais aguerrimento do que na última apresentação, e provando que deverá influir no resultado da competição, em corrida normal.

1.º páreo — 1.300 metros

AITA, F. Maia, 800 em 52"2/5; SAMOTRACIA, M. Carvalho, 360 em 23"2/5; ESTONIANA, M. Silva, 600 em 39"1/5; FAIR STORM, C. Morgado, 600 em 38"; JANDINHA, A. Ramos, 600 em 38".

2.º páreo — 2.200 metros

CANTILEVER, M. Henrique, 800 em 53"; FIEL, A. Ramos, 800 em 55"; Descanso, L. Santos, 800 em 51"2/5; HAND, O. F. Silva, 800 em 54".

3.º páreo — 1.600 metros

MISS MORUMBI, R. Carmo, 700 em 48"; TREMPE, L. Correia, 600 em 38"; MAJÓ, S. Silva, 700 em 46"; JAZIDA, A. Ramos, 700 em 46".

4.º páreo — 1.000 metros

URAJANA, C. Morgado, 360 em 22"2/5; PIQUE, I. Sousa, 360 em 23"2/5; THELENA, J. Santana, 360 em 23"; REMA, A. M. Caminha, 360 em 24"; URRUCHA, J. Borja, 360 em 23"2/5; UVACHA, A. Ricardo, 600 em 38"; MARILU, J. Portilho, 360 em 23".

5.º páreo — 1.600 metros

Helena Vampa, M. Silva, 800 em 50"3/5; GAVA, O. F. Silva, 700 em 46"; NOUVELLE VAGUE, L. Santos, 800 em 52"; CLAIR DE LUNE, J. Santana, 600 em 37"; FREENESS, J. Borja, 600 em 38"; PRINCESS D'AZUR, J. Bafica, 800 em 52".

6.º páreo — 1.400 metros

QUEBRA-CABEÇA, F. Pereira, 700 em 45"; ALANIA, S. Silva, 400 na reta oposta, em 24"; LA SONATA, F. Maia, 600 em 41"; ALSTONIA, L. Acuña, 700 em 48"; CLAUDIA, L. Santos, 700 em 45"; GURILANDIA, M. Carvalho, 700 em 44"; SYLVAIN, na reta oposta, 800 em 50"; FAIR CLELIO, M. Henrique, 600 em 38".

7.º páreo — 1.400 metros

ALLEGRETTO, A. Ramos, 700 em 46"; EREMITA, M. Silva, 600 em 37"1/5; TAARUP, J. Borja, 600 em 39"; BOUCHERON, A. Reis, 700 em 45"2/5.

8.º páreo — 1.600 metros

ESTUARIO, J. Ramos, 800 em 50"; LABEU, H. Vasconcelos, 360 em 23"; ELOGIO, O. Cardoso, 800 em 53"2/5; UNCLE, P. Alves, 600 em 39".

9.º páreo — 1.200 metros

VELOCITY, A. Ramos, 600 em 38"3/5; JARETA, C. Morgado, 600 em 38"1/5; DOTE, J. Pinto, 600 em 37"1/5; PRALINETE, P. Alves, 700 em 46"2/5; FALIASE, H. Vasconcelos, 600 em 38"; VIVANDIERE, F. Pereira, 600 em 38".

Pontos-de-Vista

Jornalista exalta craque

Segundo o jornalista chileno Francisco Peric, que está em São Paulo para cobrir o desenrolar do Grande Prêmio São Paulo, o cavalo Bell Boy não é superior ao companheiro New Song, principalmente na pista de grama, onde New Song produz o dobro do que é capaz. Disse ainda que o craque só não derrotou o famoso Robot. É o melhor cavalo do Chile no clássico de 2.600 metros, no Clube Hípico de Santiago, porque atropelou com muito atraso, chegando com meio corpo de diferença do ganhador.

New Song é irmão paterno de Robot, porque ambos descendem de Saint Ange II (por Ribot), êste há muito tempo na reprodução, após uma campanha invicta em pistas italianas, francêsas e inglêsas. New Song já ganhou quatro vêzes, inclusive o Saint-Leger chileno, disputado em 3.000 metros, na grama de Viña del Mar, oportunidade em que bateu Ravita, Ben Grioa e outros destacados parelheiros dos produtos de três anos. É possuidor de violenta atropelada, correndo longe na primeira parte do percurso.

Bell Boy é muito atrevido

Segundo o informante, Bell Boy, outro inscrito no campo do G. P. São Paulo, é um bom cavalo, que costuma correr entre os da frente, para empreender violenta partida nos últimos 400 ou 500 metros do percurso. Pode, todavia, correr mesmo na ponta, se a partida lhe fôr favorável, pois tem velocidade para isto.

Bell Boy correu apenas duas vêzes na grama, entrando em quarto e sétimo, respectivamente. Contudo, para que fizesse um bom teste, foi submetido a um exercício forte na raia de grama do Clube Hípico, antes do seu embarque, e trabalhou 2.000 metros, de forma esplêndida, entusiasmando mesmo os observadores. Já correu 23 vêzes, para obter 7 vitórias, inclusive 5 clássicos, todos na areia, e apenas em 3 oportunidades não obteve colocação.

Charolais mancou outra vez

O craque Charolais, que havia sido reservado para atuar no G. P. 25 de Mayo, em San Isidro, Buenos Aires, desertando assim ao convite para atuar no G. P. São Paulo, domingo, voltou a mancar. O filho de Basajaun apresentou uma inflamação no dianteiro esquerdo, devendo permanecer inativo, pelo menos, até junho ou julho. Charolais, que já havia sido dado como inutilizado para corridas, permanecendo um ano afastado, das pistas reapareceu bem, tanto que, recentemente, após escoltar Himera no "Otono", venceu o clássico General Belgrano. É, mesmo, apontado como o melhor animal das pistas argentinas, após a venda do campeoníssimo Forli para os Estados Unidos, por uma verdadeira fortuna em dólares.

Égua assusta treinador

A égua Vous Voilá, que correrá a milha e meia internacional de domingo, em Cidade Jardim, apareceu claudicando após um floreio na raia de areia, assustando, mesmo, seu treinador. Mais tarde, constatou-se que havia algo de errado com as novas ferraduras, que foram imediatamente retiradas, colocando-se outras. Para alívio geral, ontem pela manhã, a filha de Noceur, já pôde ir à raia, exercitando-se normalmente.

Granfina sobe de produção

Granfina que perdeu a invencibilidade no G. P. Cruzeiro do Sul, reaparecerá domingo, na Gávea, no G. P. Mariano Procópio, amparada por excelente exercício, completando a volta fechada em 38", com 106" na milha final com muito boa disposição e, sempre pelo miolo da raia.

José Machado ria sòzinho quando desmontou da filha de Fort Napoléon e Anabela.

Ambição é sempre adversário

Ambição, que descende de Timão, aquêle mesmo pretinho que entusiasmava o público com violenta atropelada, percorreu a volta fechada, para o mesmo compromisso, em 140"2/5, com 109" e linhas nos 1.600 metros finais, agradando em cheio, com Manuel Silva em seu dorso, e, que parece estar readquirindo seu antigo prestígio na Gávea. Pelo menos, há dois ou três anos atrás, antes de se radicar em São Paulo, só não montava o que não queria.

Floreios

A cronometragem oficial do JS anotou ainda, os seguintes exercícios para o clássico de éguas:

Groa, J. Tinoco, largando de maior distância, completou a milha em 112"2/5, inteiramente à vontade.

Simpática, J. Reis, aumentou para 140"2/5, com 109" a derradeira milha, dominando, mesmo, uma companheira que a aguardava no caminho.

Adatis, F. Pereira, 1.900 metros em 132", com 110", com algumas reservas.

Tabarana, P. Lima, a volta fechada em 142", colada com Tentation que a aguardava nos 1.500, e Glosa, A. Ricardo, melhorou para 140"2/5, muito contrariada, pois não a deixaram correr como queria. Lady Godiva, N. Alves, a volta em 144", Onira, J. B. Paulielo, a milha em 108", com reservas e Old Flame, sem ser exigida em pouco mais de 145".

Tim gosta e aprova tabelas Mário e Cláudio

Caxias empenhou-se muito para conter os avanços de Jorge Costa e Mário

Para o técnico Tim, "Mário é o melhor companheiro de Cláudio, no momento, pois ambos são jogadores de rápido raciocínio e, enquanto Mário destaca-se pela velocidade, Cláudio deverá crescer de produção, lançando bolas e correndo de frente para o gol, sabendo que tem alguém a seu lado para tabelar com facilidade".

A formação que o ataque tricolor apresentará contra o Flamengo — Jorge Costa, Claudio, Mário e Lula — só pôde ser confirmada depois do coletivo de ontem, quando o treinador experimentou e aprovou Jorge Costa e Lula nas pontas, com recomendações de não recuarem e tampouco deixarem de tentar a linha de fundo.

Não podia

Sôbre os motivos pelos quais não havia ainda escalado êstes jogadores, antes, com funções definidas, retornando Mário a uma das ponta de lança o treinador Tim explicou que, afora os problemas de contusões, "fomos obrigados a jogar em uma sistema defensivo, pois estávamos lançando um garôto na zaga central, e êle precisava ganhar confiança, motivo por que recuei Denilson".

—— Agora, depois que Valtinho ganhou confiança, podemos soltar mais o time em campo, razão pela qual atuaremos com dois homem no meio-campo e um ataque veloz, com pontas que realmente procurem a linha de fundo, de onde realizarão os lançamentos para a área — afirmou Tim.

Durante o coletivo de ontem, antes de treinar entre os titulares, Lula realizou teste no time reserva, sendo substituído por Gilson Nunes no ataque titular. Como nada sentiu após 15m Lula passou para o time de camisas brancas, mostrando bom entendimento com os seus companheiros, especialmente Mário, com quem tabelou e conseguiu boas jogadas, para Cláudio ou Roberto Pinto completarem.

Denilson, na destruição, e Roberto Pinto, na armação, com Cláudio ou Mário revezando-se na ajuda ao meio-campo, fizeram com que o time tricolor ganhasse muito mais velocidade e penetração, o que serviu para que o técnico confirmasse a escalação do Fluminense, com dúvida apenas no gol, onde Márcio deverá reaparecer.

Depois do treino, Claudio confirmava o bom entendimento que alcançou com Mário, explicando que "êle sabe o que faz com a bola perto da área. Quando eu encosto é só tabelar, pois o Jorge e o Lula tambem estão na bôca. Acho que vou me dar bem com o Mário, ainda que eu saiba que êle é jogador dos mais rapidos e inteligentes, quando tem a bola nos pés".

Caso seja confirmada a escalação do Fluminense como o técnico Tim garantiu ontem, esta será a primeira vez, desde o início do ano que, com pontas realmente pontas, o tricolor desmanchará a triangulação no meio-campo para armar um 4-2-4 sem recuo de seu pontas, com jogadas também pelo meio do ataque, o que o treinador considerou normal, "pois agora podemos soltar o time para a formação que desejamos".

Treino do Flu teve inspiração no ataque

Roberto Pinto, armando e penetrando com bastante precisão, sendo autor, inclusive, de 4 gols dos 6 que os titulares marcaram contra os reservas, acabou sendo a melhor figura do coletivo com que o Fluminense encerrou seus preparativos para o jôgo de amanhã, contra o Flamengo, quando dará por terminada sua participação no "Gomes Pedrosa".

Jorge Costa, na ponta-direita, e Cláudio, entendendo-se prefeitamente com Mário, completaram o marcador do treino, que agradou ao técnico Tim, especialmente pela velocidade que o time mostrou durante todos os 80 minutos de duração do ensaio, realizando seguidas jogadas pelo miolo e esquecendo os cruzamentos de Oliveira.

Testou antes

Com dúvidas sôbre Humberto e Lula, Tim resolveu testar os dois jogadores durante o treino de ontem, experimentando Lula na reserva, durante 20 minutos, exigindo que o jogador empregasse bastante a perna contundida. Como o atacante nada sentiu, o treinador lançou-o depois no ataque titular, não tendo mais dúvidas em confirmar sua escalação para amanhã.

Humberto chegou a treinar entre os titulares, mas acabou sendo substituído por Márcio, que deverá ser o titular contra o Flamengo. Nas demais posições, Jorge Costa confirmou sua escalação na ponta-direita, o que não aconteceu com Jardel que, depois de retirar o gêsso do joelho esquerdo e correr um pouco na pista, acabou mesmo vetado pelo médico e afastado da concentração pelo treinador.

Antes do treino, como de hábito, Tim conversou com os titulares, explicando que o time sofreria total modificação na sua estruturação tática, deixando de jogar com preocupações mais defensivas, "para preocupar-se com o ataque, pois acho que já acertamos nossa defesa, precisando apenas fazer gols, razão por que vamos para o 4-2-4, com pontas que sejam pontas realmente".

Bom apronto

Desde o início do treino, confirmou-se a disposição dos titulares em se empenharem a fundo durante o coletivo, com os jogadores procurando a bola e deslocando-se com acêrto no ataque, onde Mário e Cláudio ganhavam a maioria das disputas contra a defesa reserva, mesmo com Caxias treinando muito bem ao lado de Valdez.

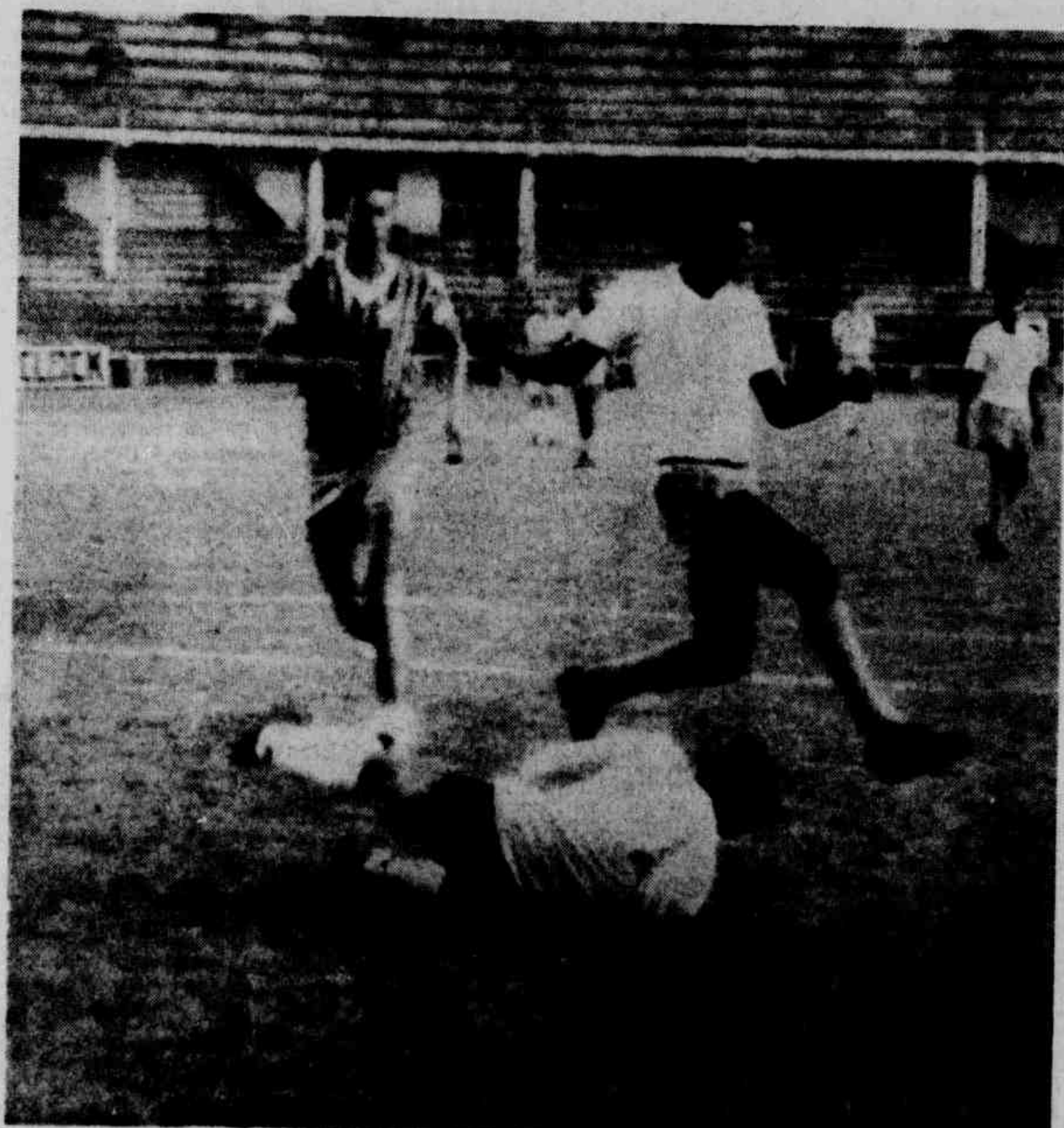
Com superioridade incontestável, os titulares marcaram 3 a 0 ràpidamente, gols de Roberto Pinto (2) e Jorge Costa. Mais tarde, depois de uma rápida reação dos reservas, contida pela segurança de Valtinho e Altair, Roberto Pinto, duas vêzes, e Cláudio, completando jogada que teve a participação de todo o ataque titular, voltaram a marcar para os titulares, encerrando o marcador em 6 a 0, depois de 80 minutos bastante corridos e disputados.

O apoiador Jardel, após retirar o gêsso e correr sob observação médica, acabou sendo dispensado da concentração, pois o Dr. Valdir Luz resolveu negar qualquer condição de jôgo ao apoiador, que ainda se queixou de dores no joelho esquerdo. Na próxima segunda-feira, o jogador deverá extrair 2 dentes.

Concentração

Depois do treino, 17 jogadores iniciaram a concentração do Fluminense para o jôgo de amanhã, devendo voltar, hoje, de manhã, ao ginásio de Alvaro Chaves, onde treinarão recreativamente, disputando partidas de volibol.

O Vice-Presidente Dílson Guedes conversou com o procurador de Valdez, confirmando a disposição do Fluminense em renovar o contrato do central, com bases em NCr$ 700,00. A resposta deverá ser dada na próxima semana, ocasião em que também será definida a situação de Jorge, que deverá aceitar os NCr$ 650,00 oferecidos pelo clube.

O goleiro Márcio, que também está sem contrato, depois de dizer que isso não é problema, confirmou que, na próxima semana, conversará com o Sr. Dílson Guedes, acertando a sua renovação com o Fluminense.

Movimentação do treino deixou Tim satisfeito e com maiores esperanças de vitória

Márcio tem vaga para Fla

Márcio poderá reaparecer como titular do Fluminense, amanhã, substituindo o goleiro Humberto contra o Flamengo, pois êste continuou queixando-se de fortes dores em todo o tronco e deverá ficar como Regra-3, pois Vitório ainda está em fase de recuperação da contusão que sofreu no ombro esquerdo.

Para o Dr. Valdir Luz, sòmente amanhã, poderá ser dada a palavra final sôbre o titular do gol do Fluminense, pois ainda que reconheça ser bastante difícil o aproveitamento de Humberto, "as dores que sente poderão desaparecer com o absoluto repouso a que será submetido o goleiro no dia de hoje, inclusive com banhos de luz.

Depois de ouvir a opinião do Dr. Valdir Luz sôbre a situação de Humberto, o técnico Tim resolveu colocar Márcio no time titular, enquanto Humberto ia para o gol dos reservas. Dono de boa recuperação, Márcio — que sofreu sério acidente em Curitiba — treinou normalmente e mostrou estar apto para jogar amanhã.

Avisado que poderia substituir Humberto, Márcio lembrou que os goleiros do Fluminense estão "tremendamente sem sorte" até agora, pois Vitório, Humberto e êle mesmo já se contundiram durante o Campeonato Roberto Gomes Pedrosa.

— Não é por nada, não, mas a gente tem que lutar e lutar muito, às vêzes até contra a sorte. É pena que continue êsse entra e sai de contusões, mas não podemos fazer nada. Se chegar a minha vez, novamente, vou para campo como sempre e não adianta me avisarem para ter mais cuidado, pois sou jogador que não me assusto nem me preocupo com contusões — afirmou Márcio.

Ainda que Márcio, pràticamente, esteja confirmado para o jôgo de amanhã, sòmente amanhã, pela manhã, depois da revisão médica e que o Dr. Valdir Luz dirá sôbre as possibilidades de Humberto continuar titular do Fluminense.

Convocações alegram o Flu

O goleiro Vitório foi o mais alegre e cumprimentado jogador do Fluminense ontem, quando o Supervisor José de Almeida apareceu com os nomes dos cinco jogadores do Fluminense, que haviam sido convocados para a seleção carioca, em lista completada por Mário, Lula, Denilson e Altair, êsse desde 1956 titular absoluto das seleções cariocas.

Ainda que em fase final de recuperação, Vitório mostrou grande disposição de "aproveitar oportunidade que me é dada, e tudo fazer para corresponder a confiança dos que lembraram o meu nome, pois, sinceramente, considerando-se que eu não estava jogando, esta foi a melhor surprêsa que tive em minha vida de jogador profissional".

Prêmio justo

A convocação de Mário e Lula, esperada por todos, foi considerada um "justo prêmio" a dois dos mais destacados atacantes do futebol carioca em .. 1967, especialmente Mário, que vinha sendo apontado unânimemente como o melhor atacante carioca, mesmo jogando deslocado de sua verdadeira posição.

Lula, que pela primeira vez é convocado para uma seleção, lembrou que só pode ficar contente e comentar a convocação, preferindo não arriscar se vai ou não ser titular, lembrando que "Rodrigues é um excelente jogador e que obriga a gente a fazer muita fôrça, se quiser pensar em ser titular".

Depois de começar o ano mal, contundindo-se e atuando aquém de suas possibilidades, Denilson recobrou suas condições físicas, cresceu de produção e acabou sendo convocado para a seleção carioca, coisa que, para o jogador, "vale muito, pois é a primeira vez que entro na seleção carioca mesmo".

Sôbre as possibilidades da seleção carioca, Denílson confirmou apenas que tem certeza de que "a rapaziada vai com muita disposição para o Brasileiro, tentando acabar com uma série de coisinhas que resolveram inventar sôbre o futebol carioca".

Titular de tôdas as seleções cariocas desde 1956, primeiro como lateral-esquerdo, depois como quarto-zagueiro, Altair lembrou que "é um negócio muito bom a seleção carioca, sendo sempre motivo de orgulho a gente voltar a ser convocado, especialmente agora, quando existem tantos e tantos jogadores de comprovado gabarito para servi-la".

rodízio

paulo ney

Aí está o resultado da imprevidência e falta de orientação empresarial dos dirigentes do futebol carioca: a esperança, que é quase um sonho, de o Bangu vencer o Palmeiras, domingo, por uma diferença de cinco gols, no mínimo, para se classificar às finais do Campeonato Roberto Gomes Pedrosa. Os outros quatro times cariocas — Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo — de há muito perderam as ilusões, após campanhas cheias de altos e baixos. Jamais o futebol carioca apresentou saldo tão negativo em campeonatos interestaduais.

Paralelamente a êsse fracasso, a maioria dos nossos clubes atravessa um período de sérias crises em seus Departamento de Futebol, originadas, quase tôdas, pela falta de direção, pois não há pulso forte nos homens que comandam, do que se aproveitam os jogadores para fazer o que querem sem se importar com as conseqüências, que, via de regra, são nenhuma.

No Flamengo as crises se repetem ininterruptamente. Ora é jogador brigando com jogador, ora a briga é com o próprio clube por questões de dinheiro ou com o técnico por motivos quase nunca bem esclarecidos. No Vasco, o desentendimento maior é com a própria imprensa, que se vê cerceada em seus direitos de apurar para informar, por determinação dos dirigentes. Não menos complicada é a situação do Fluminense, onde até existe uma torcida dissidente, além de jogadores descontentes, como os casos recentes de Mário e Lula. No Botafogo, então, a situação é quase insustentável para Zagalo com os últimos resultados, sem levarmos em consideração a situação criada por Gérson e a briga de Paulo César com o clube. Aparentemente o Bangu é o time mais tranqüilo apesar do grande número de contusões que afligem a equipe e que fizeram com que seu rendimento caísse assustadoramente nos últimos tempos.

O certo, em tudo isso, é que existe algo de muito errado nos clubes e é necessário que providências urgentes sejam tomadas para ver se ainda se consegue salvar alguma coisa do caos que se avizinha.

RIO, 12 DE MAIO DE 1967

SEGUNDO TEMPO

Pois é, enfermeiro foi feito para cuidar de doente e desencanar certas pernas de jogadores que entraram pelo cano. Lula não teve paciência e resolveu autodesencanar a sua. Resultado — pagou de multa ao Fluminense 300 cruzeiros novos em fôlha.

na área alheia

léo d'ávila

despersonalização

Mendonça Falcão é, sem dúvida uma das figuras mais pitorescas da chamada cúpula esportiva. É uma personalidade forte, que diz o que pensa e o que quer, agredindo muitas vêzes verbalmente os adversários, mas quase sempre a gramática e o sentido e pronúncia dos vocábulos. Há algum tempo corria a seu respeito um variado anedotário que fazia rir, mas lhe dava uma irresistível simpatia humana. De algum tempo para cá, o presidente da F.P.F. anda aparecendo nos jornais como se fôsse o supra-sumo dos puristas da Língua Portuguêsa, como se sôbre êle tivesse baixado o espírito do próprio Machado de Assis. Na coluna do Armando Nogueira êle aparecia a tôda hora deitando sentenças em linguagem castiça. É o que se chama despersonalizar uma individualidade vigorosa.

Provàvelmente a essa hora, Mendonça Falcão já contratou professôres de linguagem, assessôres que lhe preparam as entrevistas e discursos, e coisas que tais.

O Mendonça Falcão falando bonito não é o Mendonça Falcão — é, quando muito, um Murgel. Há coisa de quarenta anos estava em pleno fastígio um jogador chamado Feitiço, que atuou nas seleções paulista e nacional. Foi quando veio fazer o Brasil, um time escocês, o Monterwel. A seleção carioca fêz, de início, um fiasco. Foi preciso que o Osvaldinho pegasse uma bola na sua área de zagueiros, driblasse pràticamente todos os jogadores escocêses e, ainda de lambuja, alguns cariocas que se colocaram no seu caminho, findando por marcar um dos gols mais sensacionais do futebol brasileiro.

Já a seleção nacional não brincou em serviço. Feitiço, na sua meia esquerda, passava pela defesa escocêsa como faca afiada em manteiga derretida. O infeliz arqueiro do Monterwell ficou vêsgo só de querer enxergar a bola.

Está visto que Feitiço virou o que se chama hoje de **ídolo da torcida.** Deu entrevistas que fizeram época. Numa, êle dizia:

"Os ingrês é bom na ténica, mas a gente semo munto mió na aligerêza."

Ganhou a corôa de Rei do Futebol. Quando voltou para São Paulo foi advertido pelos amigos e os puxas de que a realeza lhe impunha obrigações severas e chatíssimas. Tinha de tomar mais cuidado com a maneira de falar, só dar entrevista a gente de confiança, não dar confiança ao vulgo. Feitiço passou a andar com boas roupas, chapéu gelô e quando lhe falavam, torcia horrivelmente a bôca e grunhia qualquer coisa incompreensível, mas que dava idéia de "rêrrr!!! (lembrança dos escoceses). Em resumo, ficou insuportável.

Com o Mendonça Falcão, embora continui verboso, sucedeu coisa parecida.

Depois de malhar os clubes cariocas, o Armando Nogueira revela inesperadamente que o purismo lingüístico do Mendonça Falcão não é tão batata assim:

"O Deputado Mendonça Falcão pode dizer nós vai, mas o diabo é que com êle o futebol vai para frente; aqui os cartolas dizem nós vamos, mas vão de mal a pior. Eu preferia que êles issem todos, contanto que o futebol carioca também fôsse de vento em pôpa como vai o paulista. Isso é que importa, o resto são próteses, epênteses e paragoges."

versó

O João Saldanha abandona momentâneamente as citações de Freud e Dotoiewiski e entra de rijo em cima da CBD e do Mendonça Falcão:

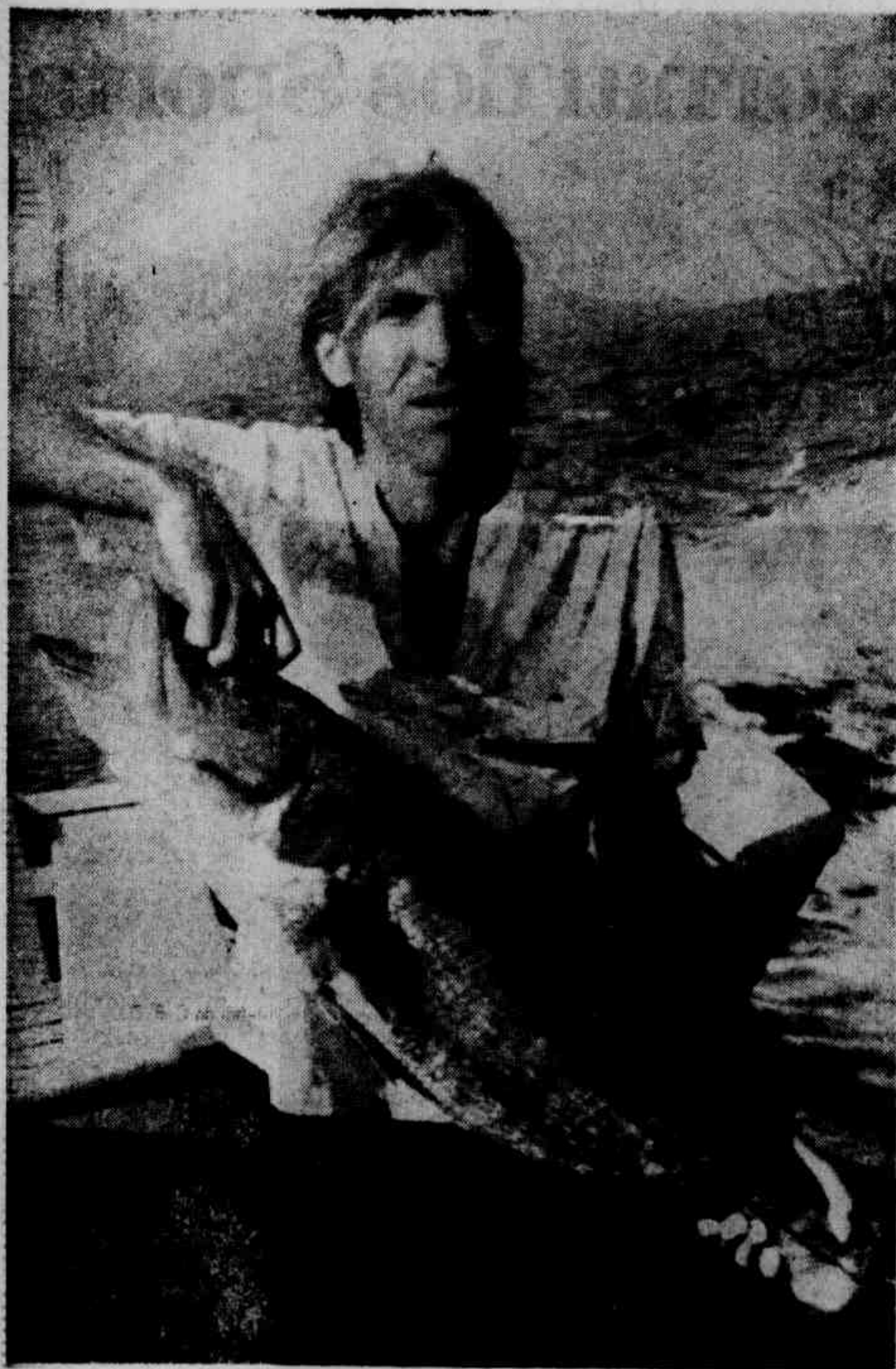
"O que é engraçado nisso tudo ou muito triste, se quiserem, é a nova posição de João Mendonça Falcão. Há dois anos, Falcão queria fundar a Federação Brasileira de Futebol, alegando que a CBD estava superada porque tinha um calendário esportivo antiquado. Calendário que dava prejuízo aos grandes clubes e, òbviamente, o prejuízo dos grandes clubes significa o enfraquecimento do futebol brasileiro. Certo. Mas, agora, Falcão estranhamente para alguns, mudou de posição. Há quem afirme que isto aconteceu porque João Havelange ajeitou as divergências com Paulo de Carvalho. Ótimo, ajeitem as divergências. Mas não o façam em detrimento do futebol brasileiro, que está muito mais por baixo do que se poderia pensar. Então, Falcão está ao lado de Havelange na triste tarefa de enfraquecer a grande disputa que é o Campeonato Roberto Gomes Pedrosa para atender aos apelos dos cambalachos dos clubecos que querem sempre viver à custa dos outros.

Não se trata de impedir o desenvolvimento dos clubes pequenos. Trata-se de evitar o empobrecimento crescente do Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense, Palmeiras, Santos etc.

reverso

O Achiles Chirol sai em defesa da CBD:

"Os dirigentes cariocas negam-se a visualizar o Brasil como um todo no futebol. Vêem-no com o espírito mesquinho das suas limitações espontâneas ou forçadas. Em vez de prometerem aos torcedores reforçar suas equipes, de modo a impedir outros fracassos como os que êste ano já liqüidaram Fluminense, Vasco, Botafogo e Flamengo, e fatalmente liqüidarão o Bangu, acenam com a solução magistral de preservarem a mediocridade, invocando razões de Estado que envergonham o orgulho esportivo dos cariocas."

luís correia de araújo venceu torneio interno

O Iate Clube de Angra dos Reis realizou sábado passado, na Ilha Grande, o seu Torneio Interno de Caça Submarina. A competição, que foi disputada por duplas havendo também contagem individual, teve sua área restringida ao costão situado entre a Ponta Sol e a Ponta do Aventureiro (Costão do Drago) valendo também a Lage do Drago.

O mar apresentou-se calmo, com água cristalina e com muito pouco peixe esportivo devendo-se notar que não apareceu na pesagem nenhum exemplar de Garoupa, Enxada, Ôlho de Boi e Pampa, peixes bastante comuns naquela região.

Individualmente o título ficou em poder de Luís Correia de Araújo que mais uma vez mostrou a excelente forma que ostenta, arpoando durante cinco horas de disputa, cinqüenta e quatro peças o que lhe dá a excepcional média de um peixe em cada cinco minutos.

O segundo lugar ficou com Cid Rossi que estabeleceu o nôvo recorde brasileiro de Xaréu Branco, matando um exemplar de 9,7 kg.

Em terceiro chegou Domingos "Badué" Castelo Branco que capturou um Robalo de 10,7 kg — a maior peça do certame.

A quarta colocação ficou com o veterano Amílcar Vieira Filho, que mais uma vez mostrou o seu entusiasmo pela caça submarina disputando contra elementos mais jóvens e perdendo o terceiro lugar pela diferença mínima de 100 pontos.

Em dupla a vitória ficou com Lulu — Hênio Oliveira que superaram amplamente a segunda colocada que foi Cid — João Carlos Silva.

O resultado geral da competição foi o seguinte:

individual

1.° — Luís Correia de Araújo — 54 peças — 117, kg —171.200 pontos;
2.° — Cid Werneck Rossi — 16 peças — 54,4 kg — 92.000 pontos;
3.° — Domingos Castelo Branco — 14 peças — 38,5 kg — 63.100 pontos;
4.° — Amílcar Vieira Filho — 23 peças — 40,0 kg — 63.000 pontos;
5.° — João Carlos Silva — 14 peças — 27,7 kg — 47.450 pontos;
6.° — Antônio Freitas — 13 peças — 26,1 kg — 39.100 pontos;
7.° — Azevedo Formiguinha — 6 peças — 18,3 kg — 24.300 pontos;
8.° — Hênio Oliveira — 10 peças — 14,6 kg —

duplas

1.° — Lulu e Hênio — 64 peças — 129,8 kg — 193.300 pontos;
2.° — Cid e João Carlos — 30 peças — 86,1 kg — 139.450 pontos;
3.° — Amílcar e Antoninho — 36 peças — 66,1 kg — 102.100 pontos;
4.° — Badué e Azevedo — 20 peças — 56,8 kg — 87.400 pontos.

As melhores peças foram as seguintes:

Robalo — 10,7 kg — Domingos Castelo Branco;
Badejo — 2,0 kg — João Carlos Silva;
Anchova — 2,5 kg — Cid Rossi;
Vermelho — 1,8 kg — João Carlos Silva;
Sargo de Dente — 2,1 kg — Hênio Oliveira;
Xaréu — 9,7 kg — Cid Rossi;
Sargo de Beiço — 5,6 kg — Luís C. Araújo.

Na Comissão de Pesagem funcionaram Francisco Brusdo José Malta e o Coronel Passos que, como te hábito, saíram-se muito bem, não sendo registrada nenhuma queixa dos caçadores.

Impressionante o entusiasmo do Codoro Fernando Moreira pelas obras da nova sede que o ICAR está construindo. As 6 horas da manhã êle já era visto fiscalizando a construção.

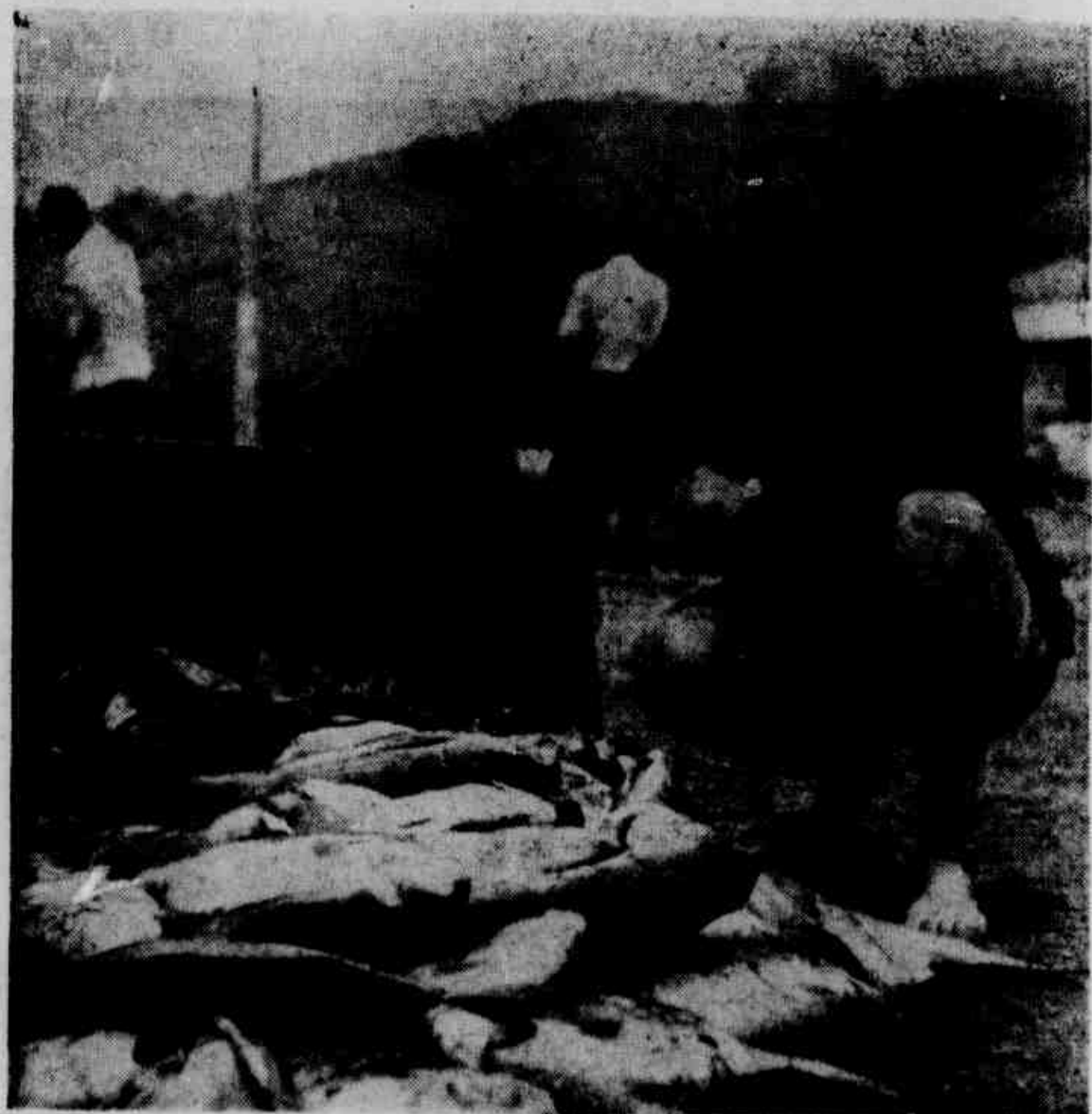
Excelentes os prêmios ofertados pela ICAR.

Os dois primenros colocados receberam cada um uma arma Orca, cabendo ao terceiro uma máscara com respirador e um pé de pato e sendo sorteado entre os caçadores que apanharam as melhores peças outra arma Orca. Além dêsses prêmios houve também as tradicionais taças e medalhas.

A "revelação" que se apresentou durante o torneio foi o Amílcar que depois do Lulu foi quem matou maior número de peças. Segundo o caçador em pauta 4 das suas 23 peças foram arpoadas de cambalhota, o que lhe valeu um nôvo apelido: "Tatuzinho Cambalhota".

Hênio Oliveira conseguiu a proeza de ser ao mesmo tempo 1.° e último colocado num torneio.

Badué conseguiu um recorde difícil de ser batido. Durante as 5 horas de competição êle perdeu uma máscara, três arpões, um armador e uma faca.

Domingos "Badué" C. Branco com o robalo de 10,7 kg arpoado durante o torneio ICAR

Luís Corrêa de Araújo com as 54 peças que lhe deram o título individual do ICAR

Zaga do Paulistano, em ação contra o Botafogo, foi o ponto alto do time

infantil da praia é o paulistano

Contando com apenas dezessete jogadores, o Paulistano, que teve apenas uma derrota em vinte jogos, sagrou-se campeão carioca infantil de futebol de praia, coroando os esforços de seus treinadores César e Vanderlei. Na fase de classificação, venceu seu grupo, seguido por Dinamo e Paulistano, para na fase final, encerrada domingo passado, levantar o título, com três pontos perdidos, um à frente do Lá Vai Bola.

Atuando na maioria das partidas, com sua formação base, que é a seguinte: William; Max, Camilo, Damião e Célinha; Edú e Ivã; Brasinha, Passeri, Jaime e Alemão, o time obteve em tôda a campanha, 13 vitórias (7 no turno final), 6 empates (três em cada fase) e uma derrota, para o Dinamo, na fase de classificação, por 1 a 0.

colocações

Após as fases Paulo Nazareno, que classificou para o turno final, Paulistano, Dinamo e Juventus, desclassificando Guaíba, Botafogo e Maravilha e Carlos Henrique Andrade, que classificou Lá Vai Bola, Lagoa e Areia, desclassificando Real Constant, Alvorada e Corintians, foi disputado o turno final, com os seis melhores times da categoria.

A categoria de infantis no futebol de praia, é formada por elementos de até 16 anos incompletos até o início do certame, com os jogos da fase de classificação disputados como preliminares dos de juvenis, às têrças e quinta-feiras à tarde, no período de férias escolares. Já o turno final, foi disputado aos domingos já no decorrer da temporada de aulas.

Eis as colocações dos concorrentes após o final do certame: Campeão — Paulistano, com 17 pontos ganhos e 3 perdidos; Vice-campeão — Lá Vai Bola, 16 ganhos e 4 perdidos; 3.° — Lagoa, 11 ganhos e 9 perdidos; 4.° — Areia, 9 ganhos e 11 perdidos; 5.° — Dinamo, 4 ganhos e 16 perdidos e 6.° — Juventus, com 3 pontos ganhos e 17 perdidos.

resultados

O quadro infantil do Paulistano, cujas côres são prêto, vermelho e branco, mas que atua com o uniforme prêto com gola branca, na fase de classificação perdeu para o Dinamo, empatando com o Juventus (duas vêzes) e com o Botafogo, vencendo essa série com 5 pontos negativos, para no turno final, com apenas três pontos perdidos vencer o título.

Eis os resultados obtidos pelo Paulistano no turno final, com 17 gols pró que lhe deram a melhor artilharia do certame e apenas seis contra, que também garantiram o título de defesa menos vazada. Lá Vai Bola 1 a 1 (turno) e 1 a 1 (returno), Juventus, 3 a 1 e WO, Dinamo, 4 a 1 e 4 a 0, Lagoa, 3 a 1 e 1 a1 e Areia dois WO.

quem jogou

A orientação do time durante o certame estêve a cargo de César e Vanderlei, o primeiro sempre dentro de suas características de comer as unhas, pedir o tempo a todo instante, ou seja nervoso como sempre, mas sem perder sua eficiência, já o segundo mais comedido, inclusive controlando seu companheiro, também teve grande parcela na conquista do título.

Eis os jóvens do Paulistano, que levantaram o certame de infantis, a grande maioria integrando o time de aspirantes do clube, que ocupa a vice-liderança no certame da categoria pelo Acesso, com três pontos de atrazo com relação ao líder Lá Vai Bola. — Goleiros: William e Arlando; zagueiros: Max, Camilo, Damião, Césinha, Catita e Joga; médios: Edu, Ivã, Cabeti e Birela; avantes: Brasinha, Passeri, Jaime, Alemão e Roberto.

O clube do Leblon, deposita grandes esperanças nos jóvens valôres para jornadas futuras, acreditando que em breve essa equipe poderá levar a agremiação à Divisão de Acesso, muito embora os responsáveis, acreditem que o atual primeiro time, todo êle com base nos juvenis, possa, com um pouco de sorte alcançar a segunda vaga no atual certame do Acesso.

copa rio branco 32

capítulo III

RENATO Pacheco levantou-se — Rivadávia reparou que êle estava surpreendido — ofereceu uma cadeira. Rivadávia tossiu ligeiramente, clareou a garganta. "A C.B.D., Renato, tem de mandar — era melhor entrar logo no assunto — um escrete a Montevidéu, não tem?". Renato Pacheco tirou os óculos, segurou-os por uma haste, respondeu de olhos quase fechados. "Tinha!". — Rivadávia Corrêa Méier remexeu-se na cadeira. Com certeza Renato Pacheco estava brincando. "Escute uma coisa, Renato: há um compromisso sério da C.B.D com a Asociatión Uruguaia". "Havia". — Suspirou Renato Pacheco, passando devagar a ponta do lenço na lente. "Quer dizer que a C.B.D. não pretende cumprir o prometido?". — Rivadávia Corrêa Méier pronunciou as palavras lentamente, sem tirar os olhos de cima de Renato Pacheco. Renato Pacheco acabou de limpar os óculos, só depois, vendo outra vez, fêz um gesto de impaciência. "Não há ninguém, Riva, que sinta mais do que eu". Que o Riva, porém, queria que a C.B.D. fizesse? A C.B.D. não podia. "Eis a verdade, Riva, a C.B.D. está sem dinheiro. Não pode ir a Montevidéu".

Rivadávia Corrêa Méier não esperava por isso. Tudo parecera tão simples! Simples demais, bom demais para ser verdade. E. A vida não era assim. "Você veja, Riva: eu tive que raspar os cofres da C.B.D.". Bastava fazer um cálculo: quanto custava mandar uma representação às Olimpíadas? Rivadávia lembrou-se do "Itaquicê". "Eu não me preocupei, Riva — Renato Pacheco vestiu uma fisionomia solene — eu não tinha razão para me preocupar". As Olimpíadas de Los Angeles, por mais que custassem, não arruinariam a C.B.D. "Com o campeonato brasileiro o dinheiro entraria outra vez. Chegaria de sobra para ir a Montevidéu". E, de repente, sucedera aquilo tudo, revolução, o diabo. "Igualzinho a 30, Rivadávia, igualzinho a 30. Rivadávia, igualzinho a 30". Em três anos a C.B.D. só pudera fazer um campeonato brasileiro. "E cada campeonato brasileiro, Riva, deixava uns duzentos contos para a C.B.D. Agora me diga se eu posso ir a Montevidéu. Nem em sonho".

Renato Pacheco tinha razão, Rivadávia concordou com êle. Enquanto Renato Pacheco explicava a triste situação da C.B.D., Rivadávia Corrêa Méier foi relaxando os músculos da face. A C.B.D. não podia ir a Montevidéu, estava certo. E a Amea? A Amea teria de desistir da temporada com o Nacional e o Peñarol?

Rivadávia Corrêa Méier deixou Renato Pacheco falar. A voz de Renato Pacheco afastava-se, quase não alcançava os ouvidos de Rivadávia. Quanto custaria mandar um escrete a Montevidéu? Por mais que custasse, valeria a pena. Vamos dizer, uns quarenta contos, não podia ser mais. O Cabalero dissera que a Amea talvez ganhasse uns cem contos. Cem menos quarenta, sessenta. Talvez os jogos dessem mais, se dessem mais, melhor. Renato Pacheco calou. Só agora êle prestava atenção a Rivadávia: os olhos de Rivadávia brilhavam, Rivadávia sorria. "Que é, Rivadávia?". Rivadávia Corrêa Méier escondeu o sorriso. "Não é nada, Renato. Apenas me ocorreu uma idéia agora. Eu penso que a Amea pode salvar a C.B.D." "Salvar a C.B.D.?" — Renato Pacheco franziu a testa. "Se não salvar, ajudar" — corrigiu Rivadávia Corrêa Méier. Ajudar, Renato Pacheco imaginou logo que o Riva ia falar em um empréstimo. "Você quer oferecer dinheiro à C.B.D.?" — Renato Pacheco sorriu, balançou a cabeça, como avisando que a C.B.D. não andava atrás de empréstimo. "Quer dizer — Rivadávia Corrêa Méier mediu as palavras. — Não se trata de oferecer dinheiro". "Ah!" — Renato Pacheco pareceu satisfeito. "No fundo, porém — Rivadávia Corrêa inclinou-se sôbre a mesa — vem a dar no mesmo". "Diga" — pediu Renato Pacheco. "E que eu, antes de vir para cá — era melhor não esconder nada, foi o que decidiu Rivadávia Corrêa Méier — estive com o Cabalero. O Cabalero. O Cabalero tem amigos em Montevidéu. O Ponce de Leon... "Renato Pacheco curvou-se um pouco para escutar melhor. Até aquêle momento êle não tinha entendido nada. "E eu — continuou Rivadávia Corrêa Méier — incumbi o Cabalero de arranjar uns dois jogos com o Nacional e o Peñarol para o escrete da Amea". Renato Pacheco encheu-se de paciência. Onde o Riva queria chegar? "Você quer uma licença, não é?". Pois o Riva teria uma licença, a licença não custaria nada, a C.B.D. existia para isso mesmo. "E é assim que você pretendia salvar a C.B.D., hein?" — Renato Pacheco fêz rá, rá, tirou os óculos, a gargalhada enchera-lhe os olhos de lágrimas. "Você não me entendeu, Renato — Rivadávia esperou que Renato voltasse a colocar os óculos. — Aliás eu não cheguei a me explicar direito". O que êle, Rivadávia, pretendia, era evitar uma despesa grande, que seria, de outra forma, obrigado a ter. "Eu vim pedir um favor a você. Agora sou eu quem pode prestar o favor". Renato Pacheco olhou o Riva. Rivadávia Corrêa Méier acomodou-se melhor na cadeira, cruzou as pernas. "Em suma, Renato, o que eu ofereço a você é o seguinte: a Amea toma o lugar da C.B.D., disputa a Copa Rio Branco...". "Com a camisa da C.B.D...." "Claro que com a camisa da C.B.D. E depois de disputar a Copa Rio Branco, fica mais uns dez dias em Montevidéu para jogar com o Nacional e o Peñarol".

Irineu Chaves, Mario Pollo e Rivadavia Corrêa Meyer

Agora Renato Pacheco prestasse atenção. Tôda atenção: enquanto a C. B. D. não fôsse a Montevidéu, a Copa Rio Branco a Assiociatión Uruguaia terá de mandar um escrete aqui, dentro de um ano. Quanto rendeu a Copa de 31?". Renato Pacheco rebuscou a memória. "Uns cem contos". "Pois a C.B.D. meterá no bôlso outros cem contos em 33 sem gastar um tostão". Renato Pacheco puxou a cadeira mais para junto de Rivadávia Corrêa Méier. "E por que você não me disse isso logo?". "Eu não podia dizer, Renato. A idéia só me surgiu depois que você me confessou que a C.B.D. estava sem dinheiro". Se a C.B.D. estivesse com dinheiro seria outra coisa. "Ai — Rivadávia Corrêa Méier alargou o sorriso — eu ficaria quieto. Deixaria a Amea ganhar sòzinha". Ah! Renato Pacheco deu uma palmada no joelho de Rivadávia Corrêa Méier. "E como a C.B.D. não tem dinheiro...". "A Amea ajuda a C.B.D. Eu faço isso, Renato — explicou Rivadávia Corrêa Méier — por uma questão de honestidade".

"E quando o escrete da Amea irá a Montevidéu, Riva?". "O mais depressa possível". Rivadávia Corrêa Méier ia dizer: eu quero fechar o ano de 32 com um bom saldo, não disse, porém, Renato Pacheco já sabia de muita coisa, para que desembuchar tudo? "O Cabalero — parecia que Rivadávia Corrêa Méier não mudava de assunto — vai mandar uma carta. E eu tratarei de apressar as negociações. Pode-se trocar telegramas com a Asociatión Uruguaia". "Naturalmente — Renato Pacheco tirou mais uma vez os óculos, rodou uma haste entre os dedos, devagar — eu tenho de reunir a Comissão de Futebol da C.B.D.". "Se a Amea, Renato, vai arcar com tôda a responsabilidade, a Amea deve organizar o escrete. Ficaria até melhor para a C.B.D.". "Você não me entendeu, Riva. Eu reúno a Comissão de Futebol da C.B.D. Então a Comissão de Futebol da C.B.D. entrega a organização do escrete à Comissão de Futebol da Amea".

mário filho

a vida como ela é

nélson rodrigues

a mão esquerda

Uma coleguinha de escritório sugeriu a hipótese: "Vê lá se é casado, vê lá!". Estava fazendo uma verificação de contas na máquina de somar. Tomou um susto:

— Casado?

E a outra, coçando a cabeça com o lápis:

— Quem sabe? E tudo é possível, compreendeste? Sabe como é.

Até o fim do expediente, Aída ficou com aquilo na cabeça. Conhecera há quatro dias o seu nôvo namorado. Era uma menina afetiva, ou, como ela própria dizia, "romântica". No fim do terceiro encontro, estava apaixonada. Mas nunca, em momento nenhum, lhe ocorrera a hipótese de que Lauro pudesse ter um compromisso. A sugestão da amiga, apavorou-a. Depois do serviço, foi encontrar-se com o rapaz. E perguntava, de si para si: "Será?". Êle a esperava, como das vêzes anteriores, na esquina da Rua México com Araújo Pôrto Alegre. Saudou-a com alegre carinho.

— Como vai essa figurinha difícil?

Desceram a Rua do México, a caminho do bonde, que costumavam apanhar na Sete de Setembro. Caminhando ao lado de Lauro, tratava de verificar se êle usava ou não aliança. E até o momento de subir no bonde, continuava na mesma, porque o rapaz não tirava, do bôlso, a mão esquerda. Fizeram a viagem conversando. Todavia, Aída parecia distraída, triste e inquieta. Dizia, de si para si: "Está escondendo a mão!". Na altura do Estácio, ela não resistiu. Vira-se para Lauro, põe a mão no seu braço e pergunta:

— Queres me fazer um favor?

— Dois.

Ela, baixo e sôfrega, pede:

— Mostra a tua mão esquerda, mostra!

Admirou-se:

— Pra quê?

Teimou:

— Eu quero! Mostra!

Pausa. De perfil para a pequena, atônito, êle estava de tôdas as côres. Por fim, respondeu:

— Não posso — mas logo retificou: Agora, não. Depois te mostro. Quando a gente descer.

Aída balbucia:

— Ora veja!

A seu lado, em silêncio, ela pensava: "No mínimo é casado!". E não lhe ocorria o expediente que tantos usam, de tirar a aliança, de embolsá-la ou, simplesmente, de não usar aliança. Fizeram o resto da viagem em silêncio. Quando saltaram, em Saenz Peña, Aída cobrou a promessa. Atravessaram a rua em direção a praça. E, lá, a pequena exigiu: "Agora, mostra. Quero ver. Mostra". Lauro continua com a mão no bôlso. Durante alguns momentos, os dois se olham, calados e expectantes. Lauro baixa a cabeça:

— Sinto, mas não posso.

Rápida, ela pergunta:

— És casado? Responde! És casado? Sim ou não?

Balbucia:

— Não. Claro que não. Por que casado? Que idéia!

Na sua angústia, ela insiste:

— Jura que não estás escondendo a aliança?

E êle, respirando fundo:

— Juro.

No dia seguinte, ao chegar no escritório, ela requisita a coleguinha. Conta-lhe o incidente da mão no bôlso. A outra foi sumária: "Você bobeou, minha filha!". Espanto de Aída: "Eu?". A outra explica:

— Evidente. Isso é mais que suspeito. Você não vê que não tem cabimento? Esconder a mão por quê? Sim, raciocina: por quê?

Admitiu:

— Sou uma errada.

Então, a outra inclina-se sôbre a mesa; propõe: "Faz o seguinte: exige que êle te mostre a mão. E o golpe. Tu não és palhaço de ninguém, ora bolas!". Pouco depois, as duas concordam num ponto: se êle fôsse realmente casado, podia, já prevenido, retirar a aliança. A coleguinha teve um muxôxo: "Caso sério!". Após o expediente, Aída encaminha-se para o local do encontro. A distância, viu o rapaz, em pé, junto do poste, e com a mão esquerda no bôlso: "Outra vez!". Foi seu comentário interior. Na sua irritação, aproxima-se e, antes de qualquer cumprimento, diz-lhe:

— Das duas uma: ou tu mostras tua mão, ou, já sabe, não falo mais contigo. Não compreendo essa tua mania, francamente.

Lauro vacila, resiste: "Eu te mostrarei depois". Ela agarra-se ao namorado: "Ou agora ou nunca". Pausa. Agoniado, êle não entende: "Por que essa insistência? a trôco de quê?". E numa angústia maior, pergunta:

— E se eu ti disser que não te mostrarei a minha mão, nem agora, nem nunca?

Aída o encarou, grave, irredutível: "Nesse caso, eu acabo com tudo. Escolhe". Nôvo silêncio. Afinal, êle diz a última palavra:

— Não mostro. Não devo mostrar.

A pequena respira fundo: "Então, paciência. Adeus". Sem estender a mão, virou-lhe as costas e afastou-se, como se fugisse. Minutos após, estava na Sete de Setembro, esperando o bonde, quando Lauro reapareceu. Muito pálido, inclinou-se diante da garôta: "Olha: ali, na esquina, tem um café. Vamos conversar, lá, um instantinho?". Aída deixou-se levar. Entraram, sentaram-se numa mesa do fundo. Sem uma palavra, êle põe em cima da mesa a mão esquerda:

— Querias ver, não querias? Eu te faço a vontade. Olha.

Aída espiou, maravilhada: nenhuma aliança! Num impulso de carinho, põe sua mão em cima da do rapaz. Com o lábio inferior tremendo, Lauro quer saber: "Não viste nada? não reparaste?" A garôta não entende: "O quê?". Lauro completou:

— Conta os dedos. Seis — e continua, num soluço estrangulado: Eu sou o homem dos seis dedos!

Aída foi incapaz de um comentário. Naquele momento, teve uma dupla sensação de pena e náusea. Tomaram uma média simples, de café. E depois, já com a mão no bôlso, êle saiu com a pequena, numa tristeza e numa humilhação absolutas. Ela queria dizer uma palavra, mesmo convencional, de carinho, de ternura. Mas seus lábios e seu coração estavam trancados. Foi êle quem falou. Durante tôda a viagem, resumiu a sua história, a história daquele defeito físico, que o marcara para sempre. Desde garotinho, que os outros meninos o chamavam de "o seis dedos". ... mesmo os irmãos, quando altercavam com êle, nas brigas infantis, atiravam-lhe na face, aquêle defeito. E teria preferido uma perna a menos do que um dedo a mais. Quando se fêz rapaz, não namorava ninguém; fugia das mulheres. Achava que jamais seria amado, jamais. Baixou a voz, numa confidência sofrida:

— Tu és meu primeiro e último amor. Se eu brigar contigo, te juro que nunca mai[illegible] [illegible]rei de ninguém. Ouviste?

Num arrepio, ela admite:

— Ouvi.

E êle, com os olhos marejados:

— Agora, que viste minha mão, agora, que conheces o meu defeito — eu quero que me respondas: isso faz alguma diferença? faz? Ou não?

— Eu direi quando descermos.

Chegaram ao poste do Metro. Atravessaram na direção do jardim. Ela quebrou o silêncio, que já era insuportável: "Você quer saber a verdade? apenas a verdade?". Lauro teve mêdo; balbuciou: "Fala!". Ela torce e destorce as mãos

— Eu pensei que gostasse mais de você... Mas sinto que me enganei e que...

O outro interrompeu, brutalmente:

— Diz coisa com coisa! Estás me escorraçando? Isto é um bilhete azul? Diz!

Aída mergulhou o rosto nas duas mãos e explodiu em soluços. Êle a contemplou sem pena, sem amor, o rosto contraído de ódio. Agarrou-a pelos dois braços: "Escuta!". Trincando os dentes, perguntou:

— Se era para me chutar, por que me fizeste mostrar a mão, a mão dos seis dedos, por quê? Mas quero que saibas: tu pagarás por isso. Pagarás por essa humilhação. E só!

Abandonou-a no jardim público e afastou-se, em passadas largas e firmes, sempre com a mão no bôlso.

Passou. Aída nunca mais viu Lauro, nem êle a ela. Uma vez por outra, porém, ela sonhava com a mão de seis dedos. Tempos depois, ela se enamora de um outro rapaz, o Cantuária. Houve um namôro de um ano, um noivado de sete meses; chegou, afinal, o dia do casamento. Às dez horas, uma coleguinha de Aída bate o telefone, em pânico; conta, que, na véspera, Lauro fôra encontrado morto, no seu quarto. Aída sai do telefone com o estômago contraído, numa náusea medonha. Dez ou quinze minutos depois, chega um mensageiro, com uma encomenda para a noiva. Ainda impressionada, a garôta desembrulha o presente; era uma caixa de sapato que, na sua normalíssima curiosidade, ela vai destampar. Súbito, começa a gritar. Todos acudiram. E viram o presente, que Aída atirara no chão: uma mão hedionda, de seis dedos ensangüentados. Quem a teria mandado, se um morto não pode amputar-se a si mesmo? Aída não se casou nem naquele dia, nem nunca mais.

parque de diversões

mister eco

pouco dinheiro e muitas viúvas

Nada menos que três senhoras viúvas estão na Justiça disputando os direitos autorais da marcha "Máscara Negra", tôdas elas dos irmãos Pereira Matos, que eram dois. Como pode ser? Um dos Pereira Matos, exagerado por certo, deixou duas viúvas... E as três, por intermédio dos seus advogados, já requereram, e obtiveram, a interdição do pagamento de qualquer provento auferido com a discutida composição até que tudo fique bem explicadinho.

Suponhamos, entretanto, que as três viúvas tenham ganho de causa. Com Zé Kéti, a "Máscara Negra" passaria a contar com quatro autores. A colgação SBACEM—SADEMBRA já fechou os seus mapas relativos à arrecadação do Carnaval dêste ano, e "Máscara Negra" figura em primeiro lugar, com NCr$ 19.430,00. Dessa importância, ainda serão deduzidos 25% para os editôres.

Como se pode observar, a cota do rateio — se houver entre os quatro protensos autores — não é dinheiro de transformar a "Máscara Negra" em Sociedade Protetora das Viúvas Desamparadas, também de fazer justiça a Zé Kéti, o único que se julgava realmente **vivo**. Muita coisa ainda poderá surgir dessa novela interminável, pois Zé Keti, certamente, não se irá conformar com uma parceria tão grande e tão anti-econômica. A não ser que o crioulo, mui malandramente já tenha deixado, na Caixa da SBACEM—SADEMBRA, um vale preventivo...

Mas, enquanto as viúvas brigam por dinheiro que não é dêsses tamanhos, um outro caso de autoria indevida sofre embargo na mesma coligação arrecadadora de direitos autorais. Trata-se de "Quem Somos Nós", composição carnavalesca lançada êste ano como sendo de Moreira da Silva e João Correia da Silva, cuja autoria pertenceria a Manuel Custódio e outro, que já provaram, na Justiça, tê-la editado em 1962.

A interdição judicial já foi decretada, mas, êsse caso não terá maior ressonância. Não há perigo. Ninguém ouviu "Quem Somos Nós, ninguém sabe o que seja, e na própria SBACEM—SADEMBRA é considerada composição de "vala comum", porque não renderá, praticamente, nada. Aliás, feitos os descontos de taxas e comissões, deverá sobrar da arrecadação de "Quem Somos Nós" uma cédula de cinco cruzeiros antigos, que já é dinheiro sem valor. (Amanhã, conto mais).

Nara Leão por Augusto Rodrigues

couvert

A TV-Record resolveu realizar o II Festival de Música Popular, cujas bases serão lançadas segunda-feira próxima. O Parque pode adiantar, entretanto, que a única modificação do regulamento do certame anterior é que, além das partituras e das letras, os compositores deverão também apresentar uma gravação em fita ou acetato. * Grande almôço no Chez Toi, têrça-feira última, em homenagem ao Sr. Jaime Custódio, Gerente do Banco Comercial de Minas Gerais que aniversariava. * Ministro Jarbas Passarinho jantando no Pot, lá em São Conrado. * O que é a Natureza: "Quero fazer cinema sério, papéis como o de Elizabeth Taylor em "Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?" onde a beleza é secundária". Quem assim falou foi Rossana Ghessa, ao chegar em São Paulo para participar do filme "Bebel, A Garôta Propaganda", e que, até ontem, era modesta **show-girl** de Carlos Machado. * Reparem, por favor, a novela "A Rainha Louca", e não digam que estou exagerando: o Indio Robledo tem mais barriga que Maria de Las Mercês depois que deu o "mau passo". * O embalado maestro Erlon Chaves estará ao lado de Eliana Pittman, no próximo **show** do Rui Bar Bossa. Motivo: o maestro agrada muito ao público feminino. * Hoje, o Largo do Boticário será pequeno para conter os convidados de Augustinho Rodrigues que vão ver e ouvir Nara Leão. Aquela cervejinha ao luar com sôpa da meia-noite. * filme "Terra em Transe" já foi vendido para a França, Bélgica, Inglaterra e Itália, e concorrerá aos Festivais de Pesaro (Itália) e Montreal (Canadá). * Numa reunião-almôço do Clube de Diretores Lojistas, para se debater os problemas do Turismo, o Secretário de Turismo, Sr. Carlos de Laet, não pôde comparecer porque a sua lancha enguiçou em Brocoió. Eu acho que é por essas e outras que o Turismo não funciona. * Nessa reunião, quem deu o grande foi o Sr. Abraham Medina. Domingo, eu explico. * O ex-Top Club, que vai ser Bier Krause, está para resolver se a nova casa deverá funcionar com as portas abertas ou não. O Sr. Elias Abifadel quer que assim seja, mas o decorador é contrário. * A propósito: aquêle abacaxi imenso e horrível, ao qual muitos debitaram a má sorte do Top Club, vai ser estourado a dinamite na Praça do Lido. Merecidamente, aliás. Muitas vêzes avisei: joguem aquêle abacaxi fora! E era o próprio. * Ficou para amanhã a excelente entrevista que Fernando Lôbo concedeu ao programa "Um Instante Maestro". Não percam. As múmias, principalmente. * Murilinho de Almeida devastando os arquivos do Parque de Diversões em busca de fotografias históricas. Vai aparecer em reportagem grande de um semanário. * Ellen de Lima renovou contrato com o Lisboa À Noite, sinal de que está agradando. * E no mais é que o Conde Demétrio Gracindo não sabe de nada. O verdadeiro elixir da longa vida é uma batida de água oxigenada com ipê roxo!

de ôlho na tevê

fernando lobo

um espetáculo maravilhoso

Sou diferente daquele meu amigo comum, que fica o dia à espera, — com quem sonha um peixe —, de um assunto bem ruim para encher suas páginas. E quase vício que meu amigo tem, senão um prazer doentio de descobrir o que há de mais caído neste mundo da arte, para escrever sorrindo, apontando os erros com lente forte e indo mais, lá dentro, na vida interna do profissional que fôr.

Escrevi com tom de esperança quando da estréia de "Oh! Que Delícia De Show" e isso me valeu um punhado de críticas, principalmente daquele meu amigo carrasco que não vê e não quer ver nenhuma melhoria no que é televisão pelas nossas bandas.

Hoje não me arrependo, pois assisti o programa de têrça última e quero crer que não estou sòzinho na opinião única de que foi um programa divertido. E divertir é sua intenção e, quem anda por aí querendo fazer isso, sabemos bem, que só tem sabido descambar para o terreno do imoral e do grosso.

Aquela apresentação é alegre, bem jogada, com ritmo de apresentação, com gente limpa, saudável, sem andrajos e sem tragédia nas cantigas. Não. E tudo bem e a timidez e o amadorismo de Ted Boy Marino fazem bom trapézio para a cancha de Célia Biar a feia mais bonita que a televisão nos dá. E mulher elegante, que sabe falar, que sabe olhar, que sabe dizer, que tem bom gôsto e que é artista.

E quem foi que não se esbaldou de riso seguro vendo o sizudo Jorge da Silva cantando em dueto com Ilka Soares? Êsses dois mostram bem que a televisão avança e exige, e nesse avanço e nessa exigência os dois marcharam deixando para traz os sizudos que se negam passar pó de arroz no rosto gritando masculinidade ou que não se sujeitam 'as apresentações novas, pois são sizudos locutores. Não é bem assim. A televisão precisa do nôvo, do inédito, do impacto para a ganancia do seu público. E isso têm conseguido os produtores daquele programa: Haroldo Costa, Cícero de Carvalho e Max Nunes.

Temo que surjam esquetes, sofro se aparecer nova entrevista com deputado, como aquele de nome Carvalho Neto que bem poderia ficar em casa com a sua lei contra o barulho e não deixar no ar a leitosa frase: *"lei como a minha"*. Meus parabéns a tôda a gente do último programa "Oh! Que Delícia de Show", mais que uma delícia, uma *maaaaaravilha...*"

pelos canais

Chico Buarque de Holanda chegou têrça-feira da Europa. Fêz sucesso dos grandes em Portugal onde, além da "Banda" também o seu "Pedro Pedreiro" é cantadíssimo. Chico à caminho de São Paulo, pois Paulinho de Carvalho tem planos novos de lançamento do grande compositor ao lado de Nara Leão. E por falar nela, hoje Nara receberá o retrato pintado por Augusto Rodrigues que a "Philips" lhe presenteará. Naquele momento Augusto estará recebendo gente amiga, numa conversa longa, com muita música, ali no Largo do Boticário. *** Ainda não tem data marcada a estréia de Moacir Franco que a esta altura está de pendenga com a Tv Tupi. A Tv. Rio o anuncia, no entanto, em todos os intervalos. *** A feira do Pavilhão de São Cristóvão foi prorrogada até o próximo dia 14, qando será realizada "Um Dia de Sonho Para Mamãe". Até hoje podem ser preenchidos os cupons de inscrição da "mamãe" para o seu dia de "sonho". A "mamãe" vencedora passará a noite de sábado num hotel de luxo (Excelsior) e acordará com um "galáxie" para servi-la. O costureiro José Ronaldo a vestirá e o maquilador e penteador Erik a preparará para passar o seu dia de sonho. Almoçará no Iate Clube do Rio, passeará à tarde, jantará no Panorama Palace Hotel. Depois seguirá para o Pavilhão de São Cristóvão, onde em sua homenagem haverá um grande "show" de encerramento da feira com Jerry Adriani, Miss Festival e outras atrações. *** Programada para hoje no "Dercy Comédia" uma aventura especial de nome: "A Viagem à Lua". E prá rir. ***

ponte aérea

Os americanos estão juntando num só *show* verdadeiros "cobras". Assim é que a CBS anuncia: Frank Sinatra, Barbara Streisand, Red Skelton, e Jack Lemon. *** São Paulo, pela voz de Válter Silva, está anunciando um espetáculo com artistas também do Rio, e na base da "homenagem" ou qualquer coisa neste sentido, a Antônio Carlos Jobim. A verdade é que Marconi, que é o seu empresário no Brasil, desconhece e não autorizou nenhuma apresentação usando o nome de Tom. Este parece ser mais uma repetição daquele "bluf" quando os convocados daqui não receberam o prometido. Ainda, há tempo para acertar as contas e limpar a barra, para que os espetáculos seguintes sejam levados a sério. *** Está certa a ida do Quarteto Tamba ao estrangeiro. Luisinho Eça seguirá com seu grupo, primeiramente para os EE. UU. onde gravarão na MGM.

Em seguida farão temporada no México. Isso nos primeiros dias de junho. E é chegada a hora de ficar:

de costas

Para a programação que aponta para as 13:20 o "Moacir Franco Show" na Tv Rio. Ainda não é nesse dia nem nessa hora que o artista será apresentado ali e o que vem naquele espaço, ninguém sabe, ninguem viu. E já que estamos vamos ficar às 20:00 também onde se anuncia Luta Livre no Canal 2. Quando tivermos programação certa e boa nestes horários podemos sugerir ficar:

de frente

Como às 19:50 que tem "Rio, Jovem Guarda". Há também um programa alegre e sem perigo na Tv Tupi: "Riso 40 Graus" onde Lady Hilda não nega a sua beleza. "Dercy Comédias" vem às 20:30, com a peça "Viagem à Lua", na Tv Globo. E para o fim de noite cai sempre bem um bom filme que tanto pode ser no "Cinema Excelsior" como na "Sessão das Dez" da Globo.

Derci, presente hoje numa comédia que promete ser engraçada: "Viagem à Lua", às 20h30m, na TV Globo

música popular

torquato neto

notas para sexta-feira

maria

Maria Betânia. Segunda-feira passada apresentou-se na Fina Flor do Samba, do Teatro Opinião. E repetiu o sucesso de suas apresentações anteriores, tendo sido aplaudidíssima pelo público que lotava o teatro. Betânia prepara atualmente um *show* para a boate Rui Barbosa, cuja estréia, a princípio, está acertada para a segunda quinzena de junho. Nesse *show*, a baiana vai lançar cêrca de dez músicas inéditas dos compositores Caetano Veloso, Gilberto Gil, José Carlos Capinan, Paulinho da Viola e Ferreira Gullar. Aliás, por ser muito bonita, vale anotar aqui parte de uma letra que Gullar fêz especialmente para Betânia. A música é de Caetano.

Onde andarás
nessa tarde vazia
....
enquanto o mar bate azul em
[Ipanema
em que bar
em que cinema
te esqueces de mim

Betânia fará esta semana o programa de Stanislau Ponte Preta, na Tv Tupi. E cantará as três mais recentes composições de Chico Buarque: "Quem Te Viu, Quem Te Vê" "Com Açúcar, Com Afeto" e "Estou Vendendo um Realejo".

casa grande

Já disse e repito: é o melhor lugar noturno desta cidade. Os preços são honestos, o uísque idem, o chope gelado. E o melhor, apresentar sempre uma boa atração, além do que é a única casa destas bandas onde as pessoas se reúnem para ouvir *Música Popular Brasileira*. Mais (para variar, não é Sérgio?), mando uma sugestãozinha: CODÓ. É justo e será bem feito convidá-lo para um fim de semana. Por quê não o próximo?

otelo

Peço perdão a Grande Otelo por um êrro que não foi meu. Têrça-feira última a revisão aqui do jornal falhou um pouco e um troço absurdo foi publicado: eu escrevi "êle contou suas tristezas, acusou-se". E saiu: "acusou-*me*". Não teria sido possível...

ataulfo

A coluna de Sérgio Bittencourt, têrça-feira passada, noticiou que o grande Ataulfo havia composto um samba refutando minhas críticas ao seu último elepê. Trata-se de uma colher-de-chá que eu não esperava nem mereço, mas que agradeço bastante comovido. Nunca pensei... Enfim, obrigado ao mestre!

chico

Chico chegou de viagem com uma novidade muito interessante: na França, a música brasileira é pràticamente desconhecida. Ninguém sabe de nada. E na Inglaterra só se conhece mesmo assim pouco: Astrud, João Gilberto e Sérgio Mendes: através de gravações feitas nos Estados Unidos.

Aliás, isso confirma o que Sérgio Pôrto escreveu sôbre o assunto em sua crítica ao LP de Tom Jobim e Sinatra...

inéditos

Compositores inéditos continuam escrevendo: querem saber o que deve ser feito para lançarem suas músicas. Já expliquei: procurem os departamentos de produção das gravadoras e cerquem os editôres. Se não, dirijam-se pessoalmente aos cantores de sua preferência e mostrem as músicas. Pode ser...

coronel de macambira

Infelizmente, uma total falta de tempo não me permitiu ainda assistir ao espetáculo inaugural do TUCA carioca. Soube que está bonito. Esta semana, se Deus quiser, vou lá. E informarei aos leitores. Aliás, cheguei a ouvir algumas das músicas que Sérgio Ricardo fêz para o "bumba" de Joaquim Cardoso e já adianto que estão excelentes. Como era de se esperar, em se tratando de um trabalho de Sérgio. Outro aliás: como é bonita aquela música de "Terra em Transe"! Pena que a marcha-rancho feita especialmente para o filme não tenha sido utilizada inteirinha por Gláuber. E linda!

"A praça é do povo
Como o céu é do condor
Já dizia o poeta dos escravos,
Lutador

Outro poeta dizia
Que até o sol se levanta
Quando na praça em festa
É o povo que canta."

E com isso, tão bonito, finalizo por hoje.

espetáculos

isabel câmara

teatro

sabiá 67

Cartaz do Teatro Copacabana, O *Sabiá 67* continua mostrando um conjunto harmonioso dirigido por Paulo Afonso Grisolli. Adaptação da peça de Gastão Tojeiro, *Onde Canta o Sabiá* êste Sabiá 67 é uma remontagem do espetáculo do ano passado, com músicas novas, elementos novos no elenco e algumas pequenas modificações cênicas. Peça leve e talvez uma das primeiras experiências no gênero, o JS já a recomendou — principalmente para quem quer levar um banho de humor e do melhor. De um texto romântico que por certo emocionou a juventude da época, Grisolli criou um espetáculo nôvo, mais vibrante, mais à gôsto da nossa própria juventude. Para isso prestou bem atenção aos Bitles e resolveu se basear numa frase de um dêles para erigir uma peça gostosíssima. Betty Faria e Maria Severo fazem parte do elenco.

roteiro

estréias

BRUNI-FLAMENGO, CORAL, FESTIVAL, CARUSO-COPACABANA, RIO, BRUNI-SAENZ PEÑA, BRUNI-MEIER, REGÊNCIA, MATILDE, SÃO PEDRO, SÃO BENTO (Niterói) — "Terra em Transe", de Gláuber Rocha. Um país imaginário, o Eldorado, sua luta política, seus homens vitoriosos e cruéis, em busca do poder. Com Jardel Filho, José Lewgoy, Paulo Autran, Danusa Leão, Glauce Rocha e outros. (14 — 16 — 18 — 20 e 22 hs. Cens. 18 anos).
ODEON — "Cortina Rasgada", de Alfred Hitchcock, vai tentar mais um suspense, desta vez com um cientista norte-americano procurando se infiltrar na Cortina de Ferro para cumprir certa missão. Com Paul Newman, Julie Andrews e outros. (14 — 16 — 18 — 20 e 22 horas. Censura 18 anos. A partir de quinta-feira).
MIRAMAR, CAPITÓLIO, RIAN, CARIOCA — "Aquêle que deve morrer", — de Jules Dassin, baseado numa novela de Nikos Kazantzakis. Fatos ocorridos numa aldeia grega ocupada pelos turcos durante a 1ª Guerra Mundial. Com Melina Mercouri, Pierre Vernek, Jean Servais e outros. (A partir de quinta-feira). Impróprio até 18 anos — 14 — 16,30 — 19 — 21,30.
RIVIERA — "O Expresso Von RYAN", — de Mark Robson. Drama de guerra com Frank Sinatra, Trevor Howard, Rafaella Carra e outros. Impróprio até 18 anos. 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
ALASKA — "O segrêdo da porta fechada", — de Fritz Lang, policial de suspense com Michael Redgrave, Joan Bennet. Impróprio até 14 anos. — 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
VITÓRIA, AMÉRICA, ROXY, LEBLON — "Um jogador romântico", — de Jack Smight com Warren Beatty, Susannah York, Clive Revill e outros. Um jogador profissional consegue alterar as placas de impressão dos baralhos e provoca imensas confusões. — (14 — 16 — 18 — 20 — 22, a partir de quinta-feira).
ART-PALÁCIO COPACABANA, ART-PALÁCIO TIJUCA, ART-PALALIO MEIER — MARROCOS, RIO BRANCO, BRUNI-BOTAFOGO, BRUNI-PIEDADE, PARAÍSO — "A enseada dos desejos", de Max Pecas — Um crime e uma história de amor entre o criminoso e a prima da sua amante que chega de repente. A velha história de duas mulheres querendo o mesmo homem. Com Jean Valmont, Sophie Hardy, Fabienne Dali. Impróprio até 21 anos. — 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
SCALA — "Mulher de muitos amores", — de Luigi Comencini. Silvana e seus três amores, o Conde Adriano Silveri, Arturo Santini e Juanito Moraldi. Com Enrico Maria Salerno, Marc Michel, Catherine Spaak. Impróprio até 16 anos. — 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
PLAZA, OLINDA, MASCOTE, PARIS-PALACE, RIO-PALACE, ALFA — "O filho de César e Cleópatra", — com Scilla Gaber, Mark Damon, Arnold Foa. Está claro que as aventuras de um moço tão bem nascido serão de estarrecer. Impróprio até 10 anos. —14 — 16 — 18 — 20 — 22.
PAISSANDU — "Um Italiano em Varsóvia" — de Stanislaw Lenartowcz. As aventuras de um italiano em Varsóvia, durante a ocupação nazista que não sabia um só palavra de polonês. Com o excelente ator (falecido no ano passado) Zbigniew Cibulska, Antônio Cifariello e Elzbieta Czczwska. Impróprio até 10 anos. — 16 — 18 — 20 — 20.
RICAMAR, METRO TIJUCA, PATHÉ, PAX, AZTECA, MAUÁ E PARATODOS — "O espião de chapéu verde", — de Joseph Sargent. Novas aventuras de Napoleão Solo, o agente da U.N.C.L.E. Com Robert Vaughn, David McCallum, Leo G. Carrol e outros. Impr0prio até 13 anos. — 14 — 16 — 18 — 20 — 2.

coelhinho

Hoje é dia do nosso coelho bater palmas para o Chico Buarque que voltou de Europas outras, que voltou, ora viva, porque se a moda de ir e ficar, pega, daqui um pouco música brasileira vira mesmo assovio de carioca morto de nostalgia. Faz bem ir e mostrar àquela gente d'outros mares, que aqui se canta e bem — mas como é bom saber que êles voltam sem reclamar. Quando Chico viajou houve uma certa solidão dentro da gente. Chico Buarque voltou e todo mundo respirou aliviado.

continuações — reapresentações

VENEZA — "Um homem e uma mulher". — de Claude Lelouch. Um filme excelente que merece ser visto e que recomendamos. História de um encontro contado com sensibilidade. Com Anouk Aimée, Jean Louis Trintignant. Impróprio até 18 anos. — 16 — 18 — 20 — 22.
SÃO LUIZ, SANTA ALICE — "Quem tem mêdo de Virginia Woolf?", de Mike Nichols Albee no cinema, interpretado por Elizabeth Taylor e Richard Burton. E mais George Segal e Sandy Dennis. Impróprio até 18 anos. — 14.40 — 16.50 — 19.10 — 21.30.
OPERA — "Judith", — de Daniel Mann. Uma judia deve capturar um nazista que é seu próprio marido. Com Sophia Loren e Peter Finch. A história é do escritor inglês — Laurence Durrel. Impróprio até 10 anos — 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
ALVORADA. — "O Silêncio". — de Ingmar Bergman. Um dos filmes mais discutidos do grande cineasta sueco, agora exibido sem cortes Com Ingrid Thulin, Gunnel Lindblon e outros. Impróprio até 18 anos. 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
VITÓRIA, ROXY, MADRID — "Dois contra o Oeste". — Michel Gordon. Uma sátira ao velho oeste com Dean Martin, Alain Delon, Rosemary Forsyth. Censura livre. 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
AMÉRICA, COPACABANA, LEBLON, REX — "Por um milhão de dólares". — com Vitório Gasmann e Jean Collins. Impróprio até 10 anos. — 14 — 16 — 18 — 20 — 22.
CAPITÓLIO, RIAN, MIRAMAR, CARIOCA — "Três em um sofá". — Jerry Lewis, contando as peripécias do noivo de uma psicanalista que resolve ajudá-la a curar três pacientes. Com J. L. e Janet Gaynor Censura livre. — 13.20 — 15.20 — 17.40 — 19.50 — 22.
IMPÉRIO, TIJUCA — "A epidemia dos Zumbis". — como se nota é um filme de terror que não se contenta com um morto-vivo, mas um canteiro dêles. Com Anne Dinne Clare e André Morrel. Impróprio até 18 anos. — 14 — 16 — 18 — 20 — 22. No Tijuca — 15 — 17 — 19 — 21.
PALÁCIO — "A Bíblia", — de John Huston. Episódios do Velho Testamento com Michael Parks, Ulla Bergryd, Ava Gardner, Peter O'Tolle, Huston e vários outros. Impróprio até 10 anos. — 14.40 — 17.50 — 21.
CASCADURA, LEOPOLDINA, PAZ — "Gol", (hoje) longa metragem sôbre a Copa do Mundo. A partir de amanhã — "Crepúsculo das Águias" — no domingo — "Três em um sofá".
FLORIDA, IMPERATOR, SANTA ROSA, CAXIAS, SÃO JOÃO DO MERITI — "O implacável colt de Ringo" — western europeu para quem gosta do gênero.
JUSSARA — "Venus Imperial". — com Gina Lollobrigida. (dia 11 a 14) — "Carne para Abutre", com Stewart Granger.

maria betânia de canto e alma

isabel câmara

— Eu sou uma cantora, sabe, e eu acho que não sei dizer outra coisa de mim. Sou uma cantora, sou uma cantora e eu gostaria que todo mundo soubesse disso, porque é importante. Tem gente que faz poesia para viver, escreve livros para viver, música para viver — eu canto. É o que eu sei fazer, é o que eu tenho de mim para mostrar que estou viva e, porque estou viva, que eu amo, que existo. Na minha alegria, na minha fossa, não tem a menor importância. Quando eu canto eu sou sou sempre o melhor de mim, o maior de mim.

Maria Betânia é um caso sério sim. Não porque já tenha atrás de si uma carreira de muitos anos ou coisa que o valha. Mas da mesma forma que é impossível deixar de participar de um espetáculo seu, quando sua voz invade os ouvidos da gente, nos levando a participar com ela da música que canta e da música que ela, Betânia, é, uma conversa com esta môça de vinte anos fascina pelo despojamento, pela sinceridade, pela coragem. Como Chico Buarque de Holanda fascina pela música que faz e pela sua singeleza, tão em harmonia com aquilo que compõe, Betânia tem aquela vibração, a mesma, que chega até nós quando ela interpreta.

— Bem, morei em Santo Amaro, na Bahia, nasci lá. Desde pequena fui muito amiga do meu irmão Caetano. Desde criança Caetano costumava "inventar" música e seu jeito me fascinava. Quando mudamos para Salvador eu tinha 12 para 13 anos e Caetano já não "inventava" música, mas compunha. Lá em casa éramos oito irmãos e todos adoravam Noel e Araci de Almeida. De manhã a noite ouvíamos, tocávamos, vibrávamos com Noel.

— Um dia Caetano começou a namorar uma môça chamada Hercília que era muito bonita. Eu olhava meu irmão e me orgulhava dêle e achava sua namorada muito bonita, mas para mim ainda faltava nela uma coisa importante — ser artista. Se ela fôsse artista como Caetano seria bacaníssimo. Acho que foi nesta época que eu descobri que as pessoas não podiam ser só bonitas, era preciso que elas tivessem aquela chama. Não era preciso cantar só, não, era preciso que a beleza viesse também lá de dentro. Eu me achava a mais insignificante das criaturas porque não sabia fazer nada e cantar que era bom (sabe, naquela época nós fazíamos serenata, muita serenata lá em Salvador, juntávamos umas dez pessoas, Caetano tocava violão e o grupo cantava) eu achava impossível para mim, pois tinha uma voz rouca demais.

— Quer dizer que nas serenatas você ficava de fora?

— Mais ou menos. Eu tinha vergonha de cantar, como tinha vergonha de muita coisa. Era de uma inibição terrível. Mas aí, um dia, não sei porque, quando íamos para casa de Hercília, Caetano, uma amiga nossa e eu, resolvi perguntar se êles já tinham ouvido uma música que a Maísa cantava e que era assim — "você passa por mim e não olha...". Foi a primeira vez que alguma nota saia assim, naturalmente. Os dois me olharam assustados e me obrigaram a cantar a música até o fim e foi aí que tudo começou.

— Quando é que você cantou pela primeira vez?

— Caetano tinha sido convidado para fazer a música de um filme, um curta metragem de Álvaro Guimarães, que também está no Rio agora, dirigindo teatro, chamado "Moleque de Rua". Caetano chegou em casa vibrando e eu também fiquei no maior contentamento. Mas aí eu gelei quando Caetano, muito mandão, avisou que só faria a música se eu a cantasse. Imagine só que loucura. Está claro que eu fiquei na maior felicidade da minha vida mas o mêdo também não era pequeno. Bem, resumindo, uma dia fomos gravar em casa de Mário Cravo. Olha aí, eu que vivia imaginando coisas sôbre ser artista, que tinha a maior admiração pelos artistas, um dia entrei pela casa de Mário Cravo. Fascinada por tudo, mas fascinada mesmo. Gravar a música em casa do Mário era demais.

Afinal gravamos naqueles aparelhos maravilhosos dêle. Eu estava eufórica. Não, não me lembro mais como era a música...

— Mas o mais engraçado nisso tudo é que eu não tinha ainda a menor confiança em mim. No fundo eu tinha a maior vontade de ser artista de teatro, achava maravilhoso ser artista de teatro. **Um dia o Alvaro Guimarães avisou que ia montar "Bôca de Ouro", de Nélson Rodrigues e disse que ia precisar de mim.** Pensei que ia me oferecer um papel como atriz. Perdi o sono, morria de satisfação. Mas não era como atriz que êle me queria, mas como cantora. Eu devia cantar um samba de Ataulfo Alves "quero morrer, numa batucada de samba..." você conhece.

— Mas na frente do público?

— Não, eu cantava nos bastidores, mas logo na primeira noite parece que **o pessoal gostou e quando eu acabava de cantar o teatro inteiro batia palmas antes da cortina abrir e começar a peça.** Bem, eu não preciso dizer que comecei a ter confiança em mim. Puxa, fiquei na maior emoção. Daí então, em Salvador, todo mundo começou a falar da voz de Betânia e eu a querer aprender mais e mais para não decepcionar o pessoal.

— Um dia resolvemos montar um show que se chamava — "Velha Bossa, Nova Bossa Velha" — Caetano, Gilberto Gil, Gal Costa e eu. O problema era saber quem ia começar a cantar, quem ia ter a coragem de enfrentar o público de cara. O mêdo da gente era fogo. Eu me aventurei. "Sabem de uma coisa, quem começa sou eu". E comecei mesmo. Abria a cortina e eu soltava, com esta voz rouca de sempre — "tu verás que eu ainda sou, o que mais deseja te ajudar...". Resultado, deu certo, o pessoal criou coragem, eu também, e fizemos o show que foi um dos primeiros sucessos do grupo na Bahia. Caetano foi quem dirigiu e me deu a liberdade de fazer o que bem entendia em cena. Cantar como quisesse.

— E como é que você chegou ao Rio?

— Nessa época Nara Leão estêve em Salvador e viu o nosso show. Depois do espetáculo me procurou e disse que eu era a pessoa que iria substituí-la no Opinião. Foi assim que eu vim, foi assim que eu fui ficando por aqui.

— Ótimo Betânia, agora quer falar um pouco de você... sei lá, sua infância, o que você quiser.

— Infância. Todo mundo tem mania de perguntar sôbre isso. Sabe de uma coisa, acho que infância não cabe numa reportagem. Se a minha foi triste ou alegre só eu posso saber. Para outros ela poderia ter sido alegre, para mim não foi tanto assim. Só posso dizer uma coisa — eu sempre tive uma coisa dentro de mim, essa mesma coisa que acontece quando eu canto — fé sabe, muita fé. É esquisito isso — mas dá uma fôrça na gente para não mentir, para não disfarçar, dá coragem para se dizer tudo, e no meu caso cantar tudo. Eu seria capaz de cantar numa casa vazia. Cantar para uma casa sem público com a mesma alegria com que canto para um auditório inteiro. Não é só o aplauso que dá alegria prá gente, é a gente mesma. Se eu continuo sendo capaz de cantar para uma casa vazia, quando canto para uma casa cheia eu tenho mais o que dizer. Não sei se você entende. É uma solidão que faz bem, que é capaz de criar na gente um amor pelos outros quando êles nos ouvem.

— E os planos de agora?

— Bem, vou fazer um show de boate daqui a algum tempo e por isso pedi a todos os meus amigos compositores que fizessem músicas para que eu cantasse. Torquato Neto, Paulinho da Viola, Caetano, Capinam, Ferreira Gullar, Gilberto Gil, todos êsses estão convocados. Agora eu quero cantar músicas que falam do cotidiano da gente, das coisas que a gente ama, sofre, vê, perde, ganha. Dêsse cotidiano que às vêzes parece tirar tudo da gente mas que pode muito bem dar novas coisas de volta. Eu sou uma pessoa alegre, mas muito alegre. Eu gostaria às vêzes de poder voar de alegria e quando isso acontece parece que estou em todos os lugares ao mesmo tempo. Ultimamente eu pensei que tivesse perdido a minha alegria — não perdi não. Quando pedi aos meus amigos para escreverem músicas para mim que falassem do cotidiano era uma espécie de jeito meu de procurar de volta, ter de volta a minha alegria. **Quando a gente fica na fossa pensa que não tem mais capacidade de ficar alegre. Eu andei meio cansada, agora estou voltando. Sem minha alegria eu não seria capaz de me reconhecer.** Acho que ser alegre ainda é não ter perido aquela fé que eu falei da minha infância.

FOTOGRAFIA: SÉRGIO GOMES

última caçada de mané foi morte do amor de 20 anos

(II)

josé castelo

D. Nair, amargurando-se por ter que recordar as apreensões por ela vivida naquela noite, temendo algum desastre com Garrincha na escuridão das estradas e admitindo que aquela viagem, alta madrugada, poderia acentuar a amizade já conhecida e explorada de Garrincha e Elza, não conciliou o sono, esperando Garrincha chegar como havia prometido.

— Não dormi nessa noite, na seguinte e na terceira, porque o Manuel não apareceu. Primeiro, pensei que pudesse ter acontecido um desastre, já que êle saiu daqui reclamando cansaço e sono. No segundo dia eu me tranqüilizei com o noticiário dos jornais dando conta de haver o Manuel treinado no Botafogo.

— Eu estava grávida de dois meses de minha garôta mais nova, a Cíntia Maria e tive que me medicar para suportar a acentuação dos enjôos provocados pela preocupação com o Manuel e com as crianças.

o homem diferente

— Tomei até um susto e, entre alegre, por vê-lo de volta à casa, e assustada pelo homem diferente que via em minha frente, o abordei:

— Bonito, hein, Manuel, três dias e três noites fora de casa, sem dar notícias, os meninos a perguntarem por você e eu a mandar telefonar para o Botafogo que também não sabia onde você andava.

— Não foi nada não, Nair. Estava muito escuro naquela noite e acabei errando a estrada, fui parar em Araruama, o carro enguiçou.

— A senhora falou que ficou assustada em ver Garrincha voltar como "um homem diferente". Diferente em que e por que, D. Nair?

— Os olhos dêle, arregalados e parados, mortos, mesmo. A sua barba sem fazer e o cabelo grande e muito mal tratado. Arrastando os chinelos e vestindo bermuda, o Manuel me deixava com mêdo, pois nunca o vira assim, tão esquisito, tão fora dêle mesmo. Era de manhã, êle foi para o quarto e passou o dia em casa, sem sair além da varanda.

o homem transformado

O dia passado por Garrincha em sua casa foi um dia melancólico. Seu pensamento, seus sentidos só se identificavam com alguma coisa, alguma imagem que lhe estava ausente. No dia seguinte, já começando a noite, Mané partiu para a cidade.

— Êle saiu lá para as cinco horas — lembra D. Nair — e beijou as crianças antes de entrar no carro, prometendo que de tarde voltaria. No carro o acompanhou o seu amigo Tovar, que trabalhava na Fábrica. 15 dias depois êle apareceu. Não agüentei ficar calada e, pela primeira vez falei sèriamente com êle em têrmos de conselho, já sentindo a realidade do homem que se deixava levar auto-sugestionado por um outro mundo.

— Manuel, cuidado, Manuel. Você está andando com essa mulher, você sabe que ela já deixou um homem a pão e água, arruinou a vida dêle e você não larga dela?

— Eu estava esquentando a janta para êle e falava chorando. A gravidez me deixava nervosa, medrosa e desesperada ante os acontecimentos, a solidão e a insegurança.

— O Manuel estava na sala, para onde fui, levando a comida. Êle se mantivera calado enquanto eu falava, lá do fogão. Na sala, voltei ao meu monólogo que acabou provocando a reação dêle.

— Você ficar 15 dias fora de casa, com o Tovar que está ameaçado de perder o emprêgo na Fábrica, a família dêle doida, à sua procura. Todo mundo aqui já sabe onde você estava, pois o Tovar falou aí para os companheiros dêle que a farra lá embaixo está muito boa, tem mulheres para todo mundo e você passou êsses dias todos metido com aquela artista que, para mim, não é mais artista e sim uma mulher amaziada com você.

— Escute bem o que vou te falar, Nair; eu nunca te ameacei bater, mas agora, eu vou jurar que te darei um tapa na cara se o Tovar chegar aqui e desmentir, tudo, na tua frente. Deixe a comida aí que eu vou chamar o Tovar.

D. Nair confessa que sentiu as suas pernas tremerem; confessa que ficou com vergonha das crianças que não entendiam a ferocidade de um pai que sempre fôra incapaz de maltratar a mais grosseira das pessoas.

— Êle saiu à procura do Tovar, enquanto a comida esfriava sôbre à mesa.

— Bem, Nair, aqui está o Tovar. No caminho eu já falei com êle sôbre o que ouvi de ti.

— É tudo mentira, D. Nair; eu não falei nada com ninguém, nunca vi o Garrincha com ninguém e nem estive com êle em farra nenhuma.

D. Nair esperou pelo tapa prometido, esperou e o reclamou, num desafio de cerçado pela sua convicção de que o desmentido era a mentira maior.

— Muito bem, Manuel; êle negou tudo e, agora, está aqui a minha cara, pode bater.

Garrincha tinha a vista baixa e a levantou, nesse momento, pela última vez de encontro ao rosto de D. Nair.

— Quando ofereci o meu rosto para que êle cumprisse a ameaça, a sua reação foi baixar a vista após me olhar. Desde êsse dia, nunca mais o Manuel me olhou, com vergonha do vexame. Êle não me olha de jeito nenhum; vem aqui, às vêzes, beija as crianças mas não dá uma só palavra comigo e muito menos me olha.

a fuga no carnaval

O drama chegava ao seu ápice. D. Nair não mais desconhecia a existência da "outra". O escândalo já era nacional, a casa da Urca onde morava Elza Soares, era assediada dia e noite pelos fotógrafos. Os jornais estampavam fotografias de Garrincha nos jardins do palacete da Urca, as entrevistas se sucediam, com pronunciamentos indefinidos de Garrincha e Elza e outros esperançosos de D. Nair.

— Foi numa sexta-feira, véspera de carnaval. O Manuel chegou de tarde, em casa. Aparentemente alegre, descontraído, conversador. Aí, êle já não mais me olhava e muito menos dormia em casa.

— Vou passar o carnaval no mato, pois agora eu tenho verdadeiro pavor de carnaval e nem quero saber disso. A morte da minha irmã, no ano passado me deixou apavorado. Ela caiu do caminhão e morreu quando ia para um baile.

— Dito isso para as crianças, o Manuel foi arrumando as coisas para ficar o carnaval no mato, caçando, dia e noite. Eu o vi arrumar sapatos, meias e até paletó, mas, embora estranhando que para ficar no mato não precisasse de tantos requintes de apresentação, me conservei calada e procurando não especular sôbre o que êle estava arrumando, mesmo porque a situação já não mais comportava diálogos entre eu e êle. As crianças é que iam dando o que êle pedia e procurava.

— Quando foi noitinha, êle saiu, dizendo que ia para o mato. Levou alguns apetrechos de caça e pesca. Foi a caçada mais longa de que ouvi falar, pois naquele dia, naquela sexta-feira, o Manuel estava era mesmo se mudando, largando a família para se entregar de uma vez por tôdas à sujeita. Até hoje êle está caçando e talvez continue assim por muito tempo e sem encontrar a prêsa cobiçada. Acho que êle já está dando com os burros nágua.

— Cansei de falar com êle sôbre o risco em que estava caindo. Não me ouviu e, segundo me dizem, ouço falar, e também sei, porque já lá vão três meses que não o vejo, não recebo a pensão de NCr$ 200,00 para os meninos, êle está começando a se apertar.

— É verdade que êle vai para os Estados Unidos? — perguntou curioso, D. Nair.

— Fala-se nisso, D. Nair, mas não podemos assegurar nada.

— Pois é, aqui êle não diz nada; para a gente, para os meninos, nem notícia nem dinheiro. Dia 21 êle apareceu aqui dirigindo um carro vermelho, bonito, parecendo americano. Eu estava no tanque, lavando roupa quando ouvi barulho de carro. Estiquei a cabeça, o vi e gritei para as meninas.

— O pai de vocês está aí. — Chamei a Juraciara e lhe entreguei um papel do Impôsto Territorial que me mandaram cobrar.

— Mostre êste papel para o seu pai e diga que a mamãe precisa pagar o impôsto e não temos dinheiro. Mas a garôta, naquela afobação para entrar no carro do pai, não ouviu direito e falou que era papel do Impôsto de Renda.

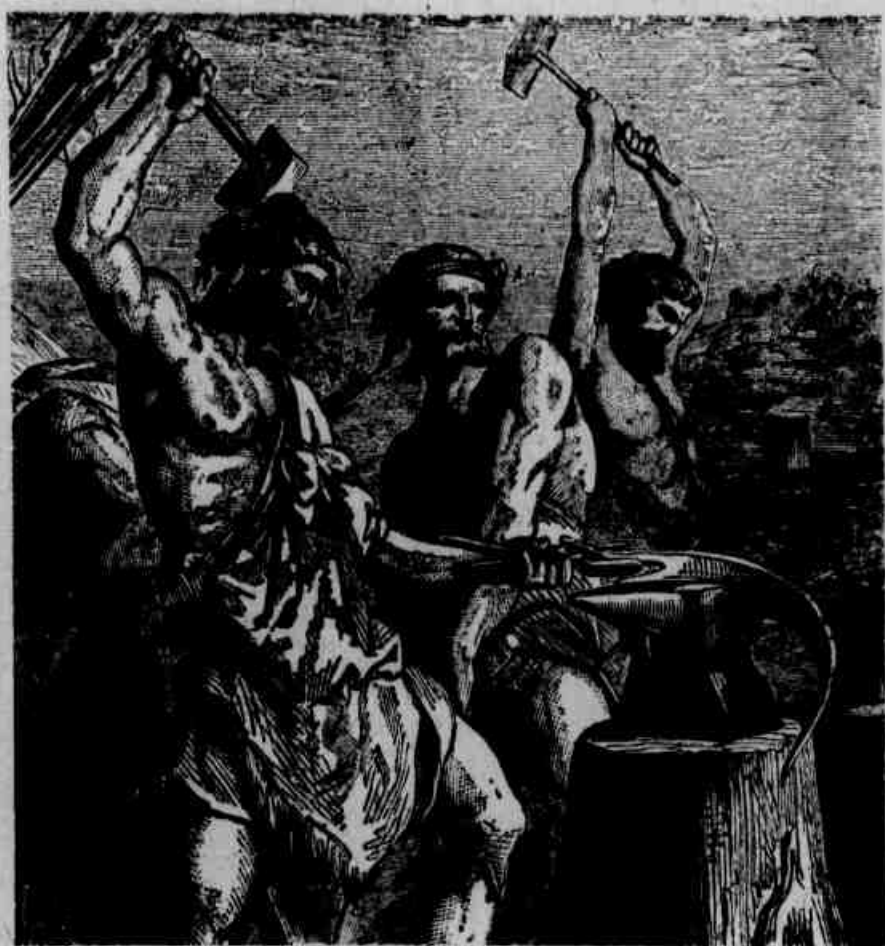
— Veja o senhor, o contraste criado pela inocência de uma criança. A gente sem ter renda, sem ter comida e com papel de Impôsto de Renda.

— O que disse o Garrincha? ficou com o papel?

— Nada disse; respondeu para a garôta e sem ao menos ler o que estava escrito respondeu alto que eu, lá do tanque, ouvi o que êle disse.

— Mande ela se virar para pagar.

— Jogou as crianças no carro, levou ao bar, tomou a sua cachaça, deu chocolate para as meninas, quebrou o carro e foi embora. Nós aqui ficamos, as meninas com gôsto de chocolate na bôca mas todos na miséria.

CULTURA JS

Aprendizagem

Macaco desenha como criança

A notícia de que uma galeria de arte de Londres estava realizando uma exposição de pinturas de chipanzes foi acolhida no resto do mundo com divertido ceticismo. Os chipanzes faziam pintura abstrata, o que veio servir de lenha à fogueira dos que se insurgem contra o abstracionismo. No entanto, o estudo das formas de expressão dos macacos superiores (chipanzés, gorilas) é uma tentativa de abordagem biológica do fenômeno artístico. A arte vem sendo estudada através do exame de suas origens no tempo. Chegou-se à conclusão que a chamada arte "primitiva", dos povos pre-históricos e das comunidades atuais que vivem em condições neolíticas, nada tem de simples: é uma manifestação altamente elaborada. Só os rabiscos da criança e do chipanze têm oferecido o grau de simplicidade que permite considerá-las a manifestação primeira do impulso criador.

Os primeiros estudos com grafismo de macacos foram feitos na Rússia, em 1913, pela Dra. Nadie Kohts, que estabeleceu uma comparação entre os antropóides e as crianças. Tanto no caso da criança quanto no do macaco, ela verificou a existência de dois estágios. No primeiro, o do rabisco desordenado, criança e chipanzé faziam desenhos idênticos. No segundo verificara um progresso marcado — mas o chipanzé, embora tivesse adquirido maior contrôle visual, com intersecções propositadas em ângulo reto, não alcançou o desenvolvimento da criança, que já era capaz de reproduzir imagens humanas.

No livro "The Biology or Art", o Curador de Mamíferos do Zoologico de Londres, Desmond Morris, relata experiências levadas a efeito por êle no laboratório do Zoo com desenhos de antropóides.

O primeiro a ser testado foi o chipanzé macho Congo, que desde o primeiro momento em que percebeu o traço feito pelo lápis no papel, se interessou profundamente pela atividade que lhe era proposta. O primeiro desenho de Congo já se ordenava num padrão rítmico em tôrno de uma mancha pré-existente de tinta no papel. Mais tarde, outras experiências nos Estados Unidos, com as chipanzés Betsy, Chistine e Dr. Tom, indicavam semelhanças curiosas com o trabalho de Congo. No entanto, os macacos revelavam distinções pessoais — uns preferiam desenhos circulares, outros faziam de hábito traçados em leque e ainda uma preferia nitidamente a técnica de pintar com os dedos ou "finger-painting". Os desenhos foram levados, sem que se disesse que haviam sido realizados por macacos, a um grupo de psicólogos infantis em Baltimore, nos Estados Unidos. Os psicólogos, após estudá-los, afirmaram que os desenhos do chipanzé chamado Dr. Tom eram os de um menino muito agressivo de sete ou oito anos, com tendências paranóides. Os da fêmea Beth foram interpretados como sendo os de uma menina de dez anos, de tipo esquizóide e excessivamente belicosa. Ainda um terceiro desenho foi indicado como sendo de uma criança de dez anos com forte fixação paterna. O moral da história, segundo o Dr. Morris, não deve ser que os psicólogos não entendiam de psicologia infantil, mas sim que os desenhos dos chipanzés são exatamente iguais aos de uma criança com as características descritas. (Os macacos testados eram "estrêlas" de televisão, donde a agressividade e outras tendências aberrantes de sua personalidade).

Todos os macacos testados — e alguns eram macacos de laboratório, isto é, habituados a sofrerem experiências regulares e rotineiras, mentalmente treinados para reagirem a estímulos determinados — dedicavam-se com o maior afã ao desenho. Concentravam-se intensamente e permaneciam durante longos períodos de tempo (para um macaco), absorvidos na tarefa. Alguns reagiam violentamente, mordendo e dando ataques de raiva, quando eram interrompidos no meio de um desenho. Num teste com seis chipanzés, Morris descreve o comportamento dos "internos" de uma colônia de chipanzés durante uma experiência com desenhos. "Tirei seis chipanzés da jaula. Como nenhum dêles jamais tivesse experimentado desenhar, imaginei que fôsse ser necessário mostrar o que teriam de fazer. Com os primeiros três, aconteceu como com Congo — dei-lhes o lápis, mostrei o traço e após o primeiro traço êles continuaram sòzinhos. Mas para minha surprêsa, a quarta, Fifi, logo que saiu da jaula, retirou-me o lápis da mão e começou a desenhar. Como Fifi era líder do grupo, imaginei que se tratasse de efeito de imitação, para não ficar atrás. Mas a quinta, a mais tímida de tôdas as habitantes da Cova dos Chipanzés, repetiu o feito de Fifi — não me tirou o lápis da mão, mas começou imediatamente a desenhar.

E, absorvido como estava no trabalho dos seis, não reparei o silêncio que se fizera na sala. Meus ajudantes é que me chamaram a atenção para o fato de que todos os demais chipanzés, de dentro da jaula, observavam intensamente os desenhos dos outros, no mais absoluto silêncio". Assim, a reação gráfica tem para os chipanzés o mesmo sentido que para o homem. Morris conta casos em que os chipanzés preferiram continuar desenhando a comer. Para êle, há certas atividades que os chipanzés executam pelo simples interêsse da atividade. De vez que seus problemas de sobrevivência estão sob contrôle, há nêles uma certa energia em excesso que precisa encontrar saída. Êsses casos ocorrem em animais jovens, ainda guardados pelos pais ou em animais domésticos e cativos. Há uma atividade psico-motora de caráter lúdico nesses animais que não se encontra naqueles que resolvem o problema da sobrevivência através de uma atitude passiva, vigiadora, escondida, como as cobras, por exemplo.

Mas se os macacos dispõem dessa energia lúdica e se têm êsse interêsse potencial pelo desenho, por que não se dedicaram a êle em estado de natureza, como o homem? Por que aguardar o estímulo humano?

Morris acredita que não o tenham feito devido à sua reduzida necessidade de formas mais avançadas de comunicação. Os macacos viviam em bandos e eram coletores de frutas numa floresta abundante.

Os homens, caçadores recentes, mais por adaptação do que por especialização natural, sem modificações orgânicas como dentes ou garras capazes de ajudá-los, tinha na caça uma tarefa árdua. Foi necessário criar o grupo e produzir armas para a defesa; uma vez tornados eficientes êsses meios de sobrevivência, sobrou energia para utilizar as realizações no campo da comunicação no sentido da representação pictórica: a arte pré-histórica, da Ásia à Austrália e à América versa sempre sôbre o tema homem-caça-arma e tem, como se sabe, um caráter utilitário: de magia propiciatória.

Os antropóides não tiveram necessidade de desenvolver os seus talentos artísticos; mas se lhes forem dados os necessários materiais e meios, responderão à necessidade de criação estética de forma semelhante à do homem.

Para Desmond Morris, êsse impulso de criação estética que se encontra no antropóide e no homem segue seis princípios de origem biológica: 1 — o princípio de ativação auto-satisfatória; 2 — o princípio de contrôle de composição; 3 — o princípio de diferenciação caligráfica; 4 — o princípio de variação temática; 5 — o princípio de heterogeneidade; 6 — o princípio da imagem universal. Assim de Leonardo da Vinci ao Chipanzé Congo, todo impulso gráfico se fundaria na constituição biológica.

Astrofísica

Enquanto a Lua não é nossa

O Surveyor 3 continua seu trabalho no solo lunar — escavando, tirando fotografia, televisando, enfim, agindo como um aluno bem comportado que passou nos testes de Flash Gordon. O Surveyor pousou no solo da lua suavemente — isto é — de modo suficientemente suave para nem se espatifar nem se afundar numa provável lava que os cientistas acreditam ter formado as planícies e os sulcos do Oceano das Tempestades, local de alunissagem do aparelho inteligentíssimo.

Agora, o professor Harold Urey levantou a hipótese de que se o Surveyor tivesse chegado há quatro bilhões de anos atrás na lua, teria, pròvàvelmente espalhado barro por todos os lados, acreditando mesmo que tôdas as reentrâncias, depressões e planícies observadas em nosso satélite foram formadas por água e não por esta suposta lava.

Para Urey, as planícies escuras se assemelham muito ao fundo dos oceanos e lagos primitivos e secos. Para êle, o material enviado pelo Surveyor 3 e observações fotográficas indicam cada vez mais a existência de uma antiquíssima lama, resquício de formações oceânicas. Esta água, diz o cientista, seria proveniente do nosso planêta. Ora, conforme uma das várias teorias sôbre a origem do solo lunar, existe esta de que a lua teria sido uma parte da própria Terra que se desagregou. Nessa desagregação teria levado consigo uma boa parte da água terrestre. Mas pode acontecer também, segundo ainda o professor Urey, que a lua seja proveniente de qualquer outro sistema: uma espécie de aventureiro que chegou perto demais da Terra e acabou por se prender à gravidade do nosso planêta. Por causa desta proximidade pode muito bem ter acontecido que o satélite atraísse não só água como também materiais sólidos durante fenômenos de cataclismas causados por essa aproximação excessiva.

Ora, captada esta quantidade de elemento líquido terrestre, êste não poderia durar muito tempo no solo lunar, devido principalmente à alta temperatura lá registrada e que, segundo o próprio Surveyor 3 varia de 150 F a 250 F. E sendo também a gravidade lunar muito fraca, esta água teria se evaporado muito ràpidamente, escapando pelo espaço e levando consigo sua atmosfera primitiva. Urey acredita mesmo que esta água teria se evaporado com tamanha rapidez que não teve tempo de formar crateras suficientemente profundas para contê-la — como aconteceu na Terra. Hoje em dia, se existe alguma água na lua ela está provàvelmente transformada em gêlo queimado existindo abaixo da superfície e longe do calor solar. A evaporação e o derretimento dêste gêlo deixariam vazios abaixo da superfície — provàvelmente as cavernas e reentrâncias mostradas nas várias fotografias tomadas do sol lunar.

A teoria de Urey no entanto se baseia em alguma coisa mais além das evidências visuais. Muitos dos meteoros caídos em nosso planêta são provenientes da Lua, material rochoso que teria se desprendido por causa de choques de outros meteoros ou cometas com nosso satélite. Baseando-se no estudo de tais meteoritos, Urey acredita que sua formação, geralmente rochas e pedras do tipo de seixos, seria originária da fricção do elemento líquido que lhes teria dado uma forma muito semelhante às nossas próprias formações calcáreas oceânicas. Esses meteoros contêm, por outro lado, minerais argilosos como o silicato e silicatos de cálcio que, segundo êle, raramente podem existir se não acontece um elemento líquido agindo algum tempo sôbre êles.

E é aí que o cientista levanta a mais fabulosa das hipóteses — êstes meteoritos, contendo carbono, êste poderia ter sido produzido por uma forma primitiva de vida que teria sobrevivido à violenta passagem da terra e se multiplicado, ràpidamente, nas águas lunares durante os poucos milênios em que a lua teria sido molhada.

Por enquanto o que se sabe é que o Surveyor 3 mostrou que o Oceano das Tempestades tem um terreno sêco e granular mas que possui também uma qualidade coerciva semelhante à da areia molhada.

Biologia

Papai dá a luz

Fala-se hoje na possibilidade de, em futuro próximo, os bebês serem comprados em supermercados. A idéia da "maternidade" masculina, porém, vem de antigas fábulas.

Luciano de Samosate imaginava que, na Lua, são os homens e não as mulheres que perpetuam a espécie. "Só os machos são aptos ao casamento; mulher é um nome até desconhecido aqui. Um jovem pode ser esposado até os vinte e cinco anos; depois desta idade, êle esposa qualquer outro ao seu redor. Não é no ventre que êles trazem as crianças, mas na barriga da perna. Quando concebem, sua perna estufa; chegado o tempo de parir, fazem uma incisão na barriga da perna e dali retiram um bebê morto que, exposto ao ar, com a bôca oberta, recobra logo a vida".

Nos séculos XVII e XVIII, relataram-se alguns exemplos de geração apenas masculina, essas ocorridas na terra mesmo. Diderot, nos seus "Elementos de Fisiologia", cita a publicação, na "Gazette des Deux Ponts", 1775, de uma carta endereçada ao médico parisiense M. Lefebvre. Trata-se do caso de um soldado que, aos 22 anos de idade, e depois de ter apresentado todos os sinais de gravidez (náuseas, crescimento do ventre etc...), sentiu fortes dores na região lombrar e morreu após 90 horas de sofrimento. A autópsia revelou a presença, no seu abdome, de um saco contendo um feto masculino com as membranas, as águas e a placenta habituais; as mamas do soldado não estavam crescidas, mas continham leite.

E outro caso dêsse gênero que forneceu a Edmond About o argumento de seu romance, "O Caso do Sr. Guerin, publicado em 1862.

Embora êsses casos estejam mais na area dos mitos e lendas, é fato que se encontraram algumas vêzes um feto mais ou menos desenvolvido no corpo de um homem; os doutores Lombard, Ferrand e Legenissel apresentaram, em 1953, à Academia Francesa de Medicina, uma observação a respeito de um feto de quatro meses incluso no abdômem de um menino de 20 meses.

Esses fatos, excepcionais mas incontestáveis, parecem referir-se não à uma partenogênese masculina, mas ao fenômeno dos gêmeos. O feto intra-abdominal não seria filho do indivíduo que o leva, mas o irmão gêmeo retardado em seu desenvolvimento. Por outro lado, a existência de uma verdadeira partenogênese masculina — ao menos rudimentar — está hoje bem estabelecida na espécie humana.

Em 1934, um histologista apresentou-se à Sociedade Francesa de Biologia, pretendendo ter revelado, em certos tumôres da glândula masculina (teratomas), formações enigmáticas que êle não hesitava em classificar de verdadeiros embriões. Ninguém lhe deu muita atenção, embora naquela ocasião Albert Peyron tivesse falado inclusive em gestação ou gravidez patológica do macho.

No ovário humano já se tinha revelado, muitas vêzes, sinais de desenvolvimento partenogenético, seja em mulheres normais, seja em mulheres atingidas de teratoma. Mas esta partenogênese feminina não ultrapassa nunca os primeiros estágios do desenvolvimento, não chegando à formação de verdadeiros embriões.

Paradoxalmente, é no indivíduo de sexo masculino que a tendência à partenogênese é mais acentuada, na espécie humana.

Albert Peyron insistiu sôbre o interêsse que oferecia para o embriologista o material de estudo que êle recolheu: aquêles teratomas contendo pequenos embriões de idades diversas eram uma espécie de catálogo da embriologia humana, tanto mais precioso quanto se estava ainda — e se está — muito mal informado sôbre os primeiros estágios do desenvolvimento na nossa espécie. Negativas, críticas acerbas e, acima de tudo, indiferença, foi o que, até a morte, Albert Peyron obteve.

Recentemente, porém, surgiram confirmações de sua audaciosa tese da partenogênese masculina R. W Evans, em 1962, encontrou num teratoma humano formações embrionárias em tudo comparáveis às assinaladas por Peyron. E outro pesquisador, L. C. Stevens, ao mesmo tempo demonstrava a existência de um fenômeno similar entre os ratos, depois de rigoroso estudo experimental. Stevens provou também — através de enxêrtos no peritônio — que êsses "corpos embrióides" poderiam se desenvolver por germinação e indagou ("The Biology of Teratomas", Année Biologique, 1962) se não se poderia, graças a certos artifícios, conduzi-los ao completo desenvolvimento. E o que se está tentando.

O biologista francês Jean Rostand, que inclui tôdas estas informações em seu livro "Maternité et Biologie" (Éditions Gallimard, 1966), rende suas homenagens ao pioneiro Albert Peyron, mas conclui:

"Diante dessas novas e surpreendentes descobertas, pode-se antever estranhas possibilidades... Homens tomando o lugar das mulheres para procriar... Mas, tudo isso fica um pouco na área da incursão ao surrealismo biológico. A "desmaternização" ou a aceitação, pela humanidade, de uma mudança no velho estilo de procriar, não são para amanhã."

Cinema

O cadáver do Mojica

"Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver", filme de terror feito no Brás, em São Paulo, recebeu apenas bolas pretas e indiferença do Conselho de Cinema do "Jornal do Brasil". No "Correio da Manhã", além das bolas pretas e da indiferença, houve dois votos significativos: Ironides Pereira e Salviano Cavalcânti de Paiva concederam cinco estrêlas — isto é, a cotação de obra prima — ao segundo filme de José Mojica Marins.

Os dois críticos do Correio estão deslocados no Conselho. Os críticos em geral desprezam o cineasta Mojica Marins; consideram-no primitivo, grotesco, sádico, ridículo. O público acha seus filmes muito engraçados. Mas há um grupo de cineastas e cultores do cinema de terror que idolatram o excêntrico paulista. E é entre os mojicômanos Gustavo Dahl, Glauber Rocha, Paulo Perdigão, Cosme Alves, Leon Hirzsman e Eduardo Coutinho — para citar apenas os mais notórios — que Ironides e Salviano se colocam. A mojicomania começou antes da estréia no Rio, de "À Meia-Noite levarei Tua Alma". Foi no Castelinho (que ainda estava na moda). Algumas pessoas começaram a falar de "um doido de São Paulo, que mora numa velha sinagoga, anda de capa preta e unhas compridas", e que acabara de fazer um filme. Glauber Rocha, que havia sido convidado, em São Paulo, para ver a obra de estréia de Mojica, não se conteve e começou a berrar: "Genial! Êsse cara é genial!" Ninguém entendia bem porque era genial, quando Glauber começava a contar como era o filme. Mas êle insistia. Aí outros foram a São Paulo só para ver "À Meia-Noite Levarei Tua Alma"; e a coisa se espalhou.

Quando o segundo filme sôbre Zé do Caixão veio ser exibido no Rio, êle já contava com um bom fã-clube aqui. Houve verdadeiras sessões secretas de debates entre o "mestre" e seus admiradores (uma delas na casa do Gustavo Dahl, que tem a vantagem de ficar próxima ao cemitério, coisa de grande agrado de Mojica-Zé do Caixão). E Salviano Cavalcânti de Paiva se encarregou de lançar o manifesto da mojicomania, ao fazer a crítica dêsse filme de terror que, afirma-se, empregou 500 aranhas e 200 cobras verdadeiras, teve suas cenas principais rodadas numa Sexta-Feira da Paixão, duas candidatas a atrizes principais mortas repentinamente e um fotógrafo com as duas pernas amputadas.

Um neurótico, José Mojica Marins? Menos, talvez, do que os que o perseguem ou dêle debocham, porque o não entendem. Por que aceitamos seus filmes, ainda que os consideremos estèticamente precários? O cinema de José Mojica, no ciclo inaugurado com o aparecimento de Zé do Caixão, é primitivo — e só como tal pode e deve ser examinado.

Nesse primitivismo, entretanto, serão importantes os seus filmes pela autenticidade, que muitos fingem não ver. Arriscamo-nos a proclamar o que, no futuro, estamos certos, analistas desapaixonados irão constatar, reconhecer: a eclosão do cinema de Marins representa um fato nôvo, da mesma dimensão do que hoje se tem como pacífico a respeito de Humberto Mauro" — afirma Sálviano em seu manifesto.

É êsse primitivismo que também outros mojicômanos defendem sèriamente, ao lado do fascínio que sentem pelo exotismo de Zé do Caixão.

—— Por que eu gosto dos filmes do Mojica? Vamos ver: por que êle choca a estrutura tradicional do cinema paulista? Por que gosto de cinema de terror? Terror primitivo, então, nem se fala. Acho que é principalmente porque êle demonstra total conseqüência no que está dizendo. E tudo isso com um talento fantástico, aliado a grande ingenuidade de realização. Ele não é primário, isso não. É primitivo. E por que o cinema tem que estar fora disso? Por que aceitar o primitivo nas outras artes e desprezar um filme por ser primitivo? — afirma Leon Hirszman.

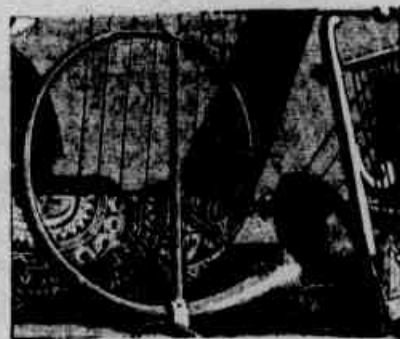
—— Fala-se muito em filme de autor, e quando surge um Mojica, que é autor mais que tudo, todo mundo malha. E depois, fazer o que êle faz, sem recursos, é admirável. Além de tudo, sabe por que eu gosto do Mojica, ou melhor, dos filmes que êle faz? Porque gosto.

Eduardo Coutinho (diretor do episódio brasileiro de "ABC do Amor") é mais enfático. E endossaria o manifesto de Salviano.

Correspondência

Leitor põe política na ficha

O leitor Abel Pacheco Moutinho nos escreve de Fortaleza, elogiando o suplemento e propondo a divulgação de um "Dicionário da política brasileira". Prevendo o nosso espanto, êle mesmo explica: "Há quinze anos dedico-me à essa faina. É o tempo que tenho de aposentadoria como promotor do Estado. Antes mesmo disso, interessei-me pela evolução de nossos costumes políticos, pela transformação das instituições e pelos vultos históricos que deram palavra e atos a êsses costumes e à essas instituições. Pacientemente fui fazendo minhas fichas na certeza de que um dia empreenderia a arrojada tarefa. Disponho hoje de 14.718 fichas. São comentários, trechos de documentos, de obras, pequenas biografias — tudo anotado por temas e por personalidades. Sinto, entretanto, que as fôrças me fogem e temo chegar ao fim da vida sem ao menos ter iniciado esta obra. Não tinha, inicialmente, o propósito de dicionarizar a vida política brasileira. Fui mais ambicioso. Achei que devia contribuir para que certas constantes da vida política e institucional brasileira fôssem caracterizadas a fim de afastar tolos preconceitos e evitar fúteis ingenuidades. Veja o senhor, por exemplo, o caso da cordialidade do brasileiro. Isto é pura invencionice. O brasileiro nunca foi cordial coisa nenhuma. A vida política brasileira está cheia de golpes, de revoluções, de conspiratas e tudo embebido em sangue. É verdade que nenhuma explosão maior de ódio se seguiu à libertação dos escravos e à proclamação da República e é certo que a Revolução de 30 poupou mais vidas do que se teriam perdido se ela não tivesse sido deflagrada.

Mas essas efemérides não podem ser isoladas do processo histórico. Elas tiveram antes e depois. Então não houve excesso de barbaridade antes de se chegar à libertação dos escravos? A República velha e a ditadura de Vargas foram, por acaso, cordiais? Nada disso. O que ocorre é que nossos historiadores guardam apenas uma visão metropolitana da História do Brasil. Êles não descem à vida nos Estados. No entanto, a política no Pará, no Maranhão, no Ceará, em Pernambuco, na Bahia, e assim por diante, está cheia de sangue e de sangue inocente. Enquanto se espalha essa idéia de que resolvemos todos os nossos problemas políticos pacificamente, a verdade é bem outra. No Pará, no tempo da Cabanagem, em menos de 3 anos, veja bem, em menos de 3 anos, foram mortos dois têrços da população do Estado. E o Acre? E o Maranhão? E os outros? A minha tese é que o brasileiro já foi um dos povos mais perversos da terra e agora é que está se afrescalhando. Mas os nossos historiadores insistem na tese contrária. Fui fazendo fichas. As fichas não mentem. Estão aí para provar não o que digo, mas o que aconteceu. Na impossibilidade de escrever o estudo que me propunha, já me dou por satisfeito em dicionarizar êste ensaio, publicando as fichas como se fôssem verbêtes. Estou em entendimentos com a Universidade do Ceará para dar à publicidade um primeiro volume. Se houver gôsto do público, seguir-se-ão os outros volumes". Cremos que o registro de parte de sua carta, já atende o pedido de divulgação. Agora é esperar o seu dicionário e verificar a influência da "peixeira" na evolução de nossas instituições políticas.

Direito

Ao autor o que é do autor

A Constituição Brasileira, quando subordina a propriedade ao interêsse social, abre uma possibilidade futura, embora remota, para a eliminação da propriedade material e, só nos últimos dois séculos é que se promulgou um conjunto de leis no sentido de proteger ou até mesmo de criar o conceito de propriedade intelectual.

No entanto, a propriedade intelectual é de tôdas as propriedades, a que menos está sujeita a contestação, pois decorre exclusivamente da manifestação da inteligência. E não sendo herdada, torna-se a única legítima. Este aspecto moderno da Legislação de proteção ao direito autoral deve-se à invenção da imprensa. Evidentemente, antes de Gutemberg podia-se fraudar, mas a ausência de um processo mecânico de reprodução desencorajava a fraude e por extensão, não havendo a possibilidade do delito, não havia o interêsse do legislador. Hoje, qualquer sonoplasta ou locutor de rádio faz questão de assinar seu nome naquilo que acabou de fazer. Miguelângelo, entretanto, não assinou muitas de suas obras imortais.

O problema da imprensa começa com o livro, continua no teatro e se extende por tôda espécie ou espetáculo público. Há poucas décadas, ainda, se dava ao autor dramático brasileiro duas entradas para que êle, à porta do teatro, na condição de cambista, as vendesse. Êsse foi o direito autoral mais tarde a ser reconhecido e talvez por isso mesmo a cobrança dêle seja a mais organizada hoje. Muito representante da SBAT foi surrado em porta de teatro, mas hoje a SBAT cobra com cólera sagrada e eficiência suíça o direito dos seus associados, e ninguém discute mais a sua autoridade.

Nenhum legislador encontrará no direito romano coisa alguma a respeito do direito autoral, pelos motivos que já vimos. E, até depois da invenção de Gutemberg, o que correu não foi a regularização do direito autoral mas a instituição da censura e do monopólio.

A Censura impedia a impressão de certas obras, queimava-as e, em certos casos, até seus respectivos autores. O monopólio concedeu privilégios à impressão de livros, pois os impressores e os livreiros foram os primeiros a se organizarem em corporações, para a defesa de seus direitos. Os reis, os parlamentares e as Universidades passaram então a conceder privilégios a particulares em caráter temporário ou perpétuo com o sentido de garantir o financiamento da obra. Tais privilégios não ficavam sujeitos a nenhuma exigência legal, exceto a autorização da censura que era exercida em nome da coroa.

Segundo o Desembargador Vicente Faria Coelho, que escreveu sôbre direito autoral e em cuja obra colhemos muitos dêsses dados, o primeiro privilégio concedido que se conhece foi obtido por Alde, inventor dos caracteres itálicos, pelo Senado de Veneza em 1495, para edição das obras de Aristóteles. Êsse contrôle tinha um objetivo político: era um favor do Rei para obras que evidentemente o servissem.

A primeira menção ao direito do autor decorreu de uma disputa entre os impressôres-editôres de Paris e os da província. O monopólio sendo concedido aos impressores de Paris, impedia o incipiente desenvolvimento da indústria tipográfica da província.

Luis D'Hericourt tornou-se célebre neste processo por levantar a questão do direito do autor, que, diga-se de passagem, não era parte desta demanda.

Sustentou o brilhante advogado que: "os autores escrevendo os seus livros como obras por êles criadas, tornam-se proprietários de tais produtos intelectuais, que dêles ficavam sendo senhores absolutos, independente do privilégio, que era alheio e posterior à sua duração, que tal propriedade, como seus móveis, terras, casas ou dinheiro, só êles poderiam dispor, sendo um esbulho a posse dela e o gôzo por outrem, sem o seu consentimento na alheação; que, tendo sido aos livreiros de Paris transmitida a propriedade de seus livros, pelos legítimos donos, os direitos de seus clientes, provindo não do rei ou de privilégios mas dos contratos realizados com os autores, teriam de ser reconhecidos e assegurados." Era uma tese revolucionária para a época, e, embora não acabasse com os privilégios imediatamente, manteve-os pelo tempo de duração de cada qual, extingüindo, entretanto, as pretensões de perpetuidade, e devolvia, assim que expirasse o prazo concedido, a propriedade sôbre a obra literária a seu autor ou herdeiros. Nascia a partir daí o germe do direito autoral e Luis XVI em Decisões do Conselho do Rei em 1777, desenvolveu e fixou o privilégio dos autores. A Revolução Francesa com seu natural horror a privilégios de qualquer natureza, extinguiu o privilégio de impressores, editores e autores. Mais tarde, reconhecendo o caráter indiscutível da propriedade intelectual, fêz publicar uma lei (19 de junho de 1793) que fixou definitivamente a chamada propriedade intelectual, mas aludia apenas a representação de obras dramáticas que só podiam ser representados autorizados pelo autor ou durante os cinco primeiros anos da morte dêste, por seus herdeiros.

O próximo passo foi a herança da propriedade literária pois muitas vêzes o autor conquistava imortalidade depois de uma vida de miséria material que se transmitia a seus descendentes como foi o caso de Corneille, enquanto impressores-editores, passados os cinco anos, enriqueciam com sua obra. Com a caducidade do privilégio concedido a um editor para a publicação e venda das obras de La Fontaine, os netos pleitearam o mesmo privilégio em seu favor, o que foi concedido por entender-se que as obras do avô pertenciam ao netos por direito hereditário.

No Brasil, por muito tempo foi aplicada a lei portuguêsa. A história do direito autoral em Portugal é, como sempre, atrasada com relação à do resto da Europa e também, como sempre, muito pitoresca. Começou em 1839 quando Almeida Garret apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de lei reconhecendo o direito da propriedade autoral. Então aconteceu um fato muito estranho e de características absolutamente radicais. Alexandre Herculano combateu violentamente o projeto de Garret e combateu ainda quando, em 1851, a Câmara dos Deputados realizou com a França uma convenção com o sentido de proteger as obras dos escritores de seus respectivos países. Herculano, entre muitos outros argumentos kafkianos escreveu em 'Opúsculos" que a propriedade literária cria um valor fictício para criar, uma propriedade que não o é menos. Que a lei da propriedade literáia é uma lei do envilecimento, que produz em regra livros absurdos, frívolos e prejudiciais.

Uma propriedade literária, como um paradoxo, se é inocente nas regiões da teoria, é nociva quando incorporada às leis." Claro que esta corrente não venceu, mas o que não é tão claro foi a veemência exatamente em sentido oposto de José Dias Ferreira "A propriedade literária — escreveu êle — devia ter a mesma duração e ser transmissível de geração em geração, como a material."

Mais adiante, ainda transcrevendo o ardoroso defensor da propriedade literária: "Se o sentimento de propriedade é o estímulo ao trabalho e se o direito hereditário alimenta êste sentimento, avalie-se quanta proteção falta à inteligência por não ser declarada perpétua a propriedade de seus produtos."

Embora revolucionário, o homem estava em plena metade do século XIX, por isso merece tolerância a sua declaração sôbre o "sentimento de propriedade."

Afinal, como sempre, houve a síntese. Garret e Seabra, autores da lei de 1851, criaram o direito do autor e por cinqüenta anos a contar de sua morte, em favor dos herdeiros ou representantes.

Hoje, o direito autoral em Portugal é perpétuo e no Brasil, cai em domínio público após 60 anos da morte do autor. O caso de Eça de Queiroz ainda há pouco foi objeto de um processo movido pelos herdeiros do romancista contra editôres brasileiros.

Eis como se ocupa a constituição federal em matéria de Direito Autoral: "A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos têrmos seguintes:

Parágrafo 19 — Aos autores de obras literários, artísticos ou científicos pertence o direito exclusivo de reproduzí-los. Os herdeiros dos autores gozarão dêsse direito pelo tempo que a lei fixar.

E a lei:

"Ao autor de obra literária, científica ou artística, pertence o direito exclusivo de reproduzí-lo.
Parágrafo 1. Os herdeiros e sucessores do autor gozarão dêsse direito pelo tempo de sessenta anos, a contar do dia de seu falecimento."

Ficção

Kay Boyle conta Black Boy

Kay Boyle, escritora norte-americana, viveu durante muitos anos na França, na Inglaterra e na Áustria. Tem mais de vinte livros publicados e foi considerada pelo crítico David Daiches como uma das mais realizadas contistas da língua inglêsa: brilhante, dona do métier, piedosa sem ser sentimental, ética sem ser didática e contemporânea sem ser efêmera. "Black Boy" foi escrito entre 1927 e 1934.

Naquele tempo, era a parte desprezada, o outro lado da cidade e de manhã cedo, na primavera, nunca havia ninguém por ali. Com palavras doces, você conseguia encorajar o cavalo a entrar pela espuma do mar. Você o cavalgava com a água pela altura dos joelhos. As ondas entravam e saíam, ali, indolentes como damas; seguravam as saias nas mãos, e com um murmúrio, andavam pela areia macia, na ponta dos pés.

O passeio de madeira era alto, e quando havia vento a água se lançava ali por baixo com selvageria. Nesses dias você tinha de se contentar com uma cavalgada pelas dunas brancas; aqui, os cascos do cavalo não faziam ruído e as partículas de areia feriam o seu rosto com raiva. Não tinha corpo, essa parte, ao contrário do trecho de uma milha de areia socada, na qual você podia se expandir quando a maré baixasse.

Meu avòzinho, Puss, era vivo naquele tempo, com seu andar, seus tornozelos delicados, e sua barriga que apontava sob o terno cinza-claro. Quando êle via, da janela, a maré baixar, colocava o chapéu côr-de-pérola e descia à rua.

"Sabe", dizia meu avô, "acho que gostaria de ver as vitrinas". Ou: "Você não estaria com vontade de andar até à praia?" ou "Se você quisesse ir comigo, poderíamos sentar numa cadeira de rodas, para sermos empurrados pelo passeio, vendo as modas e apanhando sol."

Ele estava vivo, então, e podia esco-

(Conclui pág. 5)

Arte

De onde vem e para que serve

Ernest Fischer

Ernest Fischer nasceu na Áustria em 1899. Participou ativamente da vida política até 1969, quando passou a se dedicar exclusivamente às atividades literárias, teatrais e críticas. No livro "The Necessity of Art", da Ed. Penguin, 1963, Fischer aborda, do ponto de vista do marxismo, as questões sôbre a origem e a validez da obra de arte que foram tratadas pelo poeta surrealista Benjamin Péret em artigo publicado no número passado de "Cultura". As observações que se seguem são extratos da obra de Fischer com relação ao problema das origens da arte.

A função da arte

Milhões de pessoas lêem livros, ouvem música, vão ao teatro ou ao cinema. Por quê? Dizer que procuram uma distração, um relaxamento, uma diversão, é insuficiente. Por que será distração, relaxamento ou diversão lançar-se na vida e nos problemas de outra pessoa, identificar-se com uma pintura, com um trecho de música ou com as personagens de um romance, de uma peça ou de um filme? Por que reagimos diante de uma "irrealidade" como se esta fôsse uma realidade intensificada? Que distração estranha e misteriosa é essa? E se nos respondem que desejamos escapar de uma existência pouco satisfatória para encontrar outra mais rica, através de uma aventura sem riscos, então podemos perguntar: por que não nos basta a nossa própria existência? Por quê êsse desejo de cumprir nosso destino através de outras silhuetas, de outras formas, de contemplar na penumbra de uma sala uma cena iluminada onde se desenvolve algo que não passa de jôgo e que nos consegue absorver tão integralmente?

É evidente que o homem tem necessidade de ser mais do que apenas êle mesmo. Tem necessidade de ser um homem total. Não se satisfaz em ser um indivíduo separado; cansado do caráter fragmentário de sua vida individual, aspira a uma "plenitude" que adivinha e exige, a uma plenitude da vida, a um mundo que tenha sentido. Revolta-se contra a idéia de se consumir numa existência acanhada, dentro dos limites efêmeros e fortuitos de sua própria personalidade. Aspira a absorver o mundo que está à sua volta e a apropriar-se dêle, a prolongar seu "eu", curioso e ávido, graças à ciência e à tecnologia, até as constelações mais longínquas e aos segrêdos mais íntimos do átomo, a unir, na arte, seu "eu" limitado à uma existência comunitária, a tornar sua individualidade um fato social.

Se fôsse da natureza do homem não ser mais que um indivíduo, êste desejo seria incompreensível e destituído de sentido, pois, enquanto indivíduo, "êle" seria então um ser total; seria tudo o que é capaz de ser. O desejo do homem de se expandir e completar indica que êle é mais que um indivíduo. Sente que só pode atingir a totalidade incorporando a experiência de outros, que é potencialmente a sua mesma. No entanto, o que o homem considera como seu bem potencial compreende tudo aquilo de que a humanidade é globalmente capaz. A arte é o meio indispensável para a fusão do indivíduo na totalidade. Reflete a capacidade infinita que o homem tem de se associar, de compartilhar suas experiências e idéias.

É preciso aprender

Não haveria algo de romanesco na tentativa de definir a arte como o meio de se integrar numa realidade total, como a expressão do desejo do indivíduo de se identificar com aquilo que não é? Não seria temerário concluir, na base de um sentimento quase histérico de identificação com o herói de um filme ou romance, que esta é a função universal e inicial da arte? A arte não conterá também o contrário desta perda "dionisíaca" de si mesma? Não conterá o elemento "apolíneo" de divertimento e de satisfação que consiste precisamente no fato de que o espectador não se identifica com o que está representado mas se "distancia" disso, encontrando na arte esta liberdade feliz da qual o privam os fardos da vida cotidiana? Será que esta mesma dualidade (de um lado a absorção pela realidade, de outro, a alegria de dominá-la) não se manifesta na própria maneira de trabalhar do artista? Pois não podemos deixar de saber que o trabalho é para o artista um processo altamente consciente e racional, no fim do qual a obra aparece como uma realidade dominada e não como um estado de embriaguez inspirado.

Para ser artista, é necessário apreender, ter a experiência, transformá-la em lembrança, transformar a lembrança em expressão, a matéria em forma. A emoção não é tudo para o artista: êle deve conhecer seu trabalho e amá-lo, compreender-lhe tôdas as regras e as técnicas, formas e convenções graças às quais a natureza, esta megera, pode ser captada e submetida às leis da arte. A paixão que consome o diletante "serve" ao artista verdadeiro: o artista não é mutilado pela fera, mas a domina.

A tensão e a contradição dialética são inerentes à arte; esta não apenas precisa encontrar sua fonte numa experiência intensa da realidade, mas deve ser "elaborada" e encontrar sua fôrça objetivamente. O jôgo livre da arte resulta de uma dominação. Aristóteles, tão mal compreendido, professava que a função do drama é de purificar as emoções, de superar o terror e a piedade, de modo a fazer que o espectador, identificado com Orestes ou Édipo, se libere desta identificação e se eleve acima das manobras cegas do destino. Os laços da vida são provisòriamente desatados, pois a arte "cativa" de maneira diferente que a realidade, e êste cativeiro agradável e temporário é a própria natureza de tal "divertimento", do prazer que se retira mesmo das obras trágicas.

Participação do prazer

Bertolt Brecht disse dêste prazer, desta qualidade liberadora da arte: "Nosso teatro deve suscitar a compreensão e exercitar os homens no prazer de modificar a realidade. Nosso público não deve apenas aprender como Prometeu foi liberado, mas deve também participar do prazer de libertá-lo. Devemos ensiná-lo a sentir, no nosso teatro, tôda a satisfação e todo o prazer experimentado pelo inventor e pelo descobridor, todo o triunfo sentido pelo libertador." Brecht indica que uma sociedade fundada sôbre a luta de classes, o efeito "imediato" de uma obra de arte conforme à estética dominante é de suprimir as distinções sociais no seio do público, e, enquanto se goza desta obra, de criar assim uma coletividade não dividida em classes mas "universalmente humana". Pelo contrário, a função do "drama não aristotélico" que Brecht defendia era precisamente a de dividir o público, abolindo o conflito entre a sensibilidade e a razão que apareceu no mundo capitalista.

"Tanto a sensibilidade como a razão degeneraram na época do declínio do capitalismo, entrando num conflito maléfico e improdutivo. Mas a nova classe em ascensão e os que combatem a seu lado preocupam-se em ver a sensibilidade e a razão travando um conflito benéfico e produtivo. Nossos sentimentos nos empurram para o esfôrço máximo de raciocínio e nossa razão purifica-nos os sentimentos."

No mundo alienado em que vivemos, a realidade social deve ser apresentada sob novos aspectos, através da "alienação" do tema e das personagens. A obra de arte deve cativar o público não através de uma identificação passiva mas por um apêlo à razão que solicita a ação e a decisão. As leis que regem a vida em comum dos sêres humanos devem ser apresentadas no drama como "provisórias e imperfeitas", a fim de trazer o espectador para algo de mais produtivo que uma simples contemplação, incitando-o a pensar enquanto a peça se desenrola e a formular um julgamento final: "Este método não é bom. Isto é muito estranho, quase inacreditável. É preciso que acabe." E assim o espectador, que é operário ou operária, virá ao teatro para. . . "gozar, sob forma de divertimento, dos labôres terríveis e intermináveis através dos quais deve assegurar a própria sobrevivência, e os terrores que acompanham a sua perpétua metamorfose. Só assim poderá realizar-se de maneira mais fácil: pois o modo de existir mais fácil é o da arte."

Uma verdade imutável

Sem pretender que o "teatro épico" de Brecht seja a única forma possível de drama operário, cito sua importante teoria como um exemplo do caráter dialético da arte e da maneira pela qual a função da arte muda num mundo em transformação.

A razão de ser da arte não permanece jamais inteiramente a mesma. Esta função, numa sociedade fendida pela luta de classes, difere em muitos sentidos de sua função original. No entanto, apesar da diversidade das situações sociais, a arte contém alguma coisa que exprime uma verdade imutável. É isto que nos permite, a nós que vivemos no século XX, emocionar-nos com pinturas das cavernas pré-históricas ou com canções muito antigas. Marx descreveu a epopéia como a forma de arte das sociedades subdesenvolvidas, dizendo: "Mas a dificuldade não reside em compreender que a arte grega e a epopéia são ligadas a certas formas do desenvolvimento social. A dificuldade está contida no fato de que elas nos trazem ainda um prazer estético e que elas continuam a apresentar, sob certos aspectos, o valor de normas e de modelos inatingidos."

E Marx acrescentava: "Por que a infância histórica da humanidade, onde esta atingiu seu mais pleno esplendor, por que êste estágio de desenvolvimento não iria exercer uma atração perene? Existem crianças mal educadas e crianças que assumem ares de gente grande. Numerosos povos da antigüidade pertenceram à esta categoria. Os gregos eram crianças normais. O charme que sua arte exerce sôbre nós não está em contradição com o caráter primitivo da sociedade que a viu crescer. É, pelo contrário, fruto dela e está indissolùvelmente ligado ao fato de que as condições sociais, insuficientemente amadurecidas, onde esta arte nasceu, e onde sòmente ela poderia nascer, jamais se poderão repetir."

Talvez duvidemos hoje, comparando-os a outros povos, que os gregos antigos tenham sido "crianças normais". Para dizer a verdade, os próprios Marx e Engels chamaram a atenção para os aspectos problemáticos do mundo grego, com seu desprêzo pelo trabalho, seu aviltamento da mulher, seu erotismo reservado exclusivamente às cortesãs e aos efebos.

E desde então, descobrimos muitos outras coisas sôbre o reverso da beleza, da serenidade, da harmonia da Grécia. Hoje, nossas idéias sôbre o mundo antigo só coincidem parcialmente com as de Wincklemann, Goethe e Hegel. As descobertas arqueológicas, etnológicas e culturais não nos deixam mais aceitar a arte grega clássica como a de nossa "infância". Pelo contrário, vemos nela algo de relativamente tardio e amadurecido, e na sua perfeição à época de Péricles, descobrimos traços de decadência e de declínio. Muitas obras (elogiadas no passado como "clássicas") de escultores que sucederam ao grande Fídias, aqueles heróis, atletas e discóbolos, parecem-nos hoje vazios e destituídos de sentido em face das obras egípcias ou mecenianas. Mas o aprofundamento destas questões nos levaria muito longe da questão levantada por Marx e da resposta em que implica.

O minuto determina

O que importa, é que Marx tenha considerado a arte (determinada pela sua época) de um estágio social de subdesenvolvimento com um momento da humanidade e que tenha reconhecido que era nisso que residia seu poder de agir além do momento histórico, de exercer uma sedução eterna.

Em outras palavras, tôda arte é determinada pela sua época e representa a humanidade na medida em que corresponde às idéias e às aspirações, às necessidade e às esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte ultrapassa êste limite, e, no seu momento histórico, cria também um momento da humanidade, uma promessa de desenvolvimento constante. Não deveríamos jamais subestimar o elemento de continuidade no curso da luta de classes, a despeito dos períodos de mudança violenta e de transformações sociais.

Como a do próprio mundo, a história da humanidade não é apenas uma descontinuidade contraditória, mas também uma continuidade. Coisas antigas, e, segundo as aparências, esquecidas há muito tempo, conservam-se em nós, continuam a agir (muitas vêzes sem que o percebamos) e emergem sùbitamente como as sombras de Hades que Ulisses alimentou com seu sangue. Em diversos períodos, segundo a situação social e as necessidades das classes ascendentes ou em declínio, diversas coisas latentes ou perdidas reapareceram à luz do dia e acordaram para uma vida nova.

Assim como não foi por simples coincidência que Lessing e Herder, na sua revolta contra as afetações feudais e cortêses de sua época, tivessem descoberto Shakespeare para os alemães, não é hoje por simples coincidência que a Europa ocidental, na sua recusa do humanismo e dado o caráter fetichista de suas instituições, se volte para os fetiches da pré-história, construindo falsos mitos para dissimular seus verdadeiros problemas.

As diversas classes e sistemas sociais, elaborando suas éticas correspondentes, contribuíram para a formação de uma ética humana universal. Do mesmo modo, os traços constantes da humanidade são reencontrados até numa arte totalmente determinada pela sua época. Na medida em que Homero, Esquilo e Sófocles refletiram as condições de uma sociedade baseada na escravidão, são fechados nessa época e ultrapassados. Mas na medida em que, dentro desta sociedade, descobriram a grandeza do homem, e conseguiram dar forma artística a seus conflitos e às suas paixões, sugerindo as suas infinitas possibilidades, continuam mais modernos do que nunca. Prometeu, ao trazer o fogo para a terra. Ulisses nas suas peregrinações e no seu retôrno, Tântalo e seus filhos, tudo conserva para nós o poder original. Mesmo que achemos o assunto de Antígona (a luta pelo direito de dar sepultura honrosa a um parente consangüíneo) arcaico, mesmo se precisamos de comentários históricos para compreendê-lo, a figura de Antígona é mais emocionante hoje do que nunca, e enquanto existirem homens no mundo, suas palavras emocionarão a todos: "Minha natureza é de me unir no amor e não no ódio."

Quanto mais conhecemos certas obras de arte esquecidas há muito tempo, mais claros se tornam seus elementos comuns e constantes, apesar de sua variedade. Cada fragmento se liga a um outro fragmento para constituir a humanidade.

O papel esclarecedor

A abundância crescente dos testemunhos leva-nos a pensar que a arte, na sua origem, foi mágica, que foi um auxílio mágico para dominar o mundo real mas inexplorado. A religião, a ciência, a arte, combinaram-se de modo latente na magia.

O papel mágico da arte regrediu pouco: sua função é atualmente de esclarecer as relações sociais, esclarecer os homens nas sociedades que se tornam opacas, ajudar os homens a reconhecerem e a mudarem a realidade social. Uma sociedade complexa, com relações múltiplas e contradições sociais, não pode ser apresentada sob forma de mito. Nesta sociedade, que exige conhecimentos precisos e consciência global torna-se imperiosa a necessidade de quebrar as formas rígidas dos séculos anteriores onde o elemento mágico ainda intervinha e chegar a formas mais abertas, digamos, por exemplo, a liberdade do romance. Segundo o estágio social atingido, um ou outro dos seguintes elementos da arte pode predominar numa época particular: a sugestão mágica, a razão e as luzes, a intuição do sonho, o desejo de aguçar a percepção. Mas quer a arte apazigue ou desperte, quer projete sombras ou introduza a luz, nunca se limita a ser uma simples descrição clínica da realidade. Sua função é sempre a de comover o homem total, de permitir ao "eu" identificar-se com a vida de outros, apropriar-se daquilo que não é mas que é capaz de ser. Até mesmo um artista didático como Brecht não aje apenas por intermédio da razão e da discussão, mas através da sensibilidade e da sugestão. Não se contenta com apresentar ao público uma obra de arte: permite também que êle a "penetre". Êle próprio tinha consciência disto e indicou tratar-se de um problema, não de contrastes absolutos mas de acentuações sucessivas: "É, portanto, ora a sugestão emocional, ora a persuasão puramente racional, que poderá predominar como meio de comunicação." Se é verdade que a função essencial da arte, para uma classe levada a mudar o mundo, não é a de criar a magia, mas de esclarecer e estimular a ação, não deixa de ser verdade que um resíduo mágico não poderá ser inteiramente eliminado da arte, pois sem êste ínfimo resíduo de sua natureza original, a arte deixa de ser arte. Em tôdas as formas de sua evolução, na dignidade e na farsa, na persuasão e no exagêro, no sensato e no absurdo, na fantasia e na realidade, a arte participa sempre um pouco da magia.

A arte é necessária para que o homem possa conhecer e mudar o mundo. Mas é igualmente necessária em virtude da magia que lhe é inerente.

As origens da arte

A arte é quase tão antiga como o homem. É uma forma de trabalho, e o trabalho é uma atividade particular ao gênero humano. Marx definiu o trabalho nos seguintes têrmos:

"O processo de trabalho (...) a atividade que tem por objetivo (...) a apropriação dos objetos exteriores às necessidades, é a condição geral das trocas materiais entre o homem e a natureza, uma necessidade física da vida humana, independente por isto mesmo de tôdas as formas sociais, ou melhor, igualmente comum a todos." O homem se apropria da natureza transformando-a. O trabalho é a transformação da natureza. O homem sonha também em exercer sua magia sôbre a natureza, em ser capaz de mudar os objetos e de lhe dar uma forma nova por meios mágicos. Equivale no domínio da imaginação ao que o trabalho significa no domínio da realidade. O homem é, desde a origem, um mágico.

Instrumentos e o homem

O homem tornou-se homem graças aos instrumentos. Êle se fabricou ou se produziu fabricando ou produzindo instrumentos. A questão de saber quem apareceu primeiro, o homem ou o instrumento, é puramente acadêmica. Não há instrumento sem homem e não há homem sem instrumento: nasceram simultâneamente e são indissolùvelmente ligados um ao outro. Um organismo vivo relativamente evoluído transformou-se em homem trabalhando com objetos naturais. Utilizados assim, êstes objetos transformaram-se em instrumentos. Eis uma outra definição de Marx: "O meio de trabalho é um conjunto de coisas que o homem interpõe entre si mesmo e o objeto de seu trabalho como condutor de sua ação.

Êle se serve das propriedades mecânicas, físicas, químicas de certas coisas para fazê-las agir como fôrças sôbre outras coisas, em conformidade com o seu objetivo..."

O ser pré-humano que se tornou homem foi capaz de tal desenvolvimento porque dispunha de um órgão especial: a mão. A mão é o órgão essencial da cultura, a iniciadora da civilização. Isto não quer dizer que foi apenas a mão que criou o homem: a natureza e em particular a natureza orgânica não comporta relações tão simples e unilaterais de causa e efeito. Um sistema de relações complicadas, uma nova qualidade, surge sempre de um conjunto de efeitos recíprocos diversos.

Quando o pré-homem tomou objetos naturais "em mão" e se serviu dêles como instrumentos, suas mãos ativas descobriram que êle mesmo podia dar forma e modificar uma pedra e, a partir desta descoberta, aprendeu que há num pedaço de silex qualidades inerentes e potenciais de se aguçar e, portanto, de se transformar num instrumento útil.

Imitação da natureza

Não há coisa alguma de misteriosa nesta potencialidade: não é um "poder" do qual a pedra é dotada e ela não surgiu, como Palas Atenas, de uma consciência criadora. Ao contrário, a consciência criadora é que apareceu como resultado posterior da descoberta "manual" de que se podia quebrar pedras, rachá-las, aguçá-las, dando-lhes esta ou aquela forma. A forma do machado, por exemplo, que a natureza produz de tempos em tempos, foi útil para uma série de atividades, e assim, aos poucos, o homem começou a imitar a natureza. Não obedecia inicialmente a uma idéia "criadora" — contentava-se em imitar; seus modelos eram pedras que encontrava e que a experiência lhe demonstrara serem úteis. O que tinha no espírito, nesta fase produtora primitiva, não era o resultado final de uma idéia; não executava um plano. O que via diante de si era um machado muito real: tentava fazer outro que se lhe assemelhasse.

Não executava uma idéia, imitava um objeto. Só, muito lentamente, afastou-se do modêlo natural. Utilizando o objeto e renovando constantemente as suas experiências, aos poucos tornou-o mais útil e mais eficiente. A eficácia é mais antiga que a procura de um objetivo. Foi a mão, mais que o cérebro, que partiu longamente à procura. Basta observar uma criança a desfazer um nó: a criança não "pensa" — experimenta; só aos poucos surge da experiência de suas mãos a compreensão da maneira pela qual se faz o nó e a melhor maneira de desfazê-lo.

A previsão de um resultado — (a fixação de um objetivo para um processo de trabalho) não vem senão depois de uma concentrada experiência manual. Resulta de referências constantes ao produto natural e de numerosas tentativas mais ou menos felizes. Não foi olhando diante de si, mas olhando para trás, que se formou a idéia de objetivo. A ação consciente e o ser consciente se desenvolveram no trabalho. Através do trabalho e sòmente num estágio posterior, apareceu uma finalidade que deu a cada instrumento forma e caráter específicos. O homem precisou de muito tempo para elevar-se acima da natureza e para afrontá-la enquanto criador.

Neste momento, eis o que ocorreu: seu cérebro já não refletia literalmente as coisas. Em seguida às experiências de trabalho, podia agora refletir as leis naturais e se dar conta das relações de causalidade. (Reconhecia, por exemplo, que a energia muscular pode ser transferida a um instrumento e, em seguida, ao objeto do trabalho, ou que a fricção produz o calor). O homem substituía a natureza. Não esperava para ver o que esta lhe oferecia: forçava-a cada vez mais a dar-lhe aquilo que queria. Por causa da utilidade crescente dêstes instrumentos, de seu caráter cada vez mais específico, de sua adaptação cada vez mais feliz à mão humana e às leis da natureza, de sua humanização crescente, criava objetos que não se encontravam na natureza.

Cada vez mais, o instrumento perdia a semelhança com todo objetivo natural. A sua função fazia desaparecer a semelhança original com a natureza, e por causa de sua crescente eficácia, o objetivo (previsão intelectual daquilo de que seria capaz) tornou-se cada vez mais importante. Esta transformação da natureza do trabalho não pode efetuar-se senão quando êste atingiu um estágio de desenvolvimento relativamente elevado.

Linguagem é instrumento

A evolução para o trabalho exigia um sistema nôvo de meios de expressão e de comunicação que ia bem além dos signos primitivos conhecidos no mundo animal. O trabalho não exigia apenas tal sistema de comunicações como o encorajava. Os animais têm pouco o que comunicar uns aos outros. Sua linguagem é instintiva: sistema rudimentar de sinais de perigo, acasalamento etc. Foi através do trabalho, que os sêres vivos encontraram coisas a se dizer. A linguagem nasceu com os instrumentos.

A linguagem é menos meio de expressão que de comunicação. Como disse Humboldt: "Para que um homem possa compreender até mesmo uma palavra isolada (compreendê-la não apenas como impulso sensorial, mas como som articulado definidor de um conceito) a totalidade da linguagem já deve estar presente em seu espírito. Nada pode ser separado na linguagem — cada elemento se manifesta como parte da totalidade. Se é natural supor que a linguagem se tenha formado gradualmente, sua invenção verdadeira não se produziu num só momento. O homem só se torna homem através da linguagem, mas para inventá-la, tinha de já ser homem."

Concordamos com esta concepção na medida em que apresenta a idéia de que o homem pré-histórico via o mundo como um todo indeterminado, a partir do qual criou a linguagem. Mas a solução dialética do problema (o homem a se transformar em homem ao mesmo tempo em que aparecem o trabalho e a linguagem, de modo que nem o homem, de um lado, nem o trabalho e a linguagem, de outro, nasceram antes do outro) está ausente em Humboldt.

Sem o trabalho (sem sua experiência com o uso de instrumentos) o homem jamais teria feito da linguagem uma imitação da natureza e um sistema de signos destinados a representar atividades e objetos, isto é, uma abstração. O homem criou palavras articuladas e diferenciadas não apenas porque era um ser suscetível de dor, de felicidade e de surprêsa, mas também porque era um ser trabalhador.

A palavra e o gesto ligam-se estreitamente. Bucher deduziu que a palavra nasceu de ações reflexas dos órgãos vocais, acompanhando os esforços musculares acarretados pelo uso de instrumentos. Os órgãos vocais ao mesmo tempo que as mãos se articularam e afinaram até o momento em que a consciência nascente se apropriou destas ações reflexas e as elaborou em um sistema de comunicação. Esta teoria põe em valor a significação do processo de trabalho coletivo, sem o qual uma linguagem sistemática não se teria jamais constituído a partir de sinais primitivos, gritos de acasalamento ou de mêdo, que eram a matéria prima da linguagem. O sinal do animal, anunciando uma mudança no meio, transformou-se em reflexo de trabalho lingüístico. Assim, marcou-se o divisor de águas entre a adaptação passiva à natureza e a transformação ativa da natureza.

Entre as centenas de instrumentos de circunstância, espécie diversas, é impossível distinguir cada um por um sinal específico; mas quando aparecem certos instrumentos uniformes, então um signo específico — ou nome — se torna possível e útil. Quando se reproduz um instrumento inúmeras vêzes, produz-se algo de nôvo. Tôdas as imitações, feitas para se assemelharem, contém o mesmo protótipo. Êste, na sua função, forma e utilidade, reaparece sem cessar. Existem muitos machados e no entanto só existe um. O homem pode tomar qualquer uma destas imitações em lugar do machado original porque tôdas servem a um mesmo fim, produzindo o mesmo resultado e sendo similares ou idênticas na sua função. É sempre êste instrumento e não aquêle que queremos criar; pouco importa a amostra particular do machado "standard" do qual se dispõe.

Assim, a primeira abstração, a primeira fôrça conceitual, foi fornecida pelos próprios instrumentos. O homem pré-histórico "abstraiu" nos numerosos machados individuais a qualidade que lhes era comum a todos, a de ser machado; criou, assim, o conceito do machado. Não sabia o que fazia. Mas criou um conceito.

O poder da palavra

O instrumento uniforme foi reproduzido pela imitação, que o distinguia por uma espécie de magia das outras pedras, submetidas até ali apenas ao poder da natureza. Podemos supor, também que os primeiros meios lingüísticos de expressão não passavam de imitação. A palavra era considerada como idêntica ao objeto. Era o meio de apreender, compreender e dominá-lo. Constatamos que quase tôdas as raças primitivas acreditavam que, ao pronunciarem o nome de um objeto, uma pessoa ou um demônio, exerciam sôbre êle um poder (ou afrontavam sua hostilidade mágica).

Esta idéia se conservou em contos populares, como Rumpelstiltskim e seu grito de triunfo: "Fico contente que ninguém saiba que me chamo Rumpelstiltskim."

Assim todo meio de expressão (gesto, imagem, som ou palavra) era instrumento na mesma medida em que o era um machado ou faca. Era apenas outra maneira de estabelecer o poder do homem sôbre a natureza.

Foi assim que um ser se destacou da natureza pelo uso de instrumentos e pelo processo de trabalho coletivo. Êste ser, o homem, foi o primeiro a fazer face à totalidade da natureza enquanto sujeito ativo. Mas antes que o homem se tornasse seu próprio sujeito, a natureza tornou-se, para êle, objeto. Uma coisa da natureza só era objeto enquanto meio ou instrumento de trabalho. Só através do trabalho é que se estabeleceu a relação sujeito-objeto.

A separação progressiva entre o homem e a natureza, da qual êle permanece como criatura, embora a afronte cada vez mais como criador, fêz surgir um dos problemas mais sérios da existência humana. É perfeitamente razoável falar da "dupla natureza" do homem.

Continuando a pertencer à natureza, o homem criou uma "contranatureza" ou uma "supernatureza". Pelo trabalho, criou uma nova espécie de realidade: uma realidade que é sensorial e supra sensorial ao mesmo tempo. O homem, ser trabalhador, é o criador de uma nova realidade, de uma supernatureza cujo produto mais extraordinário é o espírito. O ser trabalhador eleva-se pelo trabalho ao nível de ser pensante; o pensamento (isto é, o espírito) é o resultado necessário do metabolismo mediado do homem com a natureza. Pelo trabalho, o homem transforma o mundo como um mágico: o pedaço de madeira, o osso, o silex são formados à semelhança de um modêlo e se transforma, assim, no próprio modêlo: os objetos materiais se transformam em signos, em nomes e em conceitos, o homem se transforma de animal em homem.

Esta magia que está na raiz mesma da existência humana e que cria um sentimento de impotência ao mesmo tempo que a consciência do poder, o temor da natureza ao mesmo tempo que a faculdade de dominá-la, é a própria essência de tôda arte. O primeiro fabricante de instrumentos, quando deu forma nova à uma pedra para colocá-la a serviço do homem, foi também o primeiro artista. O primeiro doador de nome foi também um grande artista quando distinguiu, na imensidão da natureza, um objeto, domesticou-o por meio de um signo e o transmitiu aos outros homens como instrumento de poder. O primeiro organizador que sincronizou o processo de trabalho por meio de uma salmódia rítmica e aumentou assim a fôrça coletiva do homem foi artista profético. O primeiro caçador que se disfarçou em animal e que, graças a esta identificação com a prêsa, aumentou a produtividade da caça, o primeiro homem da idade da pedra que marcou um instrumento com ornamentos especiais, o primeiro chefe que estendeu uma pele de animal por cima dos blocos de pedra para atrair animais da mesma espécie, todos êsses criadores foram antepassados da arte.

O poder da magia

A descoberta apaixonante do fato de que os objetos naturais podiam ser transformados em instrumentos capazes de influenciar e de modificar o mundo exterior, conduziu a outra idéia no espírito do homem primitivo, eternamente em vias de experimentar e de despertar lentamente o seu pensamento: a de que poderia realizar igualmente bem, com o auxílio de instrumentos mágicos, o impossível, e que a natureza poderia ser "enfeitiçada" sem o auxílio do trabalho. Impressionado pela importância enorme da semelhança e da imitação, deduziu que quase todos os objetos similares eram idênticos, e que seu poder sôbre a natureza, por meio da imitação poderia ser ilimitado. O poder recentemente adquirido de apreender e dominar os objetos, de impulsionar a atividade social e de provocar acontecimentos por meio de signos, imagens e palavras, levou-o a crer que o poder mágico da linguagem era infinito. Fascinado pelo poder da vontade, que prevê faz surgir coisas que ainda não existem e que só têm realidade enquanto idéias no cérebro, passou a atribuir um poder ilimitado e de imenso alcance aos atos da vontade. A magia da fabricação de instrumentos levou-o inevitàvelmente a tentar estender a magia ao infinito. A arte foi um instrumento mágico e ajudou o homem a dominar a natureza e a desenvolver relações sociais. Seria errado, entretanto, explicar as origens da arte apenas por êste elemento. Cada nôvo elemento qualitativo é resultado de um conjunto de relações novas. A atração dos objetos brilhantes (que age não apenas sôbre os sêres humanos mas sôbre os animais) e a atração irresistível da luz têm talvez seu papel no nascimento da arte. A sedução sexual, (as côres brilhantes, os odores vivos, os pelos e plumagens esplêndidos do mundo animal, os adornos e os belos trajes, as palavras e os gestos sedutores no homem) talvez tenham servido de estímulo. Os ritmos da natureza orgânica e inorgânica, (o do coração, o da respiração, o das relações sexuais), o retôrno rítmico dos processos e elementos formais e o prazer que êles proporcionam, e, em particular, os ritmos do trabalho, devem ter desempenhado papel importante. O movimento rítmico ajuda o trabalho, coordena o esfôrço e une o indivíduo ao grupo social.

Cada ruptura de ritmo é desagradável porque perturba os processos da vida e do trabalho; e vemos assim o ritmo integrar-se na arte como a repetição de uma constante, como proporção e como simetria. Por fim o temível, o assustador, constitui elemento essencial das artes, pelo que inspira o mêdo e pelo poder que se lhe atribuiu de exercer domínio sôbre o inimigo. Explicitamente, a função decisiva da arte foi a de exercer um poder: poder sôbre a natureza, poder sôbre um inimigo, um parceiro sexual, poder sôbre a realidade, poder de reforçar o coletivo humano. A arte, na aurora da humanidade, tinha pouco a ver com a beleza e nada a ver com o desejo estético: era uma arma mágica do coletivo na sua luta pela sobrevivência.

Seria errado sorrir das superstições do homem primitivo ou de suas tentativas de domesticar a natureza pela imitação, a identificação, o poder das imagens e da linguagem, a feitiçaria, o movimento rítmico coletivo etc. Claro, pois apenas começava a observar as leis da natureza, a descobrir a casualidade, a construir um mundo consciente de signos sociais, de palavras, de conceitos e de convenções e logo desembocou em numerosas conclusões falsas e, desorientado pela analogia, forjou um grande número de idéias inteiramente erradas (que subsistem em grande parte, de uma maneira ou de outra, na nossa linguagem e na nossa filosofia). E, no entanto, criando a arte, descobriu um meio real de aumentar seu poder e de enriquecer a sua vida. As danças tribais frenéticas antes da caça aumentavam realmente o sentimento de poder da tribo; as pinturas de animais nas cavernas contribuíam para dar ao caçador uma sensação de segurança e de superioridade sôbre sua prêsa. As cerimônias religiosas com suas convenções severas contribuíam verdadeiramente para inculcar uma experiência social em cada membro da tribo e para integrar cada indivíduo no coletivo. O homem, a criatura fraca diante de uma natureza perigosa, incompreensível, aterrorizante, foi muito ajudado pela magia em seu desenvolvimento.

A magia original diferençou-se insensivelmente em religião, ciência e arte. A função mimética se modifica aos poucos; partindo da imitação destinada a conferir um poder mágico, veio substituir por cerimônias os sacrifícios sangrentos. Certas canções primitivas são pura magia — mas quando certas tribus aborígenes da Austrália parecem preparar-se para atos de vingança, quando na verdade estão apaziguando os mortos por intermédio de uma mímica, aí já se tem uma transição para o drama e para a obra de arte. Exemplo: os negros Djogga derrubam uma árvore. Chamam-na de irmã daquele homem sôbre cujo terreno cresce. Representam os preparativos da derrubada como se fôssem os do casamento de uma irmã. Na véspera do dia em que se dará o corte, trazem-lhe leite, mel e cerveja e dizem: Minha filha que parte, minha irmã, dou-te um marido que se casará contigo. Quando se corta a árvore, seu proprietário começa a lamentar: "Você roubou a minha irmã." Aqui, a passagem da magia à arte é evidente. A árvore é um organismo vivo. Ao abatê-la, os membros da tribo se preparam para ressuscitá-la, assim como a iniciação e a morte são consideradas como a ressurreição do indivíduo saído do corpo maternal da coletividade. É uma representação delicadamente equilibrada entre a cerimônia séria e o jôgo artístico; a tristeza simulada do proprietário contém o eco de um terror antigo e de imprecações mágicas. O rito das cerimônias conservou-se no drama. A identidade mágica do homem e da terra está igualmente na origem do costume muito espalhado de sacrificar o rei.

O estatuto real nasceu, como o provou Frazer, em primeiro lugar da magia da fertilidade. Na Nigéria, os reis não eram a princípio senão consortes da rainha. As rainhas precisavam conceber para que a terra frutificasse. Quando os homens (considerados como representantes terrestres do deus-lua) acabavam de cumprir seu dever, eram estrangulados pelas mulheres. Os hititas espalhavam o sangue dos reis assassinados pelos campos e sua carne era comida por ninfas (as auxiliares da rainha) que vestiam máscaras de cadelas, de jumenta e de porca. Quando o matriarcado se transformou em patriarcado, o rei se apoderou cada vez mais dos podêres da rainha. Vestiu trajes femininos e ornamentou-se de seios para representá-la. Matava-se em seu lugar um "interrex" e finalmente êste "interrex" foi substituído por animais. A realidade tornou-se mito, a cerimônia mágica transformou-se numa representação religiosa e por fim a própria magia tornou-se arte.

A arte não foi um produto individual mas coletivo, embora os primeiros traços individuais tenham feito sua tímida aparição na pessoa do feiticeiro. A sociedade primitiva representava uma forma densa, estreitamente ligada, do coletivismo. Nada era mais terrível que o ser rejeitado da coletividade e ficar sòzinho. Para o indivíduo, separar-se do grupo ou da tribo significava a morte: a coletividade significava a vida e os seus conteúdos. A arte, sob tôdas as formas (linguagem, dança, cantos rítmicos, cerimônias mágicas), era a atividade social por excelência, comum a todos e elevando todos os homens por sôbre a natureza e o mundo animal. E êste caráter coletivo, jamais o perdeu completamente, mesmo muito depois que a coletividade primitiva se desfez e foi substituída por uma sociedade de classes e de indivíduos.

(Conclusão da pág. 2)

lher entre os cadeiras largas e os pretinhos.

"Olha ali um pretinho bem magro", dizia, "parece capaz de fazer um pouco de fôrça. Olha aqui, menino. Me empurre com a menininha até o cais e depois volte."

As almofadas eram de veludo vermelho com orvalho por cima. Puss se recostava nelas e tomava a minha mão na dêle. Não havia em sua mente qualqer hesitação entre o olhar para as vitrinas ou para o lado vazio, onde não havia coisa alguma brilhando a não ser o mar.

"Como é seu nome, Charlie?", perguntava Puss sem se voltar para o pretinho que nos empurrava. "Meu nome é Charlie", respondia o menino, o rosto a pingar como piche ao sol.

"Como é seu nome, menino?", dizia Puss de nôvo e o menino respondia: "Meu nome é menino." "Como é seu nome, garotão?" "Meu nome é garotão." O menino nunca sorria, o pretinho. Era magro como uma sombra mas mais escuro e empurrava e suava, empurrava o carro até o cais e voltava, no meio das pessoas. Se você olhasse para o mar durante um minuto, veria o seu rosto no canto dos olhos, prêto como uma asa de morcêgo, balonçando a cabeça como uma flôr pesada e negra.

Mas de manhã cedo era o único que vinha até a areia e se sentava embaixo das traves do passeio, indolente, com todos os membros enlanguescidos. Tinha ossos compridos; ficava à tôa, com as roupas enrugadas no pulso e nos tornozelos, as pernas dobradas, olhando o mar.

"Eu poderia ser rei, se quisesse", era o que me dizia.

Talvez eu tivesse doze anos de idade, dez, talvez, quando ficara perto dêle mordiscando biscoitos de cachorro. As vêzes, quando a gente os partia em dois, caía um bichinho e o menino prêto levantava seus dedos agudos e os jogava descuidadamente no chão.

"Já vi reis", êle disse, "com uma espécie de pano na cabeça e umas jóias aqui e aqui. Não eram mais prêtos do que eu, se eram tanto", êle dizia. "Eu podia ser qualquer coisa que resolvesse ser."

"O rei Nabucodonosor", falei, "êle não era branco."

O vento vinha do mar cheio de odôres estrangeiros. Era cedo, nenhum sinal humano fôra dado. Em cima ficavam as pranchas do passeio, sem roda ou passada que as fizessem ressoar.

"Se eu fôsse rei", dizia o menino prêto "eu não faria muita questão de ficar aqui."

Grandes bichos de cristal gelatinoso tremiam em cem côres diferentes sôbre as areias à nossa volta. Os cachorros vieram, pulavam por cima dêles e quando me viam, parado, retrocediam como gaivotas na direção do mar.

"Eu viajaria por aqui e por ali. Mudaria de hábitos. Não teria vontade de ficar empurrando carrinhos. Talvez até deixasse de dormir aqui na areia."

O cabelo dêle fazia pequenos caracóis na cabeça. Seu pescoço era mais comprido e mais bem torneado que o de um homem branco e seus dedos corriam pela areia como os pés azuis de um pássaro.

Ou se você chegasse quando o céu estivesse estrelado, você o via ali na escuridão bem nítida. Eu tinha liberdade de sair o quanto quisesse, pois cada vez que ultrapassava o portão, os cachorros me seguiam. De noite, êles sacudiam o gôsto da casa de seus pêlos e corriam pela areia. Lá estava êle, de pernas dobradas, à tôa.

Talvez a costa tenha mudado, agora, pois já então se transformava. O farol que ficava lá fora, perto da barra, era já então uma tocha acesa no meio da cidade. E as correntes profundas do mar se podem ter alterado de modo que as águas mais claras corram noutra direção, e talvez se tenham construído casas ali onde era a beira do precipício. Mas naquele tempo o precipício era tão perigoso que cada palavra que o menino dizia caía numa caverna de beleza.

"Vi camelos, vi zebras", dizia. "Eu poderia ter pegado qualquer um, se tivesse tido vontade."

A rua estava tão quieta e tão larga que quando Puss saiu da casa, ouvi-o tossir um pouco no ar salgado. Ele não tinha intenção de sujar as solas de suas botas, mas veio pela rua à minha procura.

"Se você quiser ir comigo, tomaremos uma cadeira e veremos o brilho dos cinqüenta e sete sinais luminosos", êle disse.

E depois viu o menino prêto, sentado em silêncio. Sua voz se encurtou e êle pôs o braço no meu. "Talvez não seja boa idéia. Vi um carvalho pequenino na vitrina do japonês, ontem. Vamos até o passeio dar uma espiada."

"Sabe, acho que êste menino poderia te causar algum mal."

"Que espécie de mal?", perguntei.

"Bem", disse Puss, com guirlandas de luz a brilhar em volta dêle, "talvez êle te roubasse algum dinheiro."

"Ora, como é que êle faria isto? Nós só ficamos ali conversando."

"Vocês conversam sôbre o quê?" Puss me examinou de perto.

"Não sei. Não parece muita coisa, assim para contar."

Na manhã seguinte, o fardo de suas palavras pesava no meu coração. Fui sòzinha até o estábulo e pensei que se Puss estivesse mal à vontade poderia olhar pela janela e me ver passeando forte e firme, por um dia ou dois. Depois, pensei, eu me sentaria de nôvo na areia e conversaria com o menino. Mas quando saí, vi-o sentado ali à tôa, despreocupado, olhando o mar fresco e largo. Tinha comido amendoim e espalhara as cascas à sua volta. Os cachorros seguiam a égua, mordendo a espuma da maré. A égua estava assustada como um pássaro naquele dia. Quando a fiz parar perto do menino, empinou a cabeça. Os olhos do menino brilhavam. "Eu Ia ser jóquei, mas desisti."

Desci por um lado enquanto êle subia pelo outro.

Quando montei outra vez no cavalo, fui de nôvo para o passeio.

"Vou fazê-la saltar o obstáculo. Você vai ver como ela o ultrapassa. Vou levá-la para baixo do passeio para dar bastante espaço."

Fustiguei seu pescoço com a ponta do chicote e a égua se dirigiu para as vigas pesadas e pretas. Galopava por baixo do passeio quando os cachorros vieram pela praia como loucos. Tinham caçado um gato e agora o perseguiam, uivando, levantando uma asa de areia branca e quando a égua os viu debaixo de suas pernas, atirou-se para o lado com leveza e terror e se jogou contra uma arcada de ferro.

Durante muito tempo nada ouvi senão a melodia de alguém chorando, sem saber se era a minha mãe morta a me confortar ou o vento a me lamentar no lugar onde caíra. Fiquei dormindo na areia; sentia-a correr com minhas lágrimas entre os dedos. Balançaram-me num berço de amor, me ninaram com tristeza.

"Ó meu anjo, meu carneiro!". Tristeza, tristeza, chorava o vento ou a maré ou minha própria gente perto de mim. "Ó, carneiro, carneiro." E pude sentir os dedos rápidos do amor a desmancharem o nó terrível de dor que me amarrava a cabeça. E pus meus braços em volta dêle e me deitei perto de seu coração reconfortado. Puss estava vivo então, e quando encontrou o menino prêto a me carregar para casa, deu-lhe uma tapa na bôca.

Imprensa

O acadêmico furor acadêmico

Nunca morreu tanto acadêmico em tão curto prazo, como agora. A primeira e a segunda gerações da Academia Brasileira de Letras estão revelando que nem tudo, nêles, é imortal. Como é natural, choramos a perda dêsses bons velhinhos. Numa sociedade que arranca para o desenvolvimento econômico, os padrões de julgamento se transformam. Um banqueiro tem muito mais audiência, junto às colunas especializadas, que um pobre literato. Mesmo os prêmios literários vão tomando nomes de seus doadores. Já não enfrentamos moinhos de ventos, mas moinhos de café e de trigo. A nós os insensatos não mais esbarra em bancos de areia, mas em bancos mineiros propriamente ditos. De modo que a morte de um acadêmico constitui uma oportunidade, agora não muito rara, de pensarmos e de homenagearmos pessoas realmente puras, imunizadas, por uma crença em valôres não utilitários, contra os horrores de uma competição que tudo mercantiliza, inclusive a própria glória.

Mas enquanto choramos os bons velhinhos — ó tempos, ó costumes — os sabidinhos vão impondo sua presença, empurrando parentes dos mortos nas cerimônias fúnebres, tudo para se credenciarem num dos escrutínios para escolha dos novos acadêmicos. Jorge Amado costuma contar, na intimidade, o que foi a luta de Afrânio Coutinho para chegar à imortalidade. Enquanto disputava essa honraria, Afrânio não perdia entêrro de acadêmico. Chorava feito parente próximo à sombra das sepulturas em flôr, e de chôro em chôro foi aglutinando fôrças até se tornar imbatível como candidato. Hoje, Afrânio é acadêmico mas, para muitos postulantes, não passa de uma vaga em potencial.

Agora mesmo, duas vagas despertam, na Academia, a cobiça das glórias mal construídas. É na abertura de vagas que se descobre quantas vocações acadêmicas pulam e pululam em nosso volta. Gente pacata, que acreditávamos conformada com a áurea mediocridade latina, de repente, não mais que de repente, quer apoio, quer voto, quer promoção, badalação. Isto sem falar nos filhotes de acadêmicos, nos acadêmicos enrustidos que, por falta de votos, sempre abrem mão de suas candidaturas na esperança de somarem mais tarde. Conhecemos um crítico que já por onze vêzes abriu mão de sua candidatura em benefício de outros, logo acadêmizados. Êsse crítico aplica o golpe da desistência. Com mais umas oito ou nove "renúncias" e fiado no reconhecimento dos que se elegeram com o seu sacrifício, êle espera ser sagrado num primeiro escrutínio. Sua preocupação, agora, é velar pela saúde dos acadêmicos com cujos votos conta e encomendar despachos para outros que não sabem apreciar o seu valor.

Mas existem modalidades menos sinistras de aspirar à academicidade. A mais honesta delas é, sem dúvida, a de mostrar que se está, na ocasião da abertura de vagas, em pleno esplendor da criação literária. Mobilizam-se os manuscritos, as edições esgotadas (muitas vêzes pelo Instituto Nacional do Livro), os críticos e os noticiaristas amigos e tome inéditos.

Domingo passado, por exemplo, o "Jornal do Comércio" abriu página inteira para poemas de Odilo Costa, filho. O Odilo é êsse amor de criatura que todos conhecemos. É um dos poucos brasileiros civilizados, se tomarmos a expressão civilização como sabedoria para manipular os fatos da cultura em proveito de uma convivência mais amável ou menos estúpida. Mas Odilo sempre teve e sempre estimulou uma duvidosa vaidade literária. De modo que não surpreende a sua decisão de candidatar-se à vaga deixada por seu conterrâneo Viriato Corrêa. Odilo é candidato e como tal precisa comportar-se. Daí, e usando a forma mais honesta de campanha, a divulgação intensa de sua atual produção literária. A página inteira do "Jornal do Comércio" do último domingo traz essa marca. Até aqui, Odilo era poeta bissexto. Como é candidato e não ficaria bem um acadêmico bissexto pois a imortalidade não admite uma existência espasmódica, Odilo anuncia também um livro de poemas, de lavra portuguêsa — "Tempo de Lisboa". É dêsse livro que o "Jornal do Comércio" retira os poemas que agora lemos.

Não acabe aqui uma apreciação dos poemas. Êles não são endereçados à crítica, nem mesmo à literatura. Êles caminham para a Academia, como o pretexto que os amigos de Odilo esperavam para fazê-lo ou revelá-lo acadêmico. Isto mesmo. Não se faz um acadêmico, êle acontece. O diabo é que para êle acontecer, há necessidade de que outro desapareça. "Tempo de Lisboa", que nos perdoe o bom Odilo, é tempo de academia. E tempo de academia é tempo de murici: cada um cuida de si.

Livros

A doença metafísica do mundo

Anuncia o "Jornal de Letras" que uma editôra brasileira lançará, pròximamente, o primeiro livro de Colin Wilson — "The Outsider". Não se trata de um romance, mas de um longo ensaio escrito por um jovem de 24 anos — Colin Wilson está hoje com 35, o que prova o atraso do nosso movimento editorial — para desmistificar a chamada cultura ocidental e mostrar que os valôres em que ela se assenta são incompatíveis com a plena afirmação do indivíduo. Ser "sadio" na sociedade ocidental de hoje é estar doente, parece dizer o autor. As verdadeiras raízes do homem, aquelas que não foram contaminadas pela civilização do lucro, só podem ser encontradas nas obras e no pensamento dos artistas e dos filósofos tidos como malditos ou loucos. Colin Wilson, é bom que se diga, pertence a uma geração de inglêses que não teve muitas razões para acreditar na tradição. Essa geração de "angry young man" assistiu à liquidação do velho império britânico e teve que suportar a humilhação de Suez como um símbolo da impotência militar inglêsa. Êsse longo processo de deterioração da imagem inglêsa teria, necessàriamente, que se refletir na literatura e nas artes. A fleuma cedeu lugar à agressão e, não raro, ao desespêro. E' essa agressão que se exprime no teatro, no romance e no ensaio do "angry" e que transforma a juventude inglêsa de hoje na mais desvairada de tôdas. E' essa agressão que domina a música dos "beatles". Uma agressão sem saída institucional.

O livro de Colin Wilson serviu para exprimir, melhor do que nenhum outro, êsse desencanto pela tradição, êsse incômodo diante de uma sociedade estratificada sôbre o absurdo mas pronta a reagir diante de qualquer tentativa de desmistificação. Cada época tem seu estilo de herói, na qual ela se reflete e se reconhece. Para Colin Wilson o herói do nosso tempo é o "Estrangeiro". Depois de Albert Camus, e reivindicando a tradição de Camus, é isto o que pretende provar o livro de Colin Wilson. O "outsider" é o homem que tem o sentimento agudo do absurdo da vida e sabe que atrás da "ordem" em que acredita a maioria das pessoas nada mais existe do que o caos, a anarquia e o irracional. Para desenvolver a sua tese, Colin Wilson se serve, em primeiro lugar, da própria literatura contemporânea onde vai buscar os traços mais profundos de seu herói. Êle se serve, por exemplo, do "L'Enfer" de Barbusse, da obra de H. G. Wells, do "L'Etranger", de Camus, dos primeiros romances de Hemingway.

A atmosfera em que vive o "estrangeiro" é extremamente rarefeita. Êle vê o mundo com os olhos lúcidos de um adulto e nisso se distancia dos malditos do século passado. O que fazia a maldição dêstes era a impossibilidade de admitir a idéia de que a natureza humana é perversa, já que tôda a filosofia de então defendia a perceptibilidade do homem ao infinito. Para estabelecer essa diferença, Colin Wilson traça o retrato do "outsider" romântico, através do Werther de Goethe e das obras de Schiller, Hoelderlin, Rimbaud, Mallarmé, Rilke e Proust.

Mas o problema com que se defronta o "outsider" é um problema vivo, atual, e Colin Wilson, desprezando a literatura, procura alguns "intermediários" cujas vidas permanecem como um exemplo. Êle escolhe Van Gogh, T. E. Lawrence e Nijinsky. O primeiro e o último tornaram-se loucos. E o verdadeiro "suicídio moral" de T. E. Lawrence equivale à loucura de Nijinsky. A conclusão mais importante a tirar dessa análise é que a necessidade mais profunda do "estrangeiro" é deixar de sê-lo. Apenas, êle não pode deixar de ser "estrangeiro" tornando-se um burguês. A resposta à angústia do "Outsider" só poderá ser encontrada, segundo Colin Wilson, na religião da liberdade. Por enquanto, entretanto, "ser sadio de espírito" significa não ser livre. Colin Wilson procura, — então, através de Nietzsche, Tolstoi e Dostoievski a resposta para o problema que êle coloca. Êle pensa, depois, encontrá-la em alguns homens religiosos que, entretanto, recusaram a ortodoxia de seu tempo: um George Fox, um William Blake. E' também em Ramakrishna, como em Cristo — os que vão aos extremos — que o "Outsider" pode encontrar um exemplo. "Meu objetivo, diz Colin Wilson, não é propor uma solução completa e infalível aos problemas do "estrangeiro", mas sòmente mostrar que soluções tradicionais ou tentativas de solução, existem".

Êste livro brilhante, que atraiu para seu autor a atenção de tôda a crítica inglêsa, não é apenas um vasto panorama das idéias de revolta e das obras essenciais do século passado e da primeira metade dêste: é também, e sobretudo, um testemunho da doença metafísica do mundo de hoje. Algumas das teses colocadas nesse livro encontram melhor tratamento e até algumas respostas no segundo ensaio de Colin Wilson: "Religion and the Rebel".

REGISTRO

POEMAS DA LIBERDADE, de Edmundo Moniz, editado pela Civilização Brasileira. Trata-se de uma antologia de poemas de Dante até Brecht e, como o nome da coletânea indica, subordina-se ao tema da liberdade, mais que oportuno num tempo como o nosso. Estão representados Paul Eluard, Goethe, Racine, Shakespeare, Heine, Whitman, Maiakovsky, Lorca, Evtuchenco, Durenmatt, Bretan e Guillén.

Capa a três côres, de Marius Lauritzen Bern, muito boa. Formato 14x21cm, 122 páginas, NCr$ 5,00.

SOB DEZ BANDEIRAS (The German Raider Atlantis), de Wolfgang Rank e Bernhard Rogge, traduzido por Murillo Mallet Soares e editado pela Dinal. Fantástica história de um navio corsário alemão, narrada por seu capitão, Bernhard Rogge, cujo barco, o Atlantis, tornou-se o mais temido durante a segunda guerra mundial. Equipado como um cruzador-auxiliar, com seus canhões, metralhadoras e até um avião de reconhecimento de tal modo camuflados que parecia um inocente cargueiro, mudava descaradamente de bandeira, podendo num mesmo dia, hastear bandeira holandesa, japonêsa, norueguesa e até mesmo britânica. Estava em condições de viajar durante dois anos e era conduzido por uma tripulação altamente especializada. O Atlantis afundou 140.000 toneladas de navios aliados, Capa a 4 côres, correta, acadêmica, de Paulo Marinho. Formato 14x21cm, 270 páginas. NCr$ 7,00.

AS MINAS DE PRATA (14x21cm, 825 páginas, NCr$ 6,00).

O GUARANI (14x21cm, 368 páginas, NCr$ 5,00).

O GAÚCHO (14x21cm, 244 páginas, NCr$ 2,00).

SONHOS D'OURO (14x21cm, 252 páginas NCr$ 2,00).

O SERTANEJO (14x21cm, 308 páginas, NCr$ 2,50).

SENHORA (14x21cm, 256 páginas, NCr$ 2,00).

IRACEMA (14x21cm, 124 páginas, NCr$ 2,00).

José de Alencar foi nosso primeiro ficcionista a tratar a língua literàriamente. E' geralmente apontado pelos críticos como o pai dessa família espiritual que continuou em Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Alguns dos títulos acima editados pela Letras e Artes são indispensáveis a todos os que se interessam pór ficção brasileira. O Guarani, Senhora e Iracema são os mais bem sucedidos junto ao público.

A MÁFIA POR DENTRO (The Honoured Society), de Norman Lewis, traduzido pelo Coronel Humberto Freire de Andrade e Carlos Alberto Rodes e editado pela Civilização Brasileira. Mais um livro sôbre a Máfia, com as mesmas revelações dos que o antecederam. Capa a 4 côres, de Morius Lauritzen Bern, da pior qualidade Formato 14x21cm, 248 páginas, .. NCr$ 7,500

O VISITANTE E OUTRAS HISTÓRIAS (The Night Visitor and Other Stories), de B. Traven, traduzido por Cláudio Ribeiro de Castro e editado pela Dinal. B. Traven é autor de considerável obra, cujo título mais conhecido é "O Tesouro da Serra Madre", que resultou em um espetacular êxito cinematográfico do diretor John Huston. As histórias que compõem êste volume são passadas no México, onde o autor mora. Escrito com alta categoria. Capa de 4 côres, de Arnaldo Vieira, sem nenhuma invenção. Formato: 14x21cm, 246 páginas, .. NCr$ 5,50.

Quadrinhos

Tio Patinhas capital e usura

Alguém levantou a hipótese de que, em cem anos, a literatura do século vinte, a contemporânea, será estudada, examinada, dissecada pelos futuros estudiosos (e que Deus os proteja) principalmente com base nas histórias em quadrinho. Pode ser que seja exagêro, mas pode ser que não. Afinal com tantos novismos, pelo menos o romance, para dar um exemplo, tornou-se hoje em dia uma espécie de janela onde se debruça, com muita saudade e alguns suspiros: dêle se tem muito mais lembranças nostálgicas, álbuns de fotografia e histórias lendárias. Quem faz ficção atualmente propõe mais enigmas que a esfinge e pouca gente tem paciência de decifrá-los. Paciência e mais: confiança de alguma compensação no final, pois pode acontecer que depois de ter lido um romance-noveau surja o minotauro e resolva, pachorramente, devorar o leitor e, como nas histórias de Monteiro Lobato, ainda por cima lamber os beiços, satisfeito com o sabor "bolinho de bacalhau" especialidade da tia Anastácia. Bem, mas ainda não é de Lobato que vamos falar nem dos perigos escondidos na ficção guerrilheira dos autores hodiernos. Trata-se, pura e simplesmente de um personagem que por certo será muito bem estudado pelos futuros críticos-filósofos-psicólogos-pensadores-sociólogos, etc.: o Tio Patinhas, fruto da riquíssima árvore genealógica dos trabalhos de Disney, representante digno de um mundo muito nosso conhecido. Todo mundo sabe que Patinhas é o pato mais rico do mundo e ao mesmo tempo o mais avarento, o mais máu caráter, apesar de estar sempre disfarçado (sem que no fundo êle queira) no pato mais coração de ouro.

O sentimentalismo de Patinhas é incrível. Só que é preciso compreender bem — nunca é sentimental por causa dos outros mas por causa dêle próprio. O seu primeiro trabalho, a sua primeira moedinha, o seu primeiro dólar estão sempre muito bem guardados em estufas, emoldurados, cobertos com redomas especiais. Sempre que olha para essas prendas, êle se torna o mais feliz dos mortais, pois elas o lembram sempre do quanto teve de lutar para se tornar o maior do mundo. Está claro que quando a Maga Patológica e outras bruxas tentam roubar a moedinha da sorte, Patinhas quase enlouquece. Sem ela pode acontecer uma desgraça — a pobreza.

"O Mais Rico do Mundo" é uma das últimas e mais bem achadas aventuras do quaquaquatribilionário (ou coisa que o valha). Dois representantes de Patópolis vão procurá-lo para pedir ajuda financeira a fim de ser erigido um monumento a Cornélius Patus, "a quem esta comunidade tudo deve", mas Patinhas, como sempre, péssimamente humorado grita do alto da sua mansão — "vão arrancar dinheiro de outro pato, que o meu me custou ganhar" e ainda "e nem por os oduvidem que eu seja o mais rico do mundo". Mas ah, o orgulho do tio Patinhas!

Para ser considerado o mais rico do mundo, para ser visto, notado como o mais poderoso, o mais pato, êle não não tem mêdo de gastar fortunas. E' a única hora em que realmente esbanja seus quaquatrilhões. "Vou ter que desperdiçar alguns milhões, mas provarei a todos que sou realmente o mais rico, diz alguns quadrinhos depois, com as mãos à cintura, sôbre uma montanha de sacos de dinheiro e após ter dado os seus mergulhos recuperadores entre profusões de dólares.

E' que chegara a Patópolis, pronto para colaborar na construção da estátua de Cornélius Patus, o Marajá Ramadutra, o homem considerado mais rico do mundo. Patinhas admite que alguém seja mais do que êle? Jamais. No dia da inauguração do monumento do Marajá, um outro é descoberto e tem duas vêzes o tamanho da estátua oferecida pelo visitante estrangeiro. Quem construiu? Patinhas, que não aparece oficialmente mas fica escondido por trás de uma árvore saboreando a vitória. Não quer homenagens, quer sempre que reconheçam sua supremacia, as suas piscinas, rios, cofres abarrotados do vil metal.

Nova seqüência de quadrinhos e vemos Patinhas e o Marajá na maior luta para provar quem pode mais: estátuas gigantescas se sucedem. O Marajá manda buscar elefantes carregados de pedras preciosas, o pato mais rico ri, felicíssimo, de dentro do ôco de uma árvore. E enquanto Patópolis participa euforicamente da disputa, vai ganhando imagens de Cornélius que não querem dizer nada. Até que não podendo mais, os dois lutadores partem para a maior jogada. A cidade presente, o Marajá inaugura uma estátua gigantesca de ouro maciço simbolizando a sua própria figura. A vibração é geral. Chega a vez de Patinhas, êste púxa a cortina que cobria o seu monumento — espanto: apenas uma cartola de diamantes. Mas o pato é sabido e deixa o melhor para o fim. Puxa uma alavanca e subindo com a cartola, uma esplêndida estátua gigantesca do Tio, tôda feita de platina e diamantes. Ovação geral.

Patinhas gànha a parada mas deixa o Marajá de tanga sem um tostãozinho qualquer. Nôvo quadro e o visitante está morrendo de rir vendo os cofres vazios do pato — "seu tesouro também se acabou" ao que Patinhas, muito bem humorado, aperta um botão que abre uma porta e exclama "sob esta tampa há outro depósito de três andares" (de dinheiro é óbvio) A história acaba com o gordo Ramadutra pedindo esmola numa praça, ao fundo a estátua majestosa do Tio, em primeiro plano Patinhas e Donald: "o senhor poderia ter lhe dado uma moeda"... diz o sobrinho. Patinhas, furioso, corre atrás dêle de bengala em punho, péssimo — "Eu, dar uma moeda? Mas você está louco? Quer arruinar-me".

Aí está. Os que duvidarem que duvidem do material rico, pormenorizado, farto, fascinante que terão os futuros estudiosos. A luta pelo poder, a fantástica, melancólica, doce e sentimental luta pela grande estátua de platina e diamantes não está melhor colocada em nenhum romance dos nossos dias, apesar do material ser fartíssimo. Como Patinhas outros bons velhinhos (podem ser mocinhos também) se escondem cândidamente por traz das árvores só para terem a satisfação de ver o susto dos moradores da patolândia em receberem uma inesperada caridade, supérflua, mas cravejada de ouro e diamante. Não fôsse a preocupação do tio Patinhas com a Maga Patológica, os Irmãos Metralha, os desastres do Donald e outros fatos bem reais que põem em perigo a sua crescente fortuna e segurança, não só Patópolis mas todo o Cosmopatus estaria desgraçado.

Uma vez o tio Patinhas resolveu gastar seu dinheiro. Gastar por gastar. Esbanjou, esbanjou, esbanjou no mundo inteiro, mas quando voltou para casa estava duas vêzes mais rico. E' que todos os lugares que visitou, hotéis de luxo, indústrias potentíssimas, povos gananciosos para quem atirava moedas aos sacos, pertenciam a êle próprio. O pobre acabou fazendo um auto-investimento e isso não é sensacional?

Eis aí quadrinhos suficientes para dar muito pano para a manga dos futuros moços de cultura. Um dêles poderá até afirmar, como nos livros de história de hoje — "naquela época êles sofriam de um estranho complexo de poder, de uma incrível tendência à caridade. Erigiam estátuas de ouro e castigavam duramente os que não podiam ter estátuas semelhantes. Os patopolitenses no entanto parecem ter vivido felizes, sempre na esperança de poderem curar suas dores de cabeça esfregando à testa uma nota de dez mil cruzeiros novos, naquela época valendo quatro dólares e alguns cents."

CULTURA JS

Editado pelo JORNAL DOS SPORTS / Maio 12, 1967 / n.º 9 / Redação e pesquisa: Ana Arruda, Isabel Câmara, Léo Vitor, Oliveira Bastos, Reynaldo Jardim (direção), Vera Pedrosa (coordenação).

Sociologia

Urbanização e humanidade

O processo de urbanização é sumamente intenso na América Latina. Consideráveis massas de camponeses acodem às cidades, das Zonas Rurais que se caracterizam por seu elevado crescimento demográfico e seu atraso econômico e social.

E' fenômeno geral na América Latina a sociedade dual, ou seja, em quase todos os países coexistem: a) uma região moderna, urbana, onde está concentrada grande quantidade da população e a maior parte da indústria e do comércio, freqüentemente situada ao redor de um pôrto; e b) um hinterland rural, atrasado, tradicional, com todos os males do subdesenvolvimento.

O processo de urbanização nutre-se fundamentalmente das migrações internas, e acelerou-se muito nos últimos 30 anos. O modêlo ideal de uma sociedade de massas implicaria numa correspondência entre uma elevada taxa de urbanização e um elevado desenvolvimento industrial, uma alta taxa de modernização. Foi a indústria e suas necessidades de concentração da mão-de-obra uma das causas fundamentais da urbanização nos países desenvolvidos. Além disso, na Inglaterra e em outros países desenvolvidos, o processo de urbanização coexiste com melhorias técnicas no âmbito rural.

Na América Latina, entretanto, está se produzindo um fenômeno diferente. A grande afluência de migrantes, o processo de urbanização, não coincidem com um processo de industrialização relativamente intenso. Os emigrantes rurais não vão para as cidades atraídos por uma correlativa demanda de mão-de-obra industrial; são, em primeiro lugar, expulsos do campo pela saturação das deficientes explorações agrárias e, em segundo lugar, atraídos pelas melhores possibilidades de vida na cidade.

Nas últimas décadas produziu-se na América Latina uma relativa industrialização, mas esta não justifica o enorme crescimento urbano. Para compreender êste fenômeno da urbanização sem desenvolvimento deve-se analisar a estrutura agrária, a distribuição da terra e as condições de vida do homem rural; além disso, deve-se ter em conta o acelerado processo de mobilização, ou seja, a saída dos componeses da passividade e sua exigência de maior participação nas esferas econômicas, política e social.

O impacto das migrações maciças sôbre as cidades é diverso. O mais visível talvez seja a formação de povoações marginais, densamente habitadas, em tôrno dos núcleos urbanos. Estas "villas misério", "callampas", favelas ou "barriadas" concentram uma alta porcentagem de migrados, que vivem em condições miseráveis. Em muitos sentidos são uma espécie de área de transição na qual sobrevivem, na cidade, formas de vida e de relações próprias dos meios rurais tradicionais.

As grandes levas de pessoas que afluem às cidades, sem um correlativo processo de desenvolvimento econômico, criam um tipo especial de cidade, onde a estrutura tradicional não desaparece, mas se faz elástica, permitindo certas mudanças que a tornam adaptável a grandes concentrações urbanas. A estrutura tradicional perdura nas relações de trabalho, políticas e familiares. Predominam em muitas dessas cidades os sistemas de dominação de clientelas, caciquismo ou apadrinhamento. Os migrantes, à falta de ocupações modernas, colocam-se em boa parte no pequeno comércio, nos empregos públicos e no trabalho doméstico. A organização industrial tendeu a adaptar-se à abundância de mão-de-obra, predominando a pequena ou média emprêsa, próximas às formas de organização artesanal.

A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, da ONU) assinala quatro mecanismos estruturais que caracterizam êste processo de urbanização latino-americano das últimas décadas: a) sobrevivência das estruturas produtivas e comerciais tradicionais; b) expansão da população ocupada na prestação de serviços; c) manutenção dos padrões familiares tradicionais, e d) aparecimento de uma população marginal.

Sôbre o outro pólo do processo, a estrutura rural, a CEPAL destaca o caráter ineficiente da emprêsa agrícola e as condições sanitárias, alimentícias e de moradia infra-humanas em que vivem os 150 milhões de camponeses latino-americanos.

Os mexicanos Sérgio Bagú e Epifanio Palermo analisan os processos migratórios em relação com os estruturas da região. Os fatôres que originam a migração foram por êles grupados em três:

1) A grande concentração de terra. O regime da grande propriedade condiciona formas anti-econômicas de exploração agrária que estimulam a migração rural-urbana.

2) A incidência das condições desfavoráveis do comércio internacional para os produtos primários, e a influência que o tipo de demanda dos países importadores tem exercido sôbre a estrutura produtiva latino-americana e os movimentos de mão-de-obra. Intensifica-se a migração quando os preços internacionais estimulam um tipo de produção rural que requer pouca mão-de-obra.

3) A miséria campesina. No Brasil, segundo dados da FAO (1963), a renda média dos setores não-agrícolas é de 400 dólares anuais, enquanto a do setor agrícola é de apenas 110 dólares anuais. Na região do Nordeste, fonte das maiores migrações, a renda dos trabalhadores do açúcar é de apenas 30 dólares anuais.

Os diversos trabalhos sôbre o processo de urbanização, suas causas e conseqüências, descobrem grandes semelhanças nos diversos países da América Latina — é a conclusão geral do trabalho sôbre "Sociologia das migrações", publicado na revista "Aportes", de estudos latino-americanos, editada em Paris.

Teatro

Vá ver a meia volta

Meia Volta Vou Ver, nôvo cartaz do Grupo Opinião, no Teatro de Bôlso. Trata-se — ainda uma vez — de um texto composto de fragmentos. Agora, os eleitos foram Vinícius, Stanislaw, Millôr, Drummond, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Mário e Oswald de Andrade. A fórmula é a já bem sucedida mistura de humor mais política mais música e documento. Na música os inevitáveis Chico Buarque de Holanda, Baden Powel, Capinã Torquato Neto e Macalé, além de canções, compostos especialmente para o filme Terra em Transe, de Sérgio Ricardo. Nos documentos, o insólito: voz de Castelo Branco e Roberto Campos em austeros discursos e trecho de uma carta de D. Helder, além de outra do Sargento Manuel Raimundo.

Todo êste material foi pesquisado e selecionado pela equipe do Grupo Opinião que confiou a Oduvaldo Viana Filho a tarefa de montá-lo segundo uma estrutura e um ritmo.

Além de Oduvaldo e Carvana, o texto é dito e cantado por Maria Lúcia Dahl, Suzana de Morais, Maria Regina e Odete Lara que vestem terninhos inspirados nos uniformes da Guarda Vermelha.

O espetáculo poderia chamar-se Brasil 67, pois focaliza o País depois da chamada revolução com todos os seus pequenos e cinzentos problemas do cotidiano.

Armando Costa é o diretor do "show" e é tão inteligente que ouve de todos, tudo. E' esta sua técnica de direção. E é mais, talvez seja mesmo o seu jeito de ser. E' amável, gordo com um ôlho doce, bovino. Agora arnou sua cara larga com uma barba que até o advento de Fidel seria chamada de profética. E apesar da barba ou talvez por causa dela, o seu ôlho ficou mais doce. Recusou dirigir "A Saida? Onde está a saida?" por não se sentir suficientemente maduro para dirigir uma peça tão complexa como, a seu ver, o é o atual espetáculo do Opinião. Seu trabalho anterior é longo e modesto porque gosta de trabalhar em equipe, não sendo portanto muito conhecido do grande público. Para nos referirmos apenas à fase do "G.O", êle participou como co-autor nos textos "Opinião", "O Bicho" e "A Saída?" e como diretor, junto com João das Neves, em "Samba Pede Passagem" e "Teleco Teco Opus 1". Um "show", segundo Armando, é diferente de uma peça. Muito mais fácil do ponto de vista da direção. Sente-se em condições de dirigir um "show", que é, a seu ver, assim como uma crônica. Leve, bem humorado, pode e (deve) dizer verdades. Êste "show" tem, como todos, uma estrutura e um desenvolvimento dramático que subordinam os textos a um tema geral. Tem certeza do sucesso dêste espetáculo. Êle é em tudo semelhante ao "Liberdade, Liberdade", mas não fará evidentemente, o mesmo sucesso porque texto e momento exato, foi o que determinou o êxito espetacular. Hoje, com a situação política mais tranqüila, "Liberdade; Liberdade" não teria o mesmo êxito.

Meia Volta Vou Ver tem direção musical excelente de Roberto Nascimento que é o único músico na peça e que toca violão durante o espetáculo.

Armando Costa ficou agradàvelmente surpreendido pela qualidade não só da música como da interpretação, pois só Odete Lara, no elenco, é contorq profissional. Contudo, os outros elevaram-se ao nível de Odete e o resultado foi dos mais felizes.

Quanto à marcação, o diretor teve que optar por cubos de borracha em vez de praticáveis fixos que limitavam demasiadamente os movimentos. Com os cubos, a marcação tornou-se evidentemente mais rica, com centenas de alternativas. Mas os atôres, deslocando-as, necessitam de uma grande coordenação e fixação da marca, uma vez que qualquer êrro ou atraso revelaria um esfôrço que seria desastroso para o efeito da cena.

A luz é da maior importância e tem recebido do diretor cuidadosa atenção. Trabalha só com "spots" e até com "mosquitos" no rosto do intérprete. Sua intenção é sugerir com a luz não só os cortes tão importantes em espetáculos dessa natureza, como também estabelecer espaços cênicos, inclusive subjetivos.

Em um "show" como Meia Volta Vou Ver, o que importa e o que confere qualidade, segundo acredita o diretor é o ritmo, o som e a luz. E é para que êste tripé de resultados esperados, que Armando Costa, com sua inteligência lúcida, e sua paciência infinita, vem trabalhando (e torturando os intérpretes) dezesseis horas por dia.